



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
Faculdade de Educação
Curso de pedagogia

Maria Luísa Bastos Pimenta Neves

MOSAICO DE UMA EXPANSÃO: MALAMBAS DE CAPOEIRA

Salvador
2009

Maria Luísa Bastos Pimenta Neves

MOSAICO DE UMA EXPANSÃO: MALAMBAS DE CAPOEIRA

Trabalho apresentado como requisito
para conclusão do curso de pedagogia
da Faculdade de Educação da
Universidade Federal da Bahia.

Orientadora:
Maria Cecília de Paula Silva

Salvador
2009

TERMO DE APROVAÇÃO

MARIA LUÍSA BASTOS PIMENTA NEVES

MOSAICO DE UMA EXPANSÃO: MALAMBAS DE CAPOEIRA

COMISSÃO EXAMINADORA

**Prof.Dr.
Universidade**

**Prof.Dr.
Universidade**

**Prof. Dr.
Universidade**

Salvador, 16 de dezembro de 2009

Dedico este trabalho à capoeira e aos que compreendem o valor imensurável de ouvir a ciência das boas malambas dos Mestres.

AGRADECIMENTOS

...Porque o agradecer é tão importante quanto o desejar:

À Maria Cecília de Paula, mestra flexível e intermediadora da autonomia de seus alunos. Poderia ser uma bela capoeirista para além da vida, na roda (...);

À Luciano, por todos os dias, todos os ensinamentos e todos os aprendizados;

À Jú e Ana, porque ‘quando a maré baixar’ será sempre as duas que irei ver;

À Luiz, Lúcia, Laura e Felipe, porque raiz é raiz e a linhagem é firme;

À Mestre Lua e Marijô, pela inspiração criativa;

À Mestre Nenel e sua escola, por permitirem a capoeira regional em minha vida;

À Mestre Olavo, pela paixão pela capoeira inscrita até o nome;

À Mestre Cafuné, pela amizade e malambas;

À Kleverton Bacelar, porque um dia me fez ver que a capoeira era práxis e poesis e pelo interesse e apoio à temática que escolhi;

À Valdete dos Santos, que coroa a linhagem de Santos e Anjos que me acompanhou nestes anos de estudo;

Aos entrevistados, pela disponibilidade e confiança no que seria feito de suas falas;

Aos amigos da capoeira, pelas horas cheias de prazer que nem vi passar;

Aos alunos e alunas, erês danados que pra aprender a entender, só brincando (...);

A todos que de alguma forma, contribuíram pela realização deste trabalho;

À força maior, que vem só e vem sempre.

MUITO OBRIGADA!

“Sou um cidadão considerado
E quero ser qualificado pelo "tum"
Do meu tambor.
Sou um cidadão do mundo
Sou cigano, vagabundo
Sou Brasil e já não sou
Porque o Brasil que eu vejo agora
Me disse para sair fora
Foi se embora e não voltou.
Até o meu Rio de Janeiro
Tá beirando o desespero
Já não tem para onde ir.
O Cristo Redentor, ali, parado
Atualmente, tá zangado
Preparado para sair.
Esteja em Paris ou na Alemanha
Minha tristeza é tamanha
Quando penso em meu país
Que é guiado pela gente estranha
O povo perde e alguém ganha
Assim não dá para ser feliz.
Eu que vivi minha vida inteira
Com a crença verdadeira
De que um dia ia mudar
Vejo o vazio na geladeira
Da minha gente guerreira
Que tem que se conformar.
Capoeira é coisa de escravo,
De pobre, de oprimido,
De homem trabalhador,
Apesar de hoje ser praticada,
E até mesmo disputada
Por barão e até doutor!
Eu que estando dentro, estava fora
Tô pensando em ir embora
Tô cansado de esperar
Talvez já tenha chegada a hora
Pois quando o guerreiro chora
Já tá pronto para lutar
Vou de aeroporto em aeroporto,
Bem cansado, meio torto
Carrego meu berimbau.
Sabem meu nome no mundo a fora
Mas o Brasil me ignora
Nunca saí no jornal.
Sou um brasileiro pequenino
Com alma de peregrino
Sem diploma de doutor
Faço meu destino com meu passo,
Se tem nó pego e desfaço
Também tenho meu valor!”
(Mestre Toni Vargas)

RESUMO:

A partir de entrevistas com profissionais atuantes na capoeira, este trabalho, um estudo inicial, discute alguns aspectos referentes à expansão desta arte. Um grande movimento existente hoje em dia, tem tornado a capoeira não mais restrita à população brasileira. O mundo pratica a capoeira e com isso várias questões se apresentam para reflexão de todos que participam direta ou indiretamente deste acontecimento. Questões como a preservação de seus fundamentos por um lado e a modificação de algumas de suas facetas por outro, trazem à tona uma discussão concernente a maneira como seus praticantes estão realizando tal expansão. Para entender um pouco que questões envolvem esse momento da capoeira, este trabalho procurou principalmente ouvir e expressar a opinião daqueles que vivem a capoeira no dia a dia, formando, então, um mosaico de opiniões e de depoimentos relacionados a esta temática, buscando ajudar o saber acadêmico na compreensão do saber popular.

Palavras-chave: Capoeira – Expansão – Território - Resistência Cultural – História oral - Saberes

ABSTRACT:

From interviews done with professionals of capoeira, this initial study, discusses some aspects related to this art's expansion. There's a great capoeira movement nowadays, which has made capoeira become not only Brazilian. The whole world practices capoeira and due to it, many questions come out for everyone's reflection, especially for those who participate on that directly or indirectly. Issues like the preservation of its basic rules and the modification of some aspects of its, bring up a discussion concerning the way its practitioners are expanding capoeira. For a better comprehension of the issues involved with this moment, this study tried to listen and express the opinion of those who have capoeira in their everyday lives, making up, then, a patchwork of opinions and speeches about this topic, trying to help the academic knowledge get to comprehend the popular one.

Key words: Capoeira – Expansion – Territory - Cultural Resistance – Oral History - Knowledge

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO: MOSAICO DE UMA EXPANSÃO: MALAMBAS DE CAPOEIRA.....	9
1.1 Sobre capoeiras: a de dentro e a de fora, a de antes e a de agora.....	10
1.2 Malambas e malambeiros.....	11
1.3 Percorso da capoeira.....	14
1.4 Percorso na capoeira.....	24
2 COMPREENDENDO AS MALAMBAS NA ACADEMIA: SANTOS, ANJOS E CAPOEIRA.....	28
2.1 Questionamentos-guias.....	31
2.2 Mosaico da expansão da capoeira.....	33
3 MERGULHANDO NAS MALAMBAS.....	35
3.1 O despreparo de capoeiristas que agem com imediatismo para obter retorno financeiro em relação ao ensino da capoeira e o pouco apoio dos poderes públicos.....	37
3.2 O tratamento cuidadoso com o estrangeiro, incentivando uma capoeira que evita confrontos e é deficiente no jogo.....	41
3.3 A musicalidade, a especificidade das cantigas de capoeira que reproduzem o viver um determinado cotidiano de um povo em seu ambiente e a compreensão destas por parte do estrangeiro.....	44
3.4 Os que permanecem em seu local, a rede solidária informal e o pouco reconhecimento aos artistas da terra.....	47
3.5 A tradição inventada e a necessidade de adaptação sempre presente à capoeira trazendo flexibilidade em um momento como este.....	50
4 TECENDO SABERES A PARTIR DAS MALAMBAS.....	53
REFERÊNCIAS.....	56
ANEXO A.....	60
ANEXO B.....	62
ANEXO C.....	66
ANEXO D.....	73
ANEXO E.....	86

ANEXO F.....	97
ANEXO G.....	99
ANEXO H.....	108
ANEXO I.....	111
ANEXO J.....	113
ANEXO L.....	114
ANEXO M.....	118

1. APRESENTAÇÃO:

MOSAICO DE UMA EXPANSÃO: MALAMBAS DE CAPOEIRA

Mosaico é feito de pedaços. Miscelânea de fragmentos que colocados juntos dão aparência de desenho.

Expansão é difusão, dilatação. É o que vem ocorrendo com a capoeira na atualidade.

Malambas são conversas na língua M'bundo, uma das vinte cinco línguas faladas em Moçambique e que hoje tem o português como língua materna. Nesta região é assim que se referem a bate-papos. Oitenta por cento do contingente de aproximadamente quatro milhões de escravos que chegaram ao Brasil entre os séculos XVI e XIX vinham de Moçambique, Angola ou Congo¹.

Em dezoito anos praticando a capoeira e em seis buscando pesquisar seus temas na universidade, esta monografia surge como mais um avanço, mais um resultado da tentativa contínua de associar saberes. Algo pessoal nisso também: o desejo de ouvir e ver os mestres populares atuando dentro dos espaços formais, dentro da universidade e não apenas como homenageados como doutores 'honoris causa', geralmente já ao fim de suas vidas ou como homenagens póstumas.

Ouvir e relatar o que estes mestres têm a dizer em relação à capoeira e aspectos de sua expansão foi o corpo condutor desse trabalho.

A presente monografia não tem outra razão para existir que não seja buscar contribuir com seriedade para a construção da cientificidade e da parceria entre o saber acadêmico e, ampliando as possibilidades para além da capoeira, as manifestações do saber popular. É importante ressaltar a valorização da visão/opinião de Mestres de capoeira e capoeiristas para a construção do que aqui é chamado de Mosaico de uma expansão: malambas de capoeira.

Ao apresentar este como meu trabalho de conclusão de curso, acredito que as relações deste tema com a educação sejam estreitas. Ao se estudar a capoeira, tocamos necessariamente em processos de aprendizagem e inclusão, em verdade falamos em auto-inclusão por esta ser a história de um povo que conseguiu por esforços próprios, por resistir em seus pequenos espaços (hoje, grandes), a aceitação da capoeira pela

¹ Ver anexo L: Malambas de África.

sociedade e poderes públicos chegando ao seu tombamento no ano de 2008. Um exemplo pedagógico, se assim posso chamar. (...)

1.1. Sobre capoeiras: a de dentro e a de fora, a de antes e a de agora.

“Sou da velha guarda,
Um capoeira consagrado
Sou do tempo do império,
Do Brasil Colonial,
Eu ajudei a rezar
A primeira missa no Brasil
Eu era filho de Cabral
Dom Pedro era meu neto
Fui amante da princesa
E chefe da Guarda Negra
Eu comandi o pelotão de capoeira
Na guerra do Paraguai
Por nome: Duardo Baiano, camaradinha!”
(Mestre Leopoldina, anos 80)

Capoeira é uma arte corporal originada do encontro da cultura do negro escravo africano com o ambiente/condições de sobrevivência encontrado por este aqui no período da colonização do Brasil. Como toda arte, nunca foi desvinculada do seu momento histórico e sofreu influências de cada um desses momentos, estando sua prática e interpretação sempre em transformação, formando o vasto universo imaginário dos que a praticam e, por isso, a (re) criam através de diversos elementos. A depender do momento histórico, a capoeira tem uma ou outra forma. Ela é a síntese dessas múltiplas determinações.

Em 2008, após um longo e difícil percurso histórico seguindo, principalmente, o caminho da informalidade, a capoeira sob constante ameaça de extinção foi tombada como Patrimônio Imaterial do Brasil. Ela está intimamente relacionada à História do Brasil. Todavia, mais que isso, está relacionada à resistência, à sobrevivência do ser humano no mundo.

Indubitavelmente popular, ela foi marcada por períodos de perseguição e de difícil aceitação por órgãos públicos desde seu nascimento (em época ainda incógnita) até os dias atuais em que conquista com velocidade os ‘quatro cantos do mundo’. É, hoje, aceita e difundida em países e locais de bases culturais completamente diferentes. Sua relação com a sociedade também foi pautada por tensão e manipulação de seu universo histórico e simbólico. Na atualidade, se aproxima cada vez mais das áreas da educação e do turismo, sendo uma divulgadora principal da língua portuguesa em todo mundo e

responsável pelo desembarque no Brasil de centenas de estrangeiros que a praticam e buscam conhecer de perto seus grandes Mestres e o lugar de origem de seus grupos.

1.2. Malambas e ‘malambeiros’.

O aspecto metodológico de maior relevância para esta monografia foi o registro da expressão da opinião de capoeiristas envolvidos diretamente no movimento de expansão da capoeira atual, a história contada pelo dia a dia de quem a constrói. Sem desconsiderar o risco de uma visão recortada por quem vive intensamente a realidade a partir de um ritmo rápido, muitas vezes chamado, literalmente de ‘correria’ pelos que precisam estar e estão o tempo todo envolvidos na luta por sobrevivência em um ambiente competitivo imposto por uma sociedade movida pelo que Milton Santos denomina globalitarismo², ainda assim, ouvir e expressar a voz dessas pessoas, pareceu ser o caminho mais correto a seguir para realização deste trabalho. Santos (2000, p.132) complementa sobre a questão da visão de mundo da classe pobre que tenta, com toda a sua força sobreviver com dignidade: “Miseráveis são os que se confessam derrotados. Mas os pobres não se entregam. Eles descobrem a cada dia formas inéditas de trabalho e de luta. Assim, eles enfrentam e buscam remédio para as suas dificuldades”.

Por isso falou-se acima do risco de uma visão, às vezes recortada, que não propõe uma reflexão relacionada todo o tempo a questão de herança/patrimônio cultural trazida pela capoeira. Está compromissada principalmente com o dia a dia.

A coleta destas informações foi feita através de entrevistas presenciais ou eletrônicas (via email) com sete pessoas envolvidas neste movimento de expansão.

Foram usados como critérios de seleção destes entrevistados:

- O fato de estarem participando diretamente do movimento de expansão da capoeira, viajando para e/ou morando em locais onde realizam oficinas, ou dão aulas, estabelecendo o que os capoeiristas chamam de ‘um trabalho de capoeira’ em menor escala pelo Brasil e em maior escala por diversos locais do mundo;
- O fato de exercerem um papel de liderança nos espaços em que atuam;

² O autor usa a expressão “globalitarismo” para expressar o totalitarismo que as nações hegemônicas impõem às periféricas, seja no âmbito econômico, social ou cultural. E isso ocorre principalmente através da “tirania da informação” e da tirania do dinheiro.

- A diversificação de estilos, buscando a opinião de representantes da capoeira Angola (a capoeira de Angola representada aqui é a de rua), a capoeira Regional e a capoeira Contemporânea;
- A diversificação dos espaços de atuação destes capoeiristas, procurando, assim, abranger os espaços: rua, academia e escola;
- Representantes de poderes aquisitivos diferentes, ouvindo capoeiristas de uma classe pobre - que sobrevivem da capoeira e que precisam dela dia após dia pois não possuem nenhum tipo de seguro previdenciário, caso estejam ou queiram parar de trabalhar no futuro-, e representantes de uma classe média – que possuem outros recursos, outra renda além da capoeira;
- Diversas idades e tempo de prática de capoeira, objetivando ouvir representantes novos e velhos da capoeira;
- A participação de duas representantes do sexo feminino, considerando a crescente atuação de mulheres com líderes neste meio;
- Diferentes localidades em que estes capoeiristas estão inseridos, ouvindo representantes de Salvador, Lauro de Freitas, França, Canadá e Líbano.

Para uma compreensão ampla do significado do movimento de expansão da capoeira foi elaborada uma série de perguntas com o objetivo de permitir a livre expressão e opinião dos entrevistados acerca do tema, possibilitando o desenvolvimento de um determinado aspecto caso estes se interessassem.

As perguntas formuladas:

- Dados pessoais (nome, idade, por que nome é conhecido na capoeira).
- Qual o estilo de capoeira que representa?
- Em que espaços você atua?
- Há uma pessoa –ou pessoas- principal para sua formação de capoeira?
- Exerce outra atividade fora do meio da capoeira? Se sim: Qual a sua formação?
- Quais oportunidades o trabalho de capoeira já lhe proporcionou/proporciona?
- Gosta de conviver com /freqüentar outros espaços de capoeira? Com que freqüência?
- Permite que os alunos também freqüentem?
- O que é esse movimento de expansão da capoeira?

- Quem participa dele e de que forma?
- Um estrangeiro tem/terá de ter capacidade de ser tão bom capoeirista quanto um brasileiro?
- Quais lugares atraem um capoeirista?
- Qual cantiga de capoeira é sua favorita?

Foram entrevistados oficialmente: Olavo Paixão dos Santos, 67 anos, conhecido como Mestre Olavo, baiano de Muritiba, morador de Salvador e representante da capoeira Angola de rua; Gilson Fernandes, 59 anos, conhecido com Mestre Lua Rasta, soteropolitano, morador de Salvador e da Ilha de Vera Cruz, representante da capoeira Angola de rua; Ricardo Santos Carvalho, 39 anos, conhecido com Mestre ou Contramestre Balão, soteropolitano, morador de Salvador, representante da capoeira Contemporânea; Luciano Ferreira Guimarães, 38 anos, conhecido como Contramestre Luciano, mineiro de Belo Horizonte, morador de Lauro de Freitas, representante da capoeira Contemporânea; Lang Maria Liu, 37 anos, conhecida como Estrelinha, canadense de Toronto, moradora de Toronto –Canadá-, representante da capoeira Regional; Jubiraci Machado Santos, 31 anos, conhecido como Professor Bira Saci, soteropolitano, morador de Montpellier –França-, representante da capoeira Regional e Roberta Cecília Meireles Santana, 27 anos, conhecida como Professora Chapinha, soteropolitana, moradora de Beirute, Líbano, representante da capoeira Regional. Estes são os entrevistados oficiais deste trabalho e suas entrevistas são apresentadas na íntegra nos anexos deste trabalho.

Contudo, a vivência pessoal da autora, a interferência do capoeirista Elias Neves (56 anos, conhecido como Mestre Elias nas rodas de rua) na entrevista de Mestre Olavo e falas dos Mestres: Toni Vargas (Rio de Janeiro), Nene (Salvador), Nestor Capoeira (Rio de Janeiro/ Inglaterra), Dunga (Belo Horizonte), Cafuné (Salvador), João Grande (Nova York), João Pequeno (Salvador), Waldemar da Paixão e Canjiquinha (in memoriam, Salvador), além do historiador Frede Abreu (Salvador), coletadas através de conversas informais, livros e/ou CDs, DVDs, também ajudaram na construção do que é chamado aqui de mosaico de opiniões sobre a expansão da capoeira.

Esta monografia demonstra ser o início uma pesquisa que, para apresentar resultados mais concretos, demanda uma análise minuciosa em um trabalho que precisará ser feito de maneira extenuante para que possa, então, envolver os tantos aspectos e questões paralelas ao tema que é aqui proposto.

É importante destacar ainda, que o que foi mencionado anteriormente sobre o correr risco de uma visão recortada por parte dos entrevistados, demonstra o preconceito que existe, apesar de tentarmos a sua superação, e destaca a distância entre a aproximação dos saberes popular e acadêmico existente no dia a dia da pesquisa, pois, acabamos (os pesquisadores), muitas vezes, por nos antecipar, temerosos do ‘curto alcance da visão de mundo’ dos representantes do saber popular.

Segundo Abreu, no documentário *Vida de mandigueiro* (2006):

“É estranho que, numa cidade como esta, que ainda se mantenha um preconceito com a capoeira, quer dizer, não é só com a capoeira, é com toda a produção cultural negra. O que eu acho é o seguinte: é que a gente, nós ‘tamo’ sempre querendo reconhecer os capoeiristas, mas exigindo que eles se organizem. Essa coisa da organização é que eu acho que é terrível, porque não se reconhece que eles têm uma organização. ‘Tá compreendendo? Aí é que acho que o preconceito bate. É como você não aceitar a presença, quer dizer, você quer a capoeira, mas você não quer as coisas que são, que fazem parte a natureza. Aí o maior preconceito, não é o preconceito da sua atividade. O preconceito é com o cara tradicional da capoeira, com o negro.”

1.3. Percurso da capoeira

Para um entendimento objetivo de sua história, este trabalho utiliza quatro períodos para estabelecer cronologicamente seu percurso histórico, sendo o primeiro destes um período que habita o imaginário dos capoeiristas (e não dos historiadores) e não apresenta provas documentais de sua existência. Contudo, as cantigas de capoeira e a história oral sempre apontam nesta direção, além da constante consideração de estudiosos da capoeira de que seu princípio é africano. Portanto o povo africano escravizado começa a chegar em terras brasileiras no século mesmo de sua conquista, o XVI, e por mais que ainda não com a forma que costumamos enxergá-la, a expressão corporal e a base: a maneira de resistir de um povo em opressão, já se encontravam presentes.

Apriori, uma ressalva a respeito do conceito de uma temporalidade linear deve ser feita. Segundo Abib (2005):

“... o tempo circular não aparenta ser algo estranho ou incompreensível para o universo da cultura popular, que parece lidar com essa dinâmica com muita naturalidade. As crenças, os ritos, as celebrações, as festas e o próprio cotidiano das pessoas inseridas organicamente nesse universo, parecem ser pautados por uma lógica que encara passado, presente e futuro, como dimensões temporais que se interpenetram a todo o instante”

1)

O primeiro período histórico da capoeira data de seu nascimento, em tempos remotos, na época da colonização do Brasil até fins do século XVIII. Neste momento, a capoeira aparece como luta para defesa de grupos de negros escravos buscando resistir às agruras provocadas pela escravidão. A capoeira está bastante relacionada a um pensamento e um comportamento estratégicos necessários às diversas nações africanas aqui escravizadas e que buscavam fugir e manter suas culturas e sobreviver em quilombos. É luta preferencialmente sem confronto direto por causa da desvantagem relacionada a armas de fogo destes povos escravizados. Atitudes baseadas em observação e conhecimento da natureza em geral, da natureza de si e do outro (no caso o colonizador) prepararam o campo no qual a capoeira se desenvolveria. Uma profunda atenção ao meio e ao dominador é necessária para resistir.

Bahia, Rio de Janeiro e Pernambuco são os principais locais de desenvolvimento da capoeira por possuírem portos em que foram formadas suas primeiras cidades. Todavia, os interiores, as clareiras no meio de matas fechadas estão também relacionados ao desenvolvimento da capoeira. O próprio nome capoeira tem como um de seus significados ‘mato ralo’³, indicativo desta realidade. Ambientes portuários, engenhos e matas contribuem, assim, para a criação da capoeira que parece não surgir com uma única forma em um ou outro local primeiramente, mas com várias formas e em vários locais ao mesmo tempo, devido à distribuição e mobilidade desses grupos de negros escravizados e suas diversas lutas de resistência à escravidão.

É importante mencionar a idéia defendida por alguns pesquisadores sobre a capoeira já ter chegado ao Brasil com os povos africanos. Contudo, muitos outros pesquisadores indicam haver uma “espécie de arquétipo existente no inconsciente africano que veio se aflorar e se materializar aqui no Brasil” (Sodré, 2002).

³ No dicionário Michaelis online, a palavra capoeira tem como significados: **1** Espécie de gaiola grande ou cubículo onde se alojam ou criam capões e outras aves. **2** Pátio onde fica a criação. **3** Espécie de cesto com que os defensores de uma fortaleza resguardam a cabeça. **4** *Reg* (Centro e Sul) Jacá para transportar galinhas. **5** Escavação guarnecida de seteiras e ainda: **1** Mato ralo, de pequeno porte, que nasce em lugar do mato velho derrubado. **2** Espécie de jogo atlético tradicional no Brasil e mais violento que a savate; na capoeira os contendores às vezes empunham facas e navalhas. *sm* Indivíduo que pratica esse jogo. *C. grossa*: espécie de capoeira onde crescem árvores altas e copadas. *C. rala*: terreno roçado anualmente, onde a vegetação é quase toda de arbustos e ervas. No dicionário escolar da língua portuguesa do Ministério da educação e cultura, publicado em 1979, p. 226, capoeira é: Lugar onde se criam e alojam capões e outras aves domésticas. Mato que foi cortado ou destruído; mato fino, ralo, que já foi roçado; esporte antigo dos cariocas; rasteiras. E ainda, Waldeloir Rego em sua pioneira publicação Capoeira Angola Ensaio Sócio-Etnográfico, de 1968, p. 27, confirma os significados acima e acrescenta: Carruagem velha; Tipóia; Designa uma peça de moinho; Lenha que se retira da capoeira, lenha miúda; Designa uma ave também conhecida pelo nome de Uru.

Apesar de ainda sem uma forma específica e/ou organizada nesta época, o fato de Zumbi dos Palmares⁴ ser reverenciado pela comunidade de capoeira como um dos seus grandes Mestres (mesmo sem nunca ter sido encontrado registro de alguma forma de capoeira em Palmares) é um grande indicador de que o comportamento e atitudes do povo escravizado que ansiava por liberdade e dignidade, guardam o manancial a partir do qual a capoeira se formou.

2)

Define-se este período como o período da ilegalidade. Os primeiros documentos⁵ encontrados que registravam a capoeira datam de fins do século XVIII no Rio de Janeiro. Estes documentos são, em sua maioria, relacionados a ocorrências e a processos criminais que mostram uma capoeira violenta e organizada em "bandos", as chamadas maltas de capoeira. Famosas maltas (sendo as mais conhecidas: Nagoas e a Gaiamuns) que apavoravam a população e a polícia por suas brigas destemidas em disputas por territórios da cidade. Não há presença de instrumentos, nem o ritual da roda. Seus participantes e chefes eram jovens e não pareceram seguir a orientação de um Mestre mais velho, atitude que passa a ser frequente a partir do início do séc. XX.

Ao mesmo tempo em que as maltas se confrontavam com a polícia, existem indicativos que chefes de polícia a praticavam. Diversas vezes, as maltas foram "contratadas" para causar tumulto e destruir comícios eleitorais em desavenças político-partidárias em disputas por outro tipo de território.

O fato do Rio de Janeiro possuir estas provas documentais provocou certa disputa entre seus praticantes e pesquisadores. Alguns definiram a 'capoeiragem' como urbana e carioca, procurando distanciá-la de quilombos e engenhos no período da colonização, trazendo-a para a cidade da época do Império, bem como houve o afastamento da Bahia e Pernambuco de sua gênese. Frede Abreu, historiador e colecionador do maior acervo de capoeira do mundo, publicou registros de imagens e de documentos indicadores da existência de capoeira em Salvador e região do Recôncavo a partir de meados do século XVIII. Inovando as fontes de pesquisa, Abreu (Abreu, 2005) publica em seu livro, anotações de um vice-cônsul inglês em 1856:

⁴ Zumbi dos Palmares, batizado Francisco, foi líder do resistente Quilombo de Palmares, no século XVII, não possui nenhum registro que expresse sua ligação com a capoeira. No entanto, suas atitudes inspiradoras de coragem, liderança e resistência o tornam referência para a cultura afrodescendente e, especialmente, para os capoeiristas.

⁵ Ver dissertação de mestrado "Nas vortas que o mundo deu, nas vortas que o mundo dá" defendida na Faculdade de Educação por Sante Scaldaferrri em 2009, sob orientação de Pedro Abib.

“uma cena que se vê muito na parte baixa da cidade é de pretos brigando com suas mãos abertas. Raramente chegam aos socos ou, ao menos, a pancadas capazes de lhes causar sérios danos. Um ponta-pé na canela é o golpe mais doloroso que um pode dar no outro. São todo movimento, saltando e mexendo braços e pernas sem parar, iguais a macacos quando brigam. É realmente um espetáculo jocoso”

Abreu aponta também a necessidade da atenção ao “fluxo migratório de baianos (livres e escravos) no sentido do Rio” (Abreu, 2005).

Imagens como as registradas por Rugendas (meados do século XVIII) auxiliam na consideração da capoeira como uma manifestação urbana.

Recentemente foram encontrados e apresentados registros de capoeiragem em Belém⁶, também em meados do século XVIII, reforçando a teoria do surgimento de diversas formas de capoeira em diversos ambientes.

Logo após a proclamação da república, a partir da proibição da capoeira pelo "Decreto 847"⁷ de 11 de outubro de 1890, assinado pelo Generalíssimo Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do governo provisório desta República, documentos policiais e muitas notícias de jornal que associaram a sua prática e os seus praticantes à marginalidade foram bastante encontrados.

3)

A partir do início do século XX, mais fortemente em meados da década de 20 em diante, a capoeira passa a ser registrada sob o formato de roda, já utilizando o berimbau, já com os seus aspectos ritualísticos, sendo estabelecidos. Os Mestres mais velhos assumem um papel fundamental de guardiões desta cultura, que começa a ser interpretada e cuidada como uma arte. Suas cantigas ressaltam os locais onde é praticada e o controverso cotidiano de seus praticantes. Em um ambiente de difícil sobrevivência, sua prática passa a adquirir pouco a pouco, mais organização e disciplina.

⁶ Ver: ‘A política da Capoeiragem’ de Luiz Augusto Leal.

⁷ Capítulo XIII -- Dos vadios e capoeiras

Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas exercício de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação Capoeiragem: andar em carreiras, com armas ou instrumentos capazes de produzir lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal;

Pena -- de prisão celular por dois a seis meses.

A penalidade é a do art. 96.

Parágrafo único. É considerada circunstância agravante pertencer o capoeira a alguma banda ou malta. Aos chefes ou cabeças, se imporá a pena em dôbro.

Art. 403. No caso de reincidência será aplicada ao capoeira, no grau máximo, a pena do art. 400.

Parágrafo único. Se fôr estrangeiro, será deportado depois de cumprida a pena.

Art. 404. Se nesses exercícios de capoeiragem perpetrar homicídio, praticar alguma lesão corporal, ultrajar o pudor público e particular, perturbar a ordem, a tranqüilidade ou segurança pública ou for encontrado com armas, incorrerá cumulativamente nas penas cominadas para tais crimes.

A capoeira passa a ser considerada um jogo (ainda que perigoso), uma forma de lazer, de descanso e é muito praticada no cais, tendo como os seus personagens principais fortes e valentes estivadores e outros trabalhadores braçais, também os feirantes e os desempregados. Passam a ser comuns citações referentes à navalha e à faca nos ambientes de capoeira (dentro e fora de suas rodas). Ela passa também a ser praticada em quintais, portas de vendas, barracões e recintos fechados.

Manoel dos Reis Machado⁸, o Mestre Bimba, utiliza sua força e destreza em campeonatos de luta livre, ganha certa fama, cria a capoeira Regional (neste momento, início da década de 30 há a separação da capoeira em Angola e Regional, sendo que a Angola passa a ser a(s) capoeira(s) até então praticada(s) e a Regional, uma capoeira mais rápida/compassada, com influências da tradição do batuque⁹, com uma metodologia e toques de berimbau próprios, passando a ser alvo de interesse de estudantes universitários). Funda, então, o Centro de Cultura Física Regional Baiana (nome dado estrategicamente para que a palavra capoeira não fosse utilizada, já que sua perseguição havia diminuído, mas ainda não extinta¹⁰), apoiado pela Federação de pugilismo. O prestígio e fama de Mestre Bimba e sua metodologia, acabam por levá-lo, já mais tarde, em 1953, a se apresentar - com seu grupo - para, o então presidente, Getúlio Vargas, que declara a capoeira ser 'o esporte nacional'. Essa declaração influencia bastante o movimento de desmarginalização da capoeira que a partir dessa época passa a ser apoiada, citada e valorizada por diversos intelectuais de diversas áreas artístico-culturais. Passa também a ser alvo de órgãos de que utilizam seus mestres e praticantes para freqüentes demonstrações para turistas.

Uma década após Mestre Bimba, Mestre Pastinha¹¹, funda o Centro Esportivo de Capoeira Angola -CECA- e passa a ser considerado o maior guardião desse tipo de capoeira.

⁸ Soteropolitano, nascido em 23/11/1899, Mestre Bimba, segundo Ângelo Decânio, em 1928 já havia criado a Capoeira Regional.

⁹ Luiz Candido Machado, pai do Mestre Bimba, era um exímio praticante de batuque, manifestação da cultura popular semelhante à capoeira, que utilizava uma marcação rítmica de tambores e cantigas enquanto dois 'batuqueiros' tentavam um derrubar o outro através de movimentos que envolviam uma espécie de dança e desequilibrantes das pernas. Esta manifestação era comum na região da Bahia e ajudou Mestre Bimba na criação da capoeira Regional.

¹⁰ É ainda incerta a data da descriminalização oficial da capoeira. Publicações variam do ano de 1934 a 1947 indicando serem estes anos de sua possível liberação.

¹¹ Vicente Ferreira Pastinha, nascido em 05/04/1889, funda seu centro de capoeira, o CECA em 1941.

Mestre Waldemar da Liberdade¹², mestre e artesão de berimbau, também estabelece seu Barracão de capoeira e é em seu espaço que um repórter a interpreta como ‘balé de homens’, reforçando a conotação de dança dentro da capoeira.

Luta, jogo/lazer, esporte, música e dança. Capoeira.

Importantes nomes da capoeira baiana da época são: Besouro, Totonho de Maré, Livino, Juvenal, Noronha, Caiçara e outros.

No Rio de Janeiro, Sinhozinho¹³, um grande lutador, nesta mesma época, ensina a capoeira e estabelece também uma metodologia para o seu ensino. Porém, os toques de berimbau e a bateria (como é chamada a disposição dos instrumentos na roda de capoeira) não são desenvolvidos por ele.

Em Pernambuco, a capoeira origina pouco a pouco o frevo.

Estes Mestres aprenderam em sua maioria, senão com um ex-escravo, com um filho de ex-escravos. O ritual é diferenciado, variando de mestre pra mestre, de ambiente pra ambiente, mas é presente em todas as formas de capoeira do início do século XX.

Progressivamente, os contemporâneos e alunos destes Mestres espalham a capoeira pelos outros estados do Brasil

4)

Embasada pelo legado deixado por esses Mestres, a capoeira da segunda metade do século XX, principalmente da década de 70 em diante, acontece no Brasil inteiro, sendo espalhada por discípulos de Mestres, principalmente baianos, porém também cariocas.

Ela agora está inserida em São Paulo, Paraná, Minas Gerais, Pará, Rio Grande do Sul, em todo o nordeste e em todo interior. Ganha o mundo todo, o que se intensifica a partir dos anos 90.

Passa a ser, aos poucos oferecida nas escolas, muitas vezes como um esporte e tratada como modalidade em academias de ginástica no país inteiro. Espaços culturais se contrapõem a esta visão e procuram tratar a capoeira como uma arte, como educação, como instrumento para a cidadania. Surgem também historiadores e pesquisadores interessados em suas faces ocultas, em seus mistérios não revelados. E há ainda a capoeira que está sendo consumida no mundo inteiro, e está exportando ótimos e bons profissionais, que fazem muita falta ao Brasil e péssimos e ruins também. Esta capoeira

¹² Waldemar Rodrigues da Paixão, baiano da Ilha de Maré, 1916-1990.

¹³ Agenor Sampaio, carioca, nascido em 1891 e falecido em 1962.

vem movimentando bastante o mercado financeiro informal criado pelos capoeiristas, que até hoje pouco obtêm do poder público brasileiro para garantia de seus direitos e ampliação de suas oportunidades. Após seu Tombamento, políticas públicas começaram a ser elaboradas em prol de seu desenvolvimento, contudo, ainda com grande distanciamento das reais necessidades de seus grupos e guardiões atuais.

Quanto a sua forma, a capoeira por estar tão espalhada assim e por possuir a capacidade de se misturar com os elementos da realidade em que vive, é hoje (em verdade, sempre foi) diversas capoeiras. Divide-se a capoeira em três linhas principais: Angola, Regional e Contemporânea. Na primeira linha, estão os seguidores de Mestre Pastinha e Waldemar, na segunda, os de Mestre Bimba, e na terceira, estão os grupos que não são originados de discípulos diretos nem da primeira e nem da segunda linha.

A capoeira atual realiza encontros, congressos, debates sobre capoeira. No entanto, no interior, em lugares onde os "grandes Mestres do presente" não convivem ou frequentam, existem também tradições e crenças próprias em relação à capoeira.

O meio acadêmico se interessa, cada vez mais, em pesquisar a capoeira em suas diversas áreas.

Os profissionais de capoeira começam a vislumbrar uma maior possibilidade de sucesso profissional, embora muitos Mestres mais velhos e/ou moradores de áreas menos favorecidas ainda se encontrem em situação financeira desfavorável e dependente sempre do auxílio de capoeiristas mais jovens. Como confirma esta anotação de campo em um evento de capoeira em 2006:

Mestre Gigante¹⁴, em um momento desses encontros brasileiros que reúnem muitos capoeiristas jovens, ao perceber tantos planos, tantos convites, tantos ajustes de cursos e palestras, disse: - Não me deixem de fora!

Apesar de sua (ainda) forte associação à vagabundagem e a marginalidade, importantes historiadores do presente tais como Antonio Liberac e Adriana Albert Dias, apresentaram relevantes pesquisas que demonstram estar a capoeira associada ao mundo do trabalho, principalmente braçal. Seja pelo seu viés rural com representantes agricultores, boiadeiros, fazendeiros, pescadores, cozinheiras (e etc), ou pelo seu viés urbano, com seus representantes estivadores, marinheiros, feirantes, policiais, baianas, barbeiros, comerciantes (e etc). Todos estes profissionais ao garantirem a própria sobrevivência (a luta por - má - alimentação, o uso quase obrigatório da valentia para

¹⁴ Francisco de Assis, baiano, nascido em 1922, juntamente com João Pereira dos Santos, também baiano, o Mestre João Pequeno, nascido em 1917 são os capoeiristas considerados mais velhos na atualidade.

obtenção de respeito...) garantiram a sobrevivência e chegada da capoeira até o presente e mais, garantiram a formação de seu universo imaginário, que expressa em muito a formação desigual da sociedade brasileira, repleta, no entanto, de trabalhadores responsáveis pela construção e manutenção do país.

Mestre Noronha¹⁵ (Pires, 2004), capoeirista do começo do século, responsável por um importante trabalho manuscrito no qual registrou acontecimentos, nomes de capoeiristas e suas reflexões, é claro quanto a esta questão quando diz que “todos capoeirista são operário e não vagabundo”.

Reitera-se que essa temporalidade linear usada na definição dos quatro períodos mencionados limita a compreensão e o desenvolvimento de pesquisas sobre temas relacionados à cultura popular. A maneira como a história é aprendida por seus praticantes depende muito do que se canta nas rodas de capoeira: Besouro Mangangá, por exemplo, sempre teve sua história e sua presença garantida nas cantigas das rodas de capoeira, mas a confirmação de sua existência se dá em 1999 com a descoberta de um documento sobre um processo aberto contra ele. A oralidade acertou em muitas das informações confirmadas posteriormente sobre a existência de Besouro. Os períodos que comentei se interpenetram o tempo todo nas rodas de capoeira. Como? Através do imaginário de seus praticantes e das cantigas cantadas na roda. Heróis, marginais ou heróis-marginais e situações de vários destes períodos são invocados e são inspiração para a performance de cada jogador de capoeira no momento da roda e em suas vivências. Sem uma ordem determinada, sem uma temporalidade linear.

Estes são alguns exemplos de cantigas que podem estar em seqüência uma roda de capoeira:

1. Relativo ao período dos grandes mestres:

“Eu conheci Mestre Bimba, conheci Pastinha

E também seu Maré.

Eles falaram pra mim, capoeira é pra homem

Menino e mulher!”(cantiga de domínio público)

2. Relativo ao período da criminalização:

“Zum zum zum, Besouro Mangangá,

Bateu foi na polícia, na polícia militar!”(Toni Vargas)

3. Relativo ao período da escravidão/colonização:

¹⁵ Daniel Coutinho, baiano, nascido em 1907 que atuou no século passado e deixou seus manuscritos que o tornaram um grande historiador da capoeira.

“Quando o nego fugia pro mato,
 O senhor lhe mandava buscar.
 O nego, então, sassaricava
 E batia no homem que ia buscar.
 E quem é esse homem?
 Capitão do mato!”(cantiga de domínio público)

4. Relativo ao período da escravidão/colonização:

“Eu vou dizer a meu sinhô
 Que a manteiga derramô.
 A manteiga não é minha,
 É para filha de ioiô” (cantiga de domínio público)

5. Relativo ao período da escravidão/colonização:

“No tempo do cativoiro,
 Quando o senhor me batia,
 Eu rezava por Nossa Senhora,
 Como a pancada doía!”(cantiga de domínio público)

6. Relativo ao período da criminalização:

“Vamos quebrar um pouquinho,
 Enquanto a polícia não vem
 Quando a polícia chegar...
 Quebra a polícia também!”(cantiga de domínio público)

7. Relativo ao período de expansão:

"Eu aprendi capoeira ,
 Lá na rampa do cais da Bahia.
 O gringo filmava, me fotografava,
 E eu pouco ligava, meu Deus, não sabia (!),
 Que minha foto ia sair no jornal,
 Na França, na Rússia e, também na Hungria (!) “(cantiga de domínio público)

8. Relativo ao período dos grandes mestres:

“Menino com quem tu aprendeu?
 Oi menino com quem tu aprendeu?
 Aprendeu a jogar capoeira aprendeu?
 Mas quem te ensinou já morreu,
 Quem te ensinou já morreu.

O seu nome está gravado

Na terra onde nasceu!

Salve São Salvador! Salve a ilha de maré!

Salve o mestre que me ensinou a mandinga de bater com pé!”(Edson Show)

9. Relativo ao período da criminalização, porém já sinalizando o local de trabalho/convivência de muitos que se tornaram referência do período dos grandes mestres:

“Foi estivadô

Tá lá no cais da Bahia,

Foi estivadô

Tá lá no cais do Bahia!

Aruandê, Aruandê”

10. Relativo ao período de expansão (capoeira na escola):

“AEIOU, UOIEA,

AEIOU,

Vem criança, vem jogar!”(Periquito)

Todos estes períodos e locais são unidos pelas cantigas de uma roda de capoeira de maneira circular e não linear. Deveríamos saber falar disso de maneira circular também.

Em cada um desses períodos e locais (quilombos, senzalas, engenhos, prisões, praças, cidades e recintos específicos), a capoeira incorporou personagens, histórias, outras manifestações afro - descendentes ou não, instrumentos musicais, costumes que formaram seus mitos (os personagens: Zumbi, as maltas Nagoas e Guaiamuns e outras, Besouro Mangangá, Pastinha, Bimba, Waldemar, Caiçara etc, além de bichos e elementos da natureza). Juntando personagens e locais aconteceram as histórias que inspiram e agregam valores a capoeira, traçando aí seu universo histórico-imaginário que conquista o mundo, principalmente, pela amplitude de ambientes e comportamentos que é capaz de reunir. A capoeira ensina através desta mobilidade/mutabilidade, a resistência. Resistência móvel, flexível, poderosa e expressa no corpo através da ginga.

A ginga expressa uma atitude principal do ser humano: mudar para permanecer. Adaptação. Esta ação é inerente ao ser humano desde seus primórdios.

Base para a sobrevivência de qualquer povo. Por isso a capoeira ‘deu volta ao mundo’¹⁶ e o conquistou.

1.4. Percurso na capoeira

“... Onde eu vou, eu levo ela,
Por esse mundo de Deus...”
(cantiga de domínio público)

Iniciei em 1992 meu treinamento de capoeira em Belo Horizonte, Minas Gerais. Início minha jornada como praticante na Associação Negrinhos de Sinhá, esta associação, oriunda do Rio de Janeiro, tinha como fundador José Carlos Vicente, conhecido por Mestre Gigante¹⁷, policial, e que atuava na área da Baixada Fluminense. Após ter nomeado Mestre alguns de seus alunos, a Associação se espalha por cidades do Rio de Janeiro e William Douglas Guimarães, conhecido como Mestre Mão Branca, mineiro e morador do Rio de Janeiro por um período de tempo, inaugura sua filial em Belo Horizonte. A princípio praticando capoeira de rua (shows e rodas), depois dando aulas em espaços da cidade, Mestre Mão Branca acaba por estabelecer sua academia na Savassi, bairro nobre de Belo Horizonte. Em 1993, Mestre Mão Branca funda seu próprio grupo (Capoeira Gerais) e se desliga da Associação que fazia parte, considerando a falta de uma técnica moderna de outros Mestres desta, algo que ‘atrapalhava’ o seu desenvolvimento.

Os anos 90 caracterizam-se por ser uma época de grande divulgação da capoeira, as academias ficam repletas de homens e mulheres, principalmente de classe média, que passam a praticá-la nas grandes cidades brasileiras. Não só em espaços próprios, mas também em academias de musculação. Uma intencional modernização da metodologia da capoeira a aproxima bastante de outras artes marciais: treinamentos com grande número de pessoas, sistemas de graduação, a inclusão de exames (pagos) para tais graduações e o distanciamento desta práxis na rua, fazem com que os grupos se revistam de um sentimento de competitividade onde o capoeirista passa a ‘defender a camisa’ destes grupos que, ‘incham’ ao ponto de se desfazerem em novos grupos que, em sua maioria, cresceram novamente, repetindo este processo. Uma capoeira técnica, rápida e acrobática, baseada em um alto desempenho corporal faz com que a capoeira de Angola e os Mestres antigos passem até mesmo a ser considerados ultrapassados. Os

¹⁶ Expressão cantada freqüentemente nas rodas de capoeira, e que carrega em si um imenso conteúdo simbólico usado por capoeiristas.

¹⁷ Carioca, 1951-1989, foi aluno de Mestre Gato Preto, em São Gonçalo, Baixada Fluminense.

próprios capoeiristas consideram essa época o ‘boom’ da capoeira e há uma grande influência do grupo ABADÁ, do Rio de Janeiro, liderado por Mestre Camisa.¹⁸ Em contrapartida, Mestres como Moraes¹⁹ trabalham por uma revitalização da capoeira Angola, que corria, até mesmo, risco de desaparecer mediante esta maneira de praticar a capoeira que começou a se impor em meados dos anos 80 e que obteve seu ápice nos anos 90. É importante ressaltar que se denominava esta ‘capoeira dominante’ de Regional, porém esta não realmente obedecia à metodologia criada por Manoel dos Reis Machado, o Mestre Bimba, considerado o criador da capoeira Regional em Salvador. A Bahia, no sudeste, sul e centro do Brasil passa a ser considerada como o ‘lugar dos velhos Mestres’, como se pouco ou nenhum movimento de capoeira estivesse ocorrendo ou tivesse ocorrido ali a partir dos anos 80. Embora sempre em movimento, a capoeira da Bahia (de Salvador, principalmente) passa a não ter a consideração que talvez lhe coubesse por estes novos grupos e Mestres de outras regiões. A capoeira de Salvador foi, nesta época, muitas vezes, considerada folclore.

Essa ambiência foi a que encontrei ao decidir me tornar uma praticante de capoeira no início da década de 90. Chego à capoeira exatamente por esta ser notória a todos nesta época.

Utilizo minha experiência como parte fundamental da construção desta monografia, pois vivenciar a capoeira no corpo e em seus ambientes foi indispensável para o entendimento de seus detalhes, mitos, ambientes, simbologia. (...)

Segundo Campbell (Santos, 2002):

“Os símbolos não traduzem a experiência, apenas a sugerem. Se você não teve a experiência, como saber de que trata?... É necessário que haja experiência para aprender a mensagem, alguma pista – do contrário, você não ouve o que estão lhe dizendo”

Se me perguntarem quando vi capoeira pela primeira vez, não sei responder. Como acredito que essa pergunta seja difícil de ser respondida por muitos brasileiros. Apesar de muito pouco destaque ser dispensado em relação à capoeira, cresce-se sabendo o que é a ginga e o que é capoeira, pelo menos em seu aspecto plástico. Assim aconteceu comigo.

Quanto a essa questão, posso afirmar que quando ‘entrei’ na capoeira, minha família havia se mudado do Rio de Janeiro para Belo Horizonte. Essa mudança me contrariou muito. Em meus 18 anos, a capoeira era algo que me remetia ao Rio de

¹⁸ José Tadeu Carneiro Cardoso, 51 anos, baiano, atuante no Rio de Janeiro, foi aluno de Mestre Bimba.

¹⁹ Pedro Moraes, 59 anos, baiano, fundador do Grupo GCAP, atuante em Salvador.

Janeiro. Lembrava das pessoas praticando movimentos de capoeira na areia das praias do Rio e, durante muito tempo, observar aqueles movimentos foi uma coisa natural que fiz, mas que não me causava desejo maior que uma observação distante. No entanto, assim que saí daquele ambiente, a prática da capoeira passou a ser prioridade para mim.

Iniciar a prática da capoeira foi a primeira coisa que fiz ao chegar em Belo Horizonte. Uma tentativa de, através do corpo e seus movimentos, restabelecer o ambiente do Rio de Janeiro para mim e em mim. Tenho clareza disso hoje. Na época, essa ação foi totalmente inconsciente. Para Santos (2002), “o vínculo com o universo simbólico reflete, também, o significado das experiências vividas, emergindo formas profundas do meu ser”. Reitero a ginga como um poderoso instrumento, como um sinônimo de adaptação. O corpo gingando está se adaptando, no presente, ao tempo presente. Adaptação que não significa resignação, ao contrário, é adaptação estratégica, adapta-se para sobreviver, para entender de que maneira posso agir no ambiente em que me encontro, para não perder certa identidade, para preservar o que acredito.

Disfarçadamente. Para que não seja percebido pelo outro esse exercício de preservação, de resistência que está ocorrendo. Adaptação que aguarda a hora certa de se colocar, pois lidar com (o) pressão, seja de que nível for, não é fácil, exige muita destreza física, intelectual e até mesmo, espiritual.

A partir de então, tudo em minha vida foi pautado pela capoeira: amigos, marido, filhas, viagens, a desistência de minha formação em psicologia, por uma vez e em letras, por outra, a opção de ser formada pela capoeira e não por uma educação superior formal, as cidades em que morei (primeiro Juiz de Fora, onde trabalhei ao lado de Luciano Ferreira Guimarães, hoje Contramestre Luciano, com capoeira por 4 anos, e depois, o meu direcionamento para Salvador em 2000, quando compreendi que algo muito além da técnica, da coreografia, estava implícita na capoeira e que, no sudeste, naquela época, eu teria dificuldade em aprender sobre isso), a necessidade de ensinar inglês em cursos livres para apoiar o sustento de um orçamento que a capoeira nem sempre foi suficiente para suprir, pois envolvia a manutenção de uma casa. Devo à capoeira, até mesmo a necessidade do retorno à universidade para que pudesse ‘falar’ sobre essa arte, fundamentar melhor o que vivi em prática nos onze anos de meu distanciamento da academia, durante os quais vivenciei possibilidades pedagógicas que não separaram lazer, trabalho, vida e aprendizado, passando a ser este o meu foco de trabalho, a maneira como passei a contribuir, valorizando a compreensão deste saber popular pelo saber acadêmico.

Não houve outro motivo, senão a capoeira para que eu cursasse pedagogia. Fiz tudo que pude para relacioná-la a academia. Minha pesquisa PIBIC²⁰ relacionou capoeira e candomblé, minha participação na ACC 464²¹: o ensino e pesquisa na roda de capoeira por oito semestres, atuando por quatro deles como monitora voluntária, o projeto de extensão com comunidades de capoeira de Lauro de Freitas que executei por dois semestres como bolsista do programa Permanecer²², temas de seminários de disciplinas regulares... É importante ressaltar o encontro com Maria Cecília de Paula Silva, professora adjunta da Faculdade de Educação da UFBA e que apoiou e orientou todas as iniciativas que tive em relação ao objeto de estudo que escolhi e sempre o fez com respeito e a flexibilidade necessária ao tratamento deste tipo de tema. Outros dois professores da FACED foram também importantes: Kleverton Bacelar e Pedro Abib. Estas três pessoas foram incentivadoras e facilitadoras de todos os avanços que fiz em relação ao meu objetivo de relacionar o saber popular referente à capoeira ao saber acadêmico, bem como muitos colegas em tantos semestres participando da ACC 464.

Dentro das diversas possibilidades de relacionamento da capoeira com a área educacional, encontro-me agora, particularmente, curiosa em relação à investigação de sua expansão. A expansão da capoeira vem tomando proporções tão grandes que esta acabou por ser tombada como Patrimônio Imaterial Nacional em 2008²³ e é hoje considerada a principal representante da língua portuguesa no mundo. O Ministério da Cultura com Gilberto Gil em seu comando elaborou um vídeo denominado 'Pela Paz', o qual registrou um encontro de capoeiristas em Genebra²⁴ em celebração ao aniversário de morte de Sérgio Vieira de Melo, vítima fatal de atentado terrorista, passando claramente a mensagem da força da capoeira enquanto colaboradora da diplomacia, das relações exteriores, por ser capaz de unir em uma mesma roda diversas nações e culturas. Tal movimento iniciado neste encontro, tem como um de seus resultados uma

²⁰ Projeto de pesquisa voluntário inscrito no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) "Ambientes e rituais: História / memória da cultura corporal de Lauro de Freitas/Ba". Autoria de Maria Luísa Pimenta Neves e orientação da Professora Doutora Maria Cecília de Paula Silva.

²¹ ACC: Atividade Curricular em Comunidade, modelo de disciplina optativa da Universidade Federal da Bahia que tem como objetivo incentivar a pesquisa de campo e pesquisa ação no ambiente acadêmico..

²² Programa da pró Reitoria de Assistência Estudantil da UFBA, que busca evitar a evasão de estudantes.
²³ 15/07/2008.

²⁴ Em <http://mestrepaulao.vodspot.tv/tag/capoeira>, acesso em 20/09/2009: No dia 19 de agosto de 2003 morria em missão de paz, o embaixador brasileiro Sérgio Vieira de Mello, vítima de um atentado terrorista na sede local da ONU, em Bagdá. Este documentário mostra uma homenagem do ministério da Cultura à memória do grande homem que foi Sérgio Vieira de Mello levando ao palco do Victoria Hall Theatre, em Genebra, no dia 19 de agosto de 2004, a Capoeira como símbolo da camaradagem e do companheirismo de dividir a mesma roda, o mesmo sentimento de paz e amizade unindo vá

revista lançada pelo Ministério das Relações Exteriores/Palácio do Itamaraty com diversos artigos sobre capoeira e a força de seu movimento. Como ‘entrei na capoeira’²⁵ exatamente quando este movimento de expansão e reconhecimento começou a ganhar força, visto que o Mestre que me ensinou a gingar²⁶ mudou-se para a Suíça dois meses depois da minha primeira aula e lá reside até hoje, achei por bem buscar fazer desta monografia um trabalho que pudesse, um tanto em forma de ‘mosaico’, ouvir e expressar trechos da vivência e opinião de capoeiristas que trabalham com a arte em tempo integral ou parcial e contribuir para a compreensão sobre o que eles compreendem a respeito deste tema. É, sobretudo, um tema sobre a aprendizagem, pois, por estar sempre em (re)criação, a capoeira exige que seus praticantes, sejam Mestres ou apenas admiradores, estejam sempre (re)aprendendo a entendê-la e expressá-la.

2. COMPREENDENDO AS MALAMBAS NA ACADEMIA: SANTOS, ANJOS E CAPOEIRA

“Água de ‘bebê’!”

Muito se tem produzido em universidades sobre a capoeira, seus aspectos diversos atraem estudiosos para elaborações de dissertações, teses e artigos científicos. Sua práxis está relacionada a temas da sociologia, da economia, da educação física, da educação e até mesmo estudos sobre sua epistemologia dentro do ambiente acadêmico já ocorreram. No entanto, a temática da expansão da capoeira encontra-se ainda um tanto distribuída em trechos, capítulos e tópicos desta produção.

A expressão ‘movimento de expansão da capoeira’ chama atenção em relação ao fato que tudo que se movimenta, se movimenta sobre um determinado espaço. O advento da Globalização está bastante ligado a tal movimento e guarda em seu radical, Globo, toda uma indicação desta questão espacial. A capoeira está sendo sempre influenciada pelo espaço em que acontece ou em que é possível acontecer. A depender de um ou outro ambiente em que acontece, ela é interpretada e expressa diferentemente em seu percurso histórico. Em menor ampliação, o ambiente da roda acaba por provocar diferentes comportamentos em seus participantes. É notório que o ambiente de uma roda é criado pelos participantes da mesma, mas também pelo local em que acontece. Ao observar os documentários/filmes de capoeira, é fácil perceber que grande parte seu

²⁵ Esta Expressão: ‘entrar na capoeira’ é muito utilizada por seus praticantes e carrega, mais uma vez, toda simbologia expressa pelos capoeiristas: assim como se entra na roda, se entra na capoeira(!).

²⁶ Paulo Ferreira Mesquita, mineiro, 48 anos, conhecido como Mestre Paulão morador de Lausanne, Suíça desde 1992, onde atua em diversos espaços.

tempo é reservado à filmagem do espaço. Isso ocorre desde “Dança de Guerra”(1968), documentário pioneiro sobre a capoeira, até a recém-lançada (mega) produção nacional “ Besouro”(2009), que passa boa parte exibindo as belas imagens do seu local de gravação, a Chapada Diamantina, passando por muitos outros, tais como, Memórias do Recôncavo, Mandinga em Manhattan, Vida de Mandingueiro, O zelador, Maré Capoeira (...). É possível arriscar que há uma pedagogia do espaço atuando bastante na trajetória da capoeira. Com isso, Milton Santos, Inaicyrá Falcão dos Santos e Rafael Sanzio dos Anjos são três principais autores que contribuem na construção deste trabalho. Autores em que me inspirei e busquei fundamentação. São os três, professores. Os dois, geógrafos e ela, professora de dança, dentre outras atividades. A prática pedagógica dos três está bastante vinculada a questões de respeito pela terra, história e voz do povo. Territorialidade e ação. Para Santos (2000): “O espaço geográfico não apenas revela o transcurso da história, como indica a seus atores o modo de nela intervir de maneira consciente”.

Aquele que é parte integrante da terra onde pisa, é conhecedor de sua história e responsável por saber (re) contá-la e por ajudar os mais novos, que chegam, a saber viver o seu ambiente. Isso representa mais que o próprio saber viver em seu ambiente: é ser o seu ambiente. Os três autores expressaram, em suas obras, uma profunda percepção da incorporação da noção de território para o desenvolvimento de um sistema de relações (tanto interpessoal quanto institucional) mais sadio e focado na consciência do espaço ocupado por determinado povo em determinada época, ou na época atual.

O que é feito com o ambiente é bem o que é feito com o povo que nele vive. Por isso a importância da resistência às ideologias dominadoras que buscam, através, principalmente do incentivo ao consumo, neutralizar a força das coisas do povo, a potência da diversidade dos saberes.

Em Santos (2002, p.31), podemos encontrar :

“É importante mostrar que embora trilhem um contexto social, com valores culturais é importante desde o início a definição, na medida do possível, dos territórios, das diferenças históricas do ser humano na sala de aula e conseqüentemente do mundo. Somos diversos, mas somos iguais!”

Anjos (2000) reforça a resistência (intelectual!) a um sistema ideologicamente dominador ao apresentar em sua Coleção África-Brasil, cartografia para o ensino-aprendizagem, o mapa-múndi na perspectiva invertida, onde o hemisfério sul acaba por ter a visão de sua área aumentada:

“É esta imagem cartográfica destorcida que buscamos alterar, com o mundo representado graficamente numa perspectiva invertida que mensura as terras emersas próximas de suas reais proporções. Com isso a tradicional visão de territórios como o Canadá e a Groelândia ocupando grandes espaços mundiais não procedem nesta representação cartográfica.”

Santos (2000, p.96), nos esclarece sobre o conceito de território dizendo:

“O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi. Quando se fala em território, deve-se pois, de logo, entender que se está falando em território usado, utilizado por uma dada população.”

A repetição das palavras terra, terreiro e território chamaram minha atenção no trabalho destes intelectuais. Ao escutar os depoimentos dos capoeiristas selecionados por este trabalho, igualmente percebi uma forte relação com o conceito de territorialidade em suas falas. A formação e desenvolvimento da cultura intrínseca ao espaço onde surge/acontece, é algo bastante claro também no seguinte depoimento de Mestre João Grande, no documentário Black Beetle (2003):

Eu ia pro rio, jogava farinha pra vê os peixe brincá um com o outro. Desviava. Olhava os passarinho. Como que os passarinho andava. Os passarinho voava. Um não batia no outro. Não sabia o que era...Capoeira é o mato.Sabia que era esse nome. Eu brincava de noite com os menino. Mortal. Tudo eu fazia. O que faz de capoeira aqui, eu fazia lá no interior, na roça. Num sabia o que tava fazendo. Depois que vim pra Bahia, conheci a capoeira, vim sabê o que era os movimento. Era tudo de capoeira.”

Mestre João Pequeno, em seu livro-depoimento (2000, p.42) faz a relação entre capoeira e terra/território com bela clareza, dizendo “Capoeira é mato, Capoeira também é terra, e o homem foi feito na terra e tudo que nela existe é tirado dela.”

Outro importante aspecto destacado pelos autores mencionados é o papel da contribuição dos intelectuais em relação a este embate entre as nações consideradas ativas (que parecem dominar tecnologicamente e ideologicamente) e as nações consideradas passivas (que parecem ser dominadas tecnologicamente e ideologicamente). Santos (2000, p.158):

“...o papel dos intelectuais será, talvez, muito mais do que promover um simples combate às formas de ser da nação ativa –tarefa importante mas insuficiente, nas atuais circunstâncias-, devendo empenhar-se por mostrar, analiticamente, dentro do todo nacional, a vida sistêmica da nação passiva e suas manifestações de resistência a uma conquista indiscriminada e totalitária do espaço social pela chamada nação ativa. Tal visão renovada da realidade contraditória de cada fração do

território deve ser oferecida à reflexão da sociedade em geral, tanto à sociedade organizada nas associações, sindicatos, igrejas, partidos, como à sociedade desorganizada, que encontrarão nessa nova interpretação os elementos necessários para a postulação e o exercício de uma outra política, mais condizente com a busca do interesse social”.

Ao procurar dar voz aos capoeiristas, intercalando seus depoimentos com o destes autores atentos às questões do território, esta monografia buscou valorizar seu conhecimento, sua maneira de expressão e, principalmente, sua capacidade de perceber o território, perceber esse movimento de expansão da capoeira dentro deste contexto, pois ao considerarmos e fazermos questão de considerar a capoeira ‘brasileira’, percebendo-se tantas estatísticas sobre a quantidade de países que já a praticam, ao tomarmos a capoeira como Patrimônio Imaterial Brasileiro, é implícito nestas ações a questão da territorialidade de maneira mais ou menos consciente. Por isso, as questões relativas a este trabalho estarão ligada às questões relativas ao conceito de territorialidade discutidas por esse autores e demonstradas pelos capoeiristas aqui presentes.

2.1. Questionamentos-guias.

Anjos (2000) apresentou um mapa sobre a dinâmica da capoeira no Globo que vinha acompanhado do seguinte comentário/questionamento:

“A capoeira, expressão de resistência étnica e cultural, organização social e reverência concreta às matrizes africanas sobreviventes no Brasil, passa, neste momento atual por um contexto de apropriação pelo sistema dominante e se constitui na principal matriz afro-brasileira globalizada. A dinâmica da expansão por todos os continentes do planeta, expresso em 108 países, com registro oficial, revela a dimensão global do processo e nos reportam algumas questões básicas: qual o lugar da África neste movimento mundial? Quais os riscos de descaracterização e apropriação indevida dessa matriz cultural africana desenvolvida no Brasil? A população brasileira tem conhecimento real da dimensão das questões que se colocam em torno desse tema? Em quantas outras línguas oficiais ou não a capoeira está sendo praticada e assimilada? Esta primeira configuração dinâmica da capoeira no mundo é uma tentativa de mostrar cartograficamente esta outra diáspora de matriz africana referenciada no Brasil e suas principais articulações. Não podemos perder de vista a forma marginal e proibitiva como a capoeira foi e é tratada no Brasil. Mesmo com o tratamento secular discriminatório, o que está colocado para população é rever sua postura para um fenômeno que alarga de forma crescente, os horizontes do país, da nossa língua, portanto, da nossa matriz cultural africana.”

Estas questões colocadas acima, são questões que precisam ser realmente pensadas e as reflexões provocadas por elas, precisam ser conhecidas e discutidas para

que a capoeira não se perca em questões mercadológicas, imediatistas e que expressem um globalitarismo, em contraste com uma globalização que pode ter sua força direcionada ao que Milton Santos chamou de nações passivas. Por serem os capoeiristas ativos participantes da expansão da capoeira e, em sua maioria, pessoas com uma necessidade de conquista de independência financeira, corre-se o risco de que contribuam para que esse sistema globalitarista se instale também na capoeira, inserindo na cultura popular, elementos da cultura de massa²⁷, enfraquecendo a atitude de resistência embutida na capoeira.

Somado a isto, está a própria questão de preconceito despendido às autênticas expressões da capoeira/cultura negra em geral e seus principais representantes, em sua maioria negros. A partir do momento em que estas culturas passam a ser aceitas pela sociedade como um todo e pelos poderes públicos (como é o caso do Tombamento e das políticas públicas que deverão surgir após esta ação inicial), elas passam a precisar se moldar às regras que tolhem sua própria organização, esta baseada na comunhão do seu praticante como seu território.

É de fundamental importância a compreensão do que o capoeirista que realiza a expansão da capoeira entende a respeito deste movimento que ele contribui diretamente para que ocorra. Abreu, ainda no documentário *Vida de mandingueiro* (2006), revela que o capoeirista que percebe a capoeira com maiores anseios, sem tanto imediatismo, acaba por ser melhor aceito por esta exigente e preconceituosa sociedade em que está inserido:

“O que faz a diferença de Pastinha e Bimba pras outras figuras da capoeira? Eles tinham um projeto pra capoeira. Os outros, não. Os outros ‘tão’ dentro do ambiente da capoeira. Colaboram, ajudam, tem força, dão força. São homens de grande valor: Mestre Waldemar, Cobrinha, Canjiquinha, Caiçara...”

E finaliza, dizendo: “Mas, isso tudo que ‘tá’ acontecendo hoje, Bimba e Pastinha tinham previsto. Porque tem um projeto pra capoeira.”

Parece que a necessidade de organização é indicativa da realidade da era da globalização, embora, isso possa implicar na certa descaracterização anunciada por Anjos em seu comentário/questionamento.

²⁷ Chama-se **cultura de massa** toda cultura produzida para a população em geral — a despeito de heterogeneidades sociais, étnicas, etárias, sexuais ou psicológicas — e veiculada pelos meios de comunicação de massa.

2.2. Mosaico da expansão da capoeira.

Para que estas questões apresentadas pudessem ser permeadas, esse trabalho buscou, também, inspiração em observações de campo e em estudos etnográficos tais como os de Pierre Verger (2002), Ruth Landes (2002) e outros trabalhos, tais como os de Carlos Brandão (1995) e Ecléa Bosi. Bosi (1994, p.68):

"Qual a forma predominante de memória de um dado indivíduo? O único modo correto de sabê-lo é levar o sujeito a fazer sua autobiografia. A narração da própria vida é o testemunho mais eloqüente dos modos que a pessoa tem de lembrar."

Portanto as entrevistas deste trabalho foram calcadas no estabelecimento da relação de confiança entre a entrevistadora e os entrevistados, estimulando estes a relembra sua própria história, visto que, de outra forma, não seria possível obter manifestações de opiniões com maior naturalidade.

Ainda assim, é importante ressaltar que as conversas ‘em off’ foram muito mais reveladoras não só da realidade vividas pelos entrevistados neste movimento de expansão, mas também das suas reações (e não apenas opiniões) sobre elas.

A utilização da literatura de Milton Santos (2000), Inaicyr Santos (2002) e Rafael Anjos (2000) não descartou a leitura e pesquisa em trabalhos de outros autores, tais como os citados acima. A literatura já existente e crescente em relação às temáticas da capoeira também foi bastante utilizada para esta elaboração, bem como filmes e documentários sobre o tema, recentes ou não. Esporadicamente também foram examinados vídeos postados e uma lista de discussão sobre capoeira na Internet (Roda Virtual), ambos são recursos muito utilizados principalmente por praticantes da capoeira²⁸.

Por fim a experiência de ser capoeirista não foi abandonada por nenhum momento pela autora, apesar da constante tentativa de exercer um olhar de fora, em muitos momentos a compreensão e identificação com todo o material sobre capoeira utilizado, muitas vezes trouxe um sentimento emocionado à tona, algo que, apesar de controlado, não foi nunca tolhido neste trabalho, pois ao se tratar de história oral, é preciso dar voz também a emoção. Quando o autor se emociona por reconhecer no tema o seu território, está aprendendo também. E aprendendo de maneira eficaz. Segundo Inaicyr Santos (2002, p.131):

²⁸ Ver referências

“Acredito que a construção do conhecimento, a inversão dos caminhos, ou seja, primeiro o aprendizado do conhecimento do que somos, do nosso local de origem, depois o conhecimento dos outros, reconhecendo e respeitando o diverso, pode contribuir na construção de uma sociedade mais justa e saudável.”

Milton Santos (2000, p.133), novamente, em seu olhar atento, em relação a inversão dos caminhos do conhecimento, enfatiza a necessidade do entendimento da visão de mundo da classe pobre:

“Num mundo tão complexo, pode escapar aos pobres o entendimento sistêmico do sistema do mundo. Este lhes aparece nebuloso, constituído por causas próximas e remotas, por motivações concretas e abstratas, pela confusão entre os discursos e as situações, entre a explicação das coisas e a sua propaganda. Mas há também a desilusão das demandas não satisfeitas, o exemplo do vizinho que prospera, o cotidiano contraditório. Talvez por aí chegue o despertar. Num primeiro momento, este é, apenas o encontro de uns poucos fragmentos, de algumas peças do puzzle, mas também a dificuldade para entrar no labirinto: falta-lhes o próprio sistema do mundo, do país e do lugar. Mas a semente já está plantada e o passo seguinte é o seu florescimento em atitudes de inconformidade e, talvez, rebeldia.”

A capoeira é um fruto dessa rebeldia, dessa inconformidade aí mencionada. Mais ainda! Desta vez, Santos (2002,p.119), aponta para a dificuldade dos intelectuais ao interpretar os elementos da cultura popular:

“A maioria deles (*dos estudiosos*) também não consegue demarcar os espaços, distanciar o que é- na expressão utilizada por Mãe Senhora no Terreiro do Axé Opô Afonjá, em Salvador, o que é ‘da porteira para dentro’ e o que é ‘da porteira para fora’. Alicerçam-se assim, preconceitos, estereótipos, rejeição por parte dos que desconhecem a matéria e aborrecimento por parte dos conhecedores, dos religiosos, que lutam contra esta problemática.”

Neste sentido, reiterando a percepção que, na realidade, o risco que se corre não é o de uma visão recortada por parte dos entrevistados e, sim, o de uma postura preconceituosa por parte do entrevistador, é surpreendente - para a academia- a capacidade de relação de alguns deles entre a história da capoeira hoje e a história de antes contada pelos próprios personagens da capoeira. Os capoeiristas valorizam, aprendem e refletem sobre pontos principais, polêmicos, contraditórios existentes no discurso e na vida daqueles, que antes deles, viveram a capoeira tão intensamente quanto eles a vivem hoje. A academia precisa, também, aprender a ouvi-los: os de antes e os de agora!

Ao poder expressar o depoimento de pessoas tão admiradas, este estudo proporcionou a autora, algo extremamente valioso: crescimento pessoal e conhecimento gerado pela experiência sensível. Algo que fica, que é realmente aprendido pelo seu grande valor: não só intelectual, mas afetivo (...). Território puro.

3. MERGULHANDO NAS MALAMBAS

Capoeira pra estrangeiro meu irmão
 É mato
 Capoeira brasileira meu cumpadre
 É de matar
 Berimbau tá chamando
 Olha roda formando
 Vai se benzendo pra entrar
 O toque é de angola
 São Bento Pequeno, Cavalaria, Iuna
 A mandinga do jogo
 O molejo da esquiva
 É pra não cochilar
 Capoeira é ligeira
 Ela é brasileira
 Ela é de matar
 (MestreSuassuna)

Na já mencionada pesquisa PIBIC feita pela autora sobre a capoeira e o candomblé, é destacada uma questão fundamental que interliga os Mestres de capoeira e os líderes de Terreiro ao se tratar do que pode ser chamado, já denominado por Rafael dos Anjos anteriormente de ‘uma outra diáspora de matriz africana referenciada no Brasil’: há um sentimento contraditório de alegria por ver sua cultura divulgada e de desconfiança e decepção por ver sua cultura distorcida e ‘nas mãos’ de pessoas que não a vivem, apenas as tiram ‘das mãos’ de quem a vive para proveito próprio ou de outros. ‘Viver’ aqui traz a idéia de trabalho, lazer, e vida como algo não separado e próprio dos detentores do saber popular, o mesmo sentimento dúbio é expresso pelos entrevistados sobre a expansão da capoeira em unanimidade:

Mestre Olavo diz:

“Isso é bom pra cultura nossa! Bom de uma parte, ruim em outra. É bom porque a gente tá ...Essa cultura tá se expandindo pelo mundo, se espalhando. Tá se tornando cada vez mais elevada, mais valorizada, mas numa parte é ruim porque os pessoal de fora, do exterior, pegô essa cultura nossa e tá...eles tão tomando conta!”

Mestre Lua inicia dizendo que o movimento de expansão da capoeira “é massa. Ele é bom pra gente. Agora...tem que ser...mais valorizado. Mais valorizado. Mais valorizado pelo governo”. E continua, sugerindo que essa rede de solidariedade informal, utilizada tantas vezes pelo Ministério da Cultura atual como o grande exemplo diferencial que a capoeira traz para o mundo, é na realidade muito cansativo e demanda um esforço grandioso por parte dos que participam dela e que, na realidade, lutam há tempos para vê-la reconhecida e valorizada pelos poderes públicos e quando estes a

reconhecem, o fazem de uma forma arbitrária, lançando mão de atitudes que envolvem ‘preferências’ e manipulação:

“Mas a gente faz muito da gente mesmo. Sempre da gente, sempre da gente. A gente não tem apoio assim de um cara botar um dinheiro na sua mão pra fazer um evento. Eles querem fazer, pegar dois, três capoeirista...pra manipular os outros e eles...absorve toda essa informação através de filmagem, através de imagem, através disso...Mas eles botam um...um outro capoeirista fazendo papel de capitão do mato. Na real ele (*o governo*) não chama assim...: “Vamo fazê uma audição, vamo vê quem é que vai fazê esse festival. Vamo botá essa grana na mão de fulano!”E quando bota, bota na mão de uns caras que a gente não gosta.”

Para Balão, a questão passa pela maneira como o capoeirista vai viver a expansão, dizendo que “tudo na vida tem seu lado positivo e negativo. “A capoeira é tudo que a boca come”, então se comer comida ruim, tem dor de barriga, se comer comida boa, fica saudável.”

Para Luciano, também, a expansão apresenta duas faces, estando a face negativa interligada a sua comercialização e ao não respeito ao ensinamento de seus fundamentos:

“A expansão da capoeira, ela...é bom. É bom pra capoeira, mas tem também...É uma faca de dois gumes. É bom, mas ao mesmo tempo não é. Tem pessoas que levam a capoeira para ser expandida com todos os fundamentos, né? Necessário, certo que ela tem...Mas também que levam a capoeira apenas por...Como uma forma de ganhar dinheiro mesmo, de fazer um trabalho...de capoeira, ganhar um dinheiro e viver bem com...Usando a capoeira.”

Lang, Estrelinha já expressa uma visão de quem conheceu a capoeira por via da sua expansão. Todavia, não deixa de perceber os conflitos gerados por este movimento e o associa à globalização:

“É claro que se não tivesse esse movimento de expansão, eu não teria conhecido a capoeira. Eu também vejo uma grande riqueza no intercâmbio entre culturas- isso abre a mente de todos. Porém fico preocupada com a comercialização da capoeira, um fato generalizado, principalmente nas capoeiras Contemporâneas (as capoeiras que não sejam Angola ou Regional), pois acho os valores muitas vezes vazios e o conhecimento cultural pobre.. Na verdade, isso reflete os problemas mundiais da globalização.”

Bira, ensinando atualmente na França e tendo crescido no meio da capoeira Regional entre Amaralina e o Centro Histórico, reforça e complementa o observado por Luciano sobre os capoeiristas que se estabelecem no exterior:

“...É um negócio meio complicado,. Tipo assim: eu gosto de ter acontecido porque...Isso valoriza nossa cultura. Na verdade, o que me deixa triste é saber que tem pessoas que tem cultura forte lá fora, e que não liga pra isso, não dá a mínima pra isso. E eles inventam algo e sei lá... São muito comunistas²⁹, na verdade. Pensa mais nessa coisa, vê mais com essa visão. Que ver a academia

²⁹ Bira utiliza a expressão ‘comunista’, mas pelo que descreve em seu depoimento, parece querer dizer: ‘capitalista’.

cheia, um bocado de aluno, coisa e tal, mas às vezes, não tem conteúdo, não tem um pouco daquela química, daquela magia que tem aqui, um pouco, sabe? Em Salvador... Não porque eles não tem, é porque quem leva daqui pra lá, não consegue dá pra eles (*pros alunos*) o suficiente pr' eles entendê isso, sabe?"

Já Chapinha, trabalhando/ morando no Líbano há seis meses não nega as inovações, mas lembra o respeito às tradições: A expansão é "... Confiar no que faz, respeitar a origem em caso de inventar 'novas técnicas e estilos.'"

Origem, fundamento, comércio, intercâmbio, gente, manipulação, dinheiro, valorização, 'tomar conta'(...). Estas palavras aparecem nestes discursos, sugerindo a complexa relação existente na temática da expansão da capoeira. Complexa também é discussão sobre a capoeira, suas concepções, sua origem.

Serão pontuados aqui os aspectos dessa discussão mais mencionados pelos entrevistados, sendo o primeiro de todos, colocado de forma unânime, citado acima, o sentimento contraditório de orgulho e desconfiança ao ver a cultura da capoeira ser levada para o mundo. Outros pontos importantes dessa discussão são:

3.1. O despreparo de capoeiristas que agem com imediatismo para obter retorno financeiro em relação ao ensino da capoeira e o pouco apoio dos poderes públicos:

Este aspecto trouxe à tona vários comentários dos entrevistados, principalmente ao se tratar de como o estrangeiro, chamados por todos de 'gringo', age para aprender capoeira e depois acaba por desprezar o apoio dos brasileiros. Mestre Olavo diz que "eles recebe a gente com aquela popularidade bacana, aquela hospitalidade boa, mas dentro daquelas hospitalidades deles, eles estão cultivando, tão catando, captando muitas coisas nossas" o que resulta em certa independência, em uma dispensa do brasileiro para a prática da capoeira e, no caso de Mestre Olavo, na dispensa do feitio do berimbau, ofício que ele aprendeu com Mestre Waldemar, tem como fonte de renda e que segundo ele mesmo "...mas só que hoje em dia eu faço melhor do que o Mestre Waldemar porque eu dei continuidade a isso e me aperfeiçoei mesmo". Para ele, quando o estrangeiro aprende a capoeira, quando" já tem capoeira lá, não precisa vir pra cá, através de capoeira. Não compra instrumento na minha mão, nem na mão dos outros, faz instrumento por lá" e com isso " eles fazendo isso por lá, a gente não tem como pegar um dinheirinho, ter uma rendazinha, né?!". Ao mesmo tempo, ao dizer que entre as "vantagens" que a capoeira o proporcionou está "as amizades boas" e a intensa convivência em outros espaços: "Cada dia eu vou em um local, em uma roda de

capoeira em um espaço diferente. Pra ver como é que o pessoal se conduz, pra ver o ritmo deles, pra ver quem joga melhor, quem canta bem, quem não canta e, também pra criar música”, o Mestre coloca a questão do lazer, do ‘ser um prazer tornar-se conhecedor dos territórios de capoeira’. Isso vem em primeiro lugar, antes do aspecto financeiro. Mas que este não deixa de ser importante.

Bira Saci e Luciano encontraram um espanhol na barca para Mar Grande. Este, com uma pequena vivência de capoeira, em sua visita a Salvador considerou as capoeiras que viu ‘fracas’ e os treinos que fez igualmente fracos para um aluno avançado como ele. Na barca de Mar Grande dizia que o berimbau que tinha em mãos era ruim e que ele iria vendê-lo em Belo Horizonte, pois lá havia escassez de biriba... Luciano e Bira, não puderam fazer nada, apenas sorrir diante da postura do espanhol, mas o sentimento com que o caso foi relatado (por Luciano), era de irritação. Todavia, nenhuma crítica foi feita ao estrangeiro por parte dele ou de Bira. Apenas deram uma risada, cúmplices sobre a situação, confirmando a influência da boa/má orientação do Mestre/Professor em relação ao comportamento do aluno.

Mestre Lua é bastante direto ao dizer que “‘queira ou não queira’ a gente conta com o estrangeiro. Não tem jeito, a gente conta, Bahia conta” e alerta para sermos cuidadosos ao ensinar a capoeira: “agora a gente tem que ser cabeça, não entregar tudo de mão beijada” e menciona uma época futura em que “vai chegar um ponto em que eles vão ser Mestres. Europeus Mestres, ahn?” e que já existem grupos “só deles, estrangeiros, que não querem nem brasileiros” e questiona as causas desta atitude: “uns atribui isso aos...à arrogância dos brasileiros, à ignorância dos brasileiros”, porque estes “se acham os melhores do mundo”. Com isso os estrangeiros passam a ter uma atitude seletiva em relação a com quem conviver no Brasil. “Muitos já estão aqui, ó, na manha, selecionando”. Mestre Lua não nega essa maneira arrogante de ser do capoeirista brasileiro, mas, bastante atento, logo depois, questiona a falta de oportunidades que o capoeirista brasileiro vive: “Itamaraty vai investir nos festivais...de capoeira...Lá fora... p.n.! Invista aqui. Dê condições aos jovens de se profissionalizar. Abra nas escolas, obrigatório, a cultura afro-brasileira. A capoeira, tudo, maculelê, samba.” E continua enfático: “Bote a história de Zumbi de Palmares, do candomblé nas escolas, para os jovens brancos, negros, índios e mulatos aprenderem a sua história! Bote!”

Realmente incomoda a comunidade de capoeira o fato do Itamaraty ter produzido uma revista sofisticada sobre a capoeira, revista que contém trabalhos de intelectuais, estudiosos da capoeira, fotos e desenhos bem trabalhados e dispostos. Essa

revista foi traduzida em três línguas, e distribuída. Os capoeiristas, representantes do cotidiano da capoeira tão falado em tal revista, no entanto, não a receberam. E ainda que ela esteja disponível na internet, sua divulgação e acesso são difíceis a esta comunidade, que mesmo que não a leia na íntegra, guardaria e admiraria suas fotos e desenhos.

Um projeto como este que, certamente, trouxe gastos grandes ao Itamaraty, está muito longe do desejo concreto de um capoeirista da velha guarda de Belo Horizonte: Mestre Dunga³⁰ gostaria de ver construída a Casa do Capoeira, para que esta pudesse ajudar os capoeiristas tanto com problemas de saúde, como com outros tipos de problema. É isso que Mestre Dunga construiria se pudesse.

Retomando, por meio de Mestre Lua, à questão dos festivais no exterior: "Não! Tem que investir aqui. Dar valor as coisas daqui. Entendeu?! Porque tá todo mundo indo pra Europa. Eu tô vendo no dia a dia, as rodas de capoeira mesmo do Terreiro, que tinha mais brasileiro. Tem muito mais gringo hoje".

A questão da falta de preparo dos capoeiristas brasileiros também não escapa ao Mestre, comentando sobre um capoeirista que já tinha tido oportunidade de ir à Europa, voltou ao Brasil sem a passagem de volta e

"ficou aí ó. Padecendo aí uma cara. Veio só com um bilhete, né?! Agora conseguiu, foi de novo, mas ficou um tempo aí. 'Arruma uma coisa pra fazer cara!' Mas mesmo que ele arrume, ele não tá acreditando naquilo. Ele tá acreditando que a grana que ele arruma lá fora é melhor. Mas mesmo que ele não tenha essa capacidade de capoeira. Ele tava esse tempo todo aqui e não aproveitou a nível de treinar, treinar, treinar. Pra quando chegar lá ter um nível melhor. Ele só ia pras rodas jogar, mas ele tá contando que mesmo assim, lá, ele vai arrumar um grupo.(...) E arma!"

Por este viés, a atitude de alguns estrangeiros, orientados por bons Mestres, já demonstram uma maior consciência sobre a problemática social brasileira, trazida a seu conhecimento através da capoeira. Estrelinha conseguiu de forma criativa tornar-se mantenedora, juntamente com seus alunos canadenses, de um núcleo do Capoeirê, projeto de ensino de capoeira para crianças em risco social criado por Mestre Nene³¹. Mestre Ivan de Santo Amaro³² viu o seu projeto para construção do Barracão da Capoeira de Angola de Santo Amaro começar a tornar-se realidade por intermédio de doações de um grupo de capoeira do Japão – "Tribo da Lua" - e um mutirão realizado por

³⁰ Mestre Dunga faz parte da velha guarda da capoeira mineira. É baiano e residente em Belo Horizonte.

³¹ Manoel Nascimento Machado, 49 anos, filho de Manoel dos Reis Machado, Mestre da Escola de capoeira Filhos de Bimba e presidente da Fundação Mestre Bimba, responsável pela documentação do legado de Mestre Bimba.

³² Ivan Raimundo Sales, nascido em 12/09/1966 é Mestre de capoeira Angola na cidade de Santo Amaro da Purificação e foi aluno de Mestre Ferreirinha.

capoeiristas da Ilha de Vera Cruz e estrangeiros que estavam, na época, visitando o Brasil. Luciano já obteve ajuda de capoeiristas da Suíça para realização de seus eventos de capoeira anuais por três vezes. Com isso, mais uma vez pelas palavras de Mestre Lua, é necessário saber diferenciar “o gringo que é reacionário, mercenário” do “gringo que chega junto, que ajuda”.

Realmente, a pouca oportunidade de preparação e retorno financeiro encontrados pelos capoeiristas brasileiros é refletida não apenas na sua migração para diversos países no mundo inteiro, como em certa responsabilidade pela pouca compreensão das facetas da capoeira pelo capoeirista estrangeiro que, a princípio se aproxima desta cultura buscando preencher, segundo Estrelinha “um grande vazio cultural e social na vida deles”, vazio este, entendido por Luciano como a falta de uma base para o aprendizado da malandragem, já que “a capoeira é isso: é você ter que dá jeito, ter que dá a volta nos seus problemas, né? E a gente vê que esses países não têm. Eles não têm essa volta, eles são muito corretos. Então isso, prejudica o desenvolvimento da capoeira, para comparar com um brasileiro”. Mestre Cafuné³³, sempre se refere a essa maneira peculiar da capoeira estar associada à forma de viver do povo brasileiro e, por causa disso, ser inspiradora de novas formas de viver em uma sociedade hermética em sua convivência social como a européia, por exemplo. Essa ‘maneira de viver’ trazida pela capoeira, na opinião do mestre, encanta os estrangeiros.

Finalizando este tópico, os entrevistados abrem aqui a relevante discussão sobre como um brasileiro, sem preparo, sem apoio institucional para profissionalização requerida para uma situação complexa como a de se ter habilidade de ensinar capoeira a indivíduos completamente diversos de seu ambiente, inclusive na língua falada, pode conseguir abarcar as questões relativas à expansão da capoeira e ainda difundir seus fundamentos mananciais como o prazer de fazer novos amigos, colocado por Mestre Olavo.

O narrador do documentário *Vida de mandigueiro* (2006) reflete sobre esta discussão:

“Em Lyon, como em todas as grandes cidades da Europa, o interesse pela capoeira é evidente. Os alunos são numerosos e geralmente muito entusiasmados, e a prática ultrapassa completamente o espaço das academias. Os mestres e professores transmitem bem mais que uma prática esportiva e formam uma nova geração de professores estrangeiros. Desta forma, a capoeira prossegue sua

³³ Sérgio Fachinetti, 71 anos, aluno-formado de Mestre Bimba no final da década de 60, atual participante da ‘Turma de Bimba’, grupo que reúne os alunos da velha guarda da capoeira Regional e autor de artigos para a revista *Praticando Capoeira* sobre Mestre Bimba, a capoeira Regional e sua metodologia.

evolução e transforma-se inevitavelmente através desta diversidade cultural. Porém, podemos nos questionar se essa geração saberá perpetuar o ensino desta arte em toda a sua dimensão.”

Ainda sobre esta discussão, encontramos um sábio comentário no livro de Mestre João Pequeno (2000, p.42), que apesar de não questionar o apoio dos poderes públicos, traz à discussão o fator ‘vocação’. “Não é todo jogador de capoeira que é capoeirista, como não é todo bom capoeirista que é Mestre de Capoeira. E não é todo Mestre que é bom Mestre.(...)”.

3.2. O tratamento cuidadoso com o estrangeiro, incentivando uma capoeira que evita confrontos e é deficiente no jogo:

Bira, representante da capoeira Regional, diz: “Meus alunos...Não tem esse negócio porque eu to lá fora, eu não dou rasteira. Meus alunos, eu dou rasteira! Eu falo, eu brigo, eu boto de castigo... Adulto, criança, não tem esse negócio, não. Porque isso faz parte da metodologia da capoeira.”

Muitos capoeiristas que trabalham no exterior, comentam a respeito de certo cuidado, certa preservação em relação ao corpo dos estrangeiros. Uma maior proteção é despendida para que os alunos não se machuquem. Parece haver um temor por parte dos Professores e Mestres que precisam mostrar um ‘comportamento civilizado’ para serem aceitos por uma sociedade que tem suas regras de convivência social estabelecidas e respeitadas de maneira diferente a que ocorre no Brasil e diferente da maneira que a capoeira se desenvolveu. Maneira que envolve o conceito de malandragem. Nestor Capoeira, em um de seus estudos (publicados na internet), traz um depoimento de Madame Satã³⁴ que expressa o ambiente da capoeira em sua época:

“Fui me formando na malandragem. Malandro, naquele tempo, não queria dizer exatamente o que quer dizer hoje. Malandro era quem acompanhava as serenatas e freqüentava os botequins e cabarés e não corria de briga mesmo quando era contra a polícia. E não entregava o outro. E respeitava o outro. E cada um usava a sua navalha, cuja melhor era a sueca... Apelido de navalha era "pastorinha"... Mas quando eu falo em respeito, não estou dizendo, amizade, que isso não existia. E o respeito vinha do medo”.

Ainda hoje, nas rodas de conversas informais da capoeira, é comum o comentário de que um bom capoeirista fica amigo de outro, após um bom jogo em uma roda de capoeira. Há um clima de tensão no ar sempre que se vêem, até que um jogo acontece,

³⁴ João Francisco dos Santos, carioca, 25/02/1900- 11/04/1976, foi exímio capoeirista e transformista em casas noturnas na Lapa no Rio de Janeiro. Lutou diversas vezes com policiais.

geralmente, um jogo duro e, a partir de então, é criado um clima de respeito entre os dois. Respeito, que vem do medo, de uma violência que pulsa mesmo quando não se realiza, mencionado pelo exímio malandro em sua fala trazida por Nestor. Essa ancestralidade de uma camaradagem criada através do medo/respeito ainda hoje pulsa nas rodas de capoeira no Brasil.

No exterior: tatames para aparo de quedas, muito uso de acrobacias - dando ênfase a uma prática e interatividade mais individual que em dupla nos treinamentos e nas rodas - e muita explicação/conversa durante os treinamentos (detalhando os movimentos, explicitando a técnica) diluem, de certa forma o aspecto mais violento, mais perigoso, na capoeira de lá.

Mestre Lua, em sua entrevista, lembra um aluno estrangeiro que acabou por ficar com os alunos de seu professor que era brasileiro. Informa que esse aluno

“pegou os alunos dele - *do brasileiro* – todos! Um aluno dele lá em Toulon. Esse cara quando vem aqui é um gringão. Agora ele veio aqui com não sei quantos alunos.... Quer dizer, saiu, levou tudo, que é mais fácil pra ele. É a linguagem dele. De Toulon, francês, bam bam bam. Vai pegar aquela galera, o cara é garotão, chega aqui, bronzeadão, de bermudinha. E sabe por quê? Por que ele não vai jogar em lugar nenhum! De bermuda. Por que quando você queixa...’Pô, não trouxe a calça!’”.

E complementa: “Aí, na época, Xixarro, Siri Mole³⁵, jogando pra ‘caraca’, botaram esses caras no bolso. Eu digo: aí são os professores. E que toma o espaço do brasileiro” E flexibiliza: “Eu acho que aprende, que com o tempo aprende”.

Não apenas neste momento, mas em outros, Mestre Lua citou uma capoeira deficitária por parte, não do estrangeiro em geral, mas do estrangeiro que quer ser tratado como professor ou mestre, sem ter, ou querer ter essa vivência de roda, de jogo de capoeira, de correr perigo, o que parece fazer parte da formação de um bom capoeirista.

Mestre Elias, 56, ao interferir na entrevista de Mestre Olavo, conta sobre quando entrou em uma roda de capoeira, ao descer ao ‘Estica’ para buscar água, pois esta faltava em casa: “Aí, quando eu cheguei lá, os caras tava jogando capoeira. Pensei que podia entrar, que os caras não ia bater...Gagé entrou... Lá vai eu pro Pronto Socorro desmaiado – risos-. Quando acordei no Pronto Socorro...Chorei. Sem efeito. Aí, desci de novo. O cara me deu uma pancada pelo braço, tive que ir pro Pronto Socorro. Aí...Tá vendo? Aí, comecei a treinar em Surrão.” Neste depoimento, traz esse ambiente, esse território em que muitos grandes nomes da capoeira se desenvolveram. A capoeira da atual expansão, parece

³⁵ Jovens capoeiristas freqüentadores da roda do terreiro de Jesus de Mestre Lua.

não poder expressar livremente este lado da capoeira, importantíssimo para o imaginário dos capoeiristas, principalmente com mais de 50 anos, hoje considerados parte da ‘velha guarda’. Mestre Elias, ao iniciar seu depoimento, diz, referindo-se claramente aos japoneses: “Quando um japonês filma a capoeira, tem que cobrar alto. Alto. No Mercado³⁶ é assim. Só vai filmar pagando alto! Tem dinheiro pra pagar, é um milhão pra filmar.” Essas questões estão relacionadas à uma pergunta-canto, colocada freqüentemente por bons cantadores de capoeira do passado e do presente:” Iê, que vai fazê com a capoeira?”

Contramestre Luciano faz importante menção sobre esse cuidado em se mostrar uma capoeira ‘politicamente correta’ não ser apenas relativo à sua expansão no exterior, mas à sua incorporação às escolas: “...tem uma certa discriminação por você, não poder registrar lá um pouco da verdade da capoeira. Às vezes você não pode cantar uma verdade, ou ensinar uma verdade da capoeira pro aluno”. Ao ser questionado sobre que verdade seria esta, Luciano responde: “Eu acho que o lado da...música, né? Que fala muito do candomblé, o lado marginal da capoeira, o lado luta da capoeira, é... acho que é isso que você tem que acobertar mais na escola”. Finaliza explicando que, na escola, o capoeirista pode ensinar o abc, “...mas um abc, que na verdade, não é o abc mesmo da capoeira, é o abc da escola.” Quando Luciano diz que o lado da música precisa ser camuflado, traz em sua observação que o imaginário que acompanha a capoeira, precisa ser camuflado, o que remete às questões trazidas por Anjos, especialmente a sobre os riscos de descaracterização da arte e apropriação indevida desta cultura de matriz africana desenvolvida no Brasil.

Balão chama atenção a respeito dessas várias mudanças da capoeira ocorrerem, ainda mais rápidas, por causa da sua profissionalização em um sistema capitalista: “Há muita diferença entre a capoeira atual e a de vinte anos atrás. Hoje, com o atributo da profissão da capoeira e todos os atributos que o capitalismo proporciona para nós, a parte mística ficou um pouco em desuso, ou seja, muitos capoeiristas que começaram a treinar ou jogar há menos de dez anos atrás não conheceram muito este lado místico, mandingueiro, lúdico, perigoso...” E enfatiza novamente a influência da ‘demanda’ mercadológica, que faz com que os capoeiristas atuais não sejam tão cuidadosos com o que se faz com a capoeira: “Sei, também, que somos os principais culpados por esta perda do lado místico, por conta do lado financeiro”. Este depoimento parece se confrontar, em parte, com o depoimento de Lang, Estrelinha, que, por duas vezes em sua entrevista, comenta o grande interesse e busca dos estrangeiros pelas dinâmicas de comunidades de bairros populares: “capoeiristas

³⁶ Mercado Modelo, local onde se realiza uma tradicional roda de capoeira reunindo capoeiristas de diversas linhagens.

canadenses ficam fascinados com os bairros populares, donde a raiz da capoeira veio. Lugares muito diferentes dos nossos.”. Anteriormente, Lang já havia falado sobre o “grande vazio cultural e social” na vida dos canadenses e que a capoeira ajuda a preencher e associou o fato de um estrangeiro se tornar tão bom capoeirista quanto um brasileiro estar relacionado à proximidade deste com esta cultura, e da intensidade com a “intensidade que essa pessoa vai viver a cultura brasileira/baiana”, e diz também que “ a capoeira tem uma essência nela que qualquer ser humano pode acessar, o que permite que um estrangeiro traga o jeito dele sem estragar a essência”.

Uma essência bastante flexível por conta da sua ininterrupta (re)criação: fundamentos mananciais, para usar a mesma expressão utilizada na pesquisa PIBIC que realizei sobre capoeira e candomblé. Algo que, mesmo com a possibilidade de mudança e recriação, deverá ser preservado.

Ao iniciar este trabalho, a ginga foi colocada como expressão da principal característica da capoeira: a adaptação. Adaptação que envolve mudança e resistência. Novamente: mudar para permanecer. Seria essa a essência da capoeira? Seria essa essência que garantiria a não descaracterização da arte questionada por Anjos?

Este tópico sobre a expansão da capoeira, abre uma longa discussão que não será esgotada por este trabalho.

3.3. A musicalidade, a especificidade das cantigas de capoeira que reproduzem o viver um determinado cotidiano de um povo em seu ambiente e a compreensão destas por parte do estrangeiro:

Três dos entrevistados acreditam que um estrangeiro terá capacidade de ser tão bom capoeirista quanto um brasileiro. São eles: Chapinha – “Tanto tem, como já existe (Fazer o que?)” -, Balão –“Com certeza!”- e Bira - “Eu acho. Eu acho que você não pode subestimar o ser humano, velho. Eu acho que aí que ... realmente você toma a rasteira”- Apenas um responde que não: Luciano – “ele vai ser um bom capoeirista, mas tão quanto um brasileiro...”. Os Mestres Olavo – “Não...é... Setenta por cento vai ficar bom. Vão ficar bom: setenta por cento.” - e Lua, novamente – “ ... queira ou não queira...a gente conta com o estrangeiro” - foram flexíveis ao responder esta questão: ponderaram várias facetas. Lang, como única estrangeira responde: “Ainda não resolvi, mas estou chegando à conclusão que se um estrangeiro mora um tempo no Brasil, ele/ela pode se aproximar muito da cultura”.

Destes, dois foram perguntados sobre o estrangeiro e a musicalidade da capoeira: Bira e Mestre Lua.

Bira ri e responde: "Bom, isso...Isso...É a dificuldade deles, na verdade. Com relação a ritmos e toques, eu acho que não é todo europeu ou pessoas que moram lá fora que tem isso". Mas é otimista: "...possa ser que demore, um europeu que cante que toque, ma pra mim, vai surgir. Não sei como, mas vai surgir".

Quando Bira fala em 'não sei como', mostra a lacuna que existe entre a técnica do canto e toques e o entendimento do cotidiano dentre o qual as cantigas, os toques de berimbau foram criados, inserindo muitas gírias, expressões corriqueiras de um povo que canta seu cotidiano de maneira quase que natural.

A revista Capoeira lançada pelo Itamaraty, em sua tradução para o inglês, surpreende ao invés de traduzir as cantigas, publicar versões para elas. A ladainha que Mestre João Pequeno sempre canta ao pé do berimbau, tem como primeira frase do canto de entrada, p.66:

"É mandingueiro!" e foi escrita em inglês como "He has the power!", o que em realidade significa " Ele tem o poder - ou é poderoso -". A expressão 'Iê', grito 'de guerra' dos angoleiros, foi subscrita como Yea, mesmo havendo uma nota explicativa sobre o significado do Iê. A palavra roda, foi substituída em todos os textos por circle (círculo). É claro que a roda é um círculo e é necessário ser explicado aos que não compreendem a palavra, o seu formato, mas o passar a chamar a roda de círculo - circle - acarreta em um distanciamento de seu significado. Simbólico, inclusive. Existe uma palavra em inglês que se assemelha mais a idéia de roda - que se movimenta (!) -: Wheel.

Um corrido famoso nas rodas de capoeira: "Tem dendê/ tem dendê/ Capoeira tem dendê (ou Capoeira de angola tem dendê)/ Oi o jogo de chão carrega dendê" recebeu a versão:

"Dendê is spice, dendê is nice/ Angola practice adds dendê/ Floor techniques will add dendê", o que significa: " Dendê é tempero, dendê é legal/ a prática de Angola adiciona dendê/ Técnicas de chão adicionarão dendê". Percebe-se a intenção de rima, pois 'spice', rima com 'nice'. Mas perde-se a linguagem natural de um corrido de domínio público que, é claro, sofreu suas modificações até chegar ao tempo presente, mas com uma linguagem bem mais popular que a proposta em 'técnicas de chão' e 'prática de Angola'. Não é impossível pensar na intenção de uma versão preparada para ser cantada em inglês (...). Neste sentido, a capoeira sofreria uma transformação até

então, desconsiderada. Então, o cotidiano, o ambiente brasileiro seria cantado em outras línguas ou as cantigas refletiriam o cotidiano do lugar onde se canta?

Há uma dificuldade grande dos estrangeiros em entender cantigas tão peculiares que envolvem tantos detalhes. Poucos professores de capoeira no exterior têm capacidade de esclarecer seus alunos sobre esse universo. Primeiramente por causa do pouco domínio da língua estrangeira. Também, por falta de intimidade com um passado já tão diferente do tempo atual. Muitas cantigas não são tão cantadas quanto eram antes. Muitos capoeiristas preferem cantar cantigas modernas e composições próprias. Dezenas de CDs são lançados no ‘mercado’ da capoeira anualmente. Quanto a este afastamento e perda da memória do passado, Milton Santos (2000, p.132), provocador, novamente reflete, novamente, sobre a classe pobre:

“Nessa condição de alerta permanente, não têm repouso intelectual. A memória seria sua inimiga. A herança do passado é temperada pelo sentimento de urgência, essa consciência do novo que é, também, um motor de conhecimento”.

Mestre Lua, falando dos estrangeiros, mas também dos brasileiros: “Não é a mesma coisa. Não vão cantar mesmo, com axé mesmo. Já é duro aqui! Não vai não. Vai demorar muito... Agora jogar, joga.” E traz, pela primeira e única vez nas entrevistas, a discussão da expansão para a América do Sul:

“Chegar aqui no Chile é uma loucura!. Eles jogam capoeira e cantam. Agora trocam também ‘o macaco e o leão’³⁷ por ‘macaco Julião’. Começa. Dá um Iê daqueles: Iêêêêê!! O macaco Julião. Aí o Mestre fala: ‘pô, tem aluno aqui que canta pra c.’” O macaco Julião, pô?? O ‘bumbum de Deus é grande’³⁸(?). Os caras: “o bumbum de Deus é grande”, tão cantando isso nos Estados Unidos.”

E alerta para a importância de um profissional competente para conduzir o aprendizado nestes lugares: “... se não tiver ninguém pra dar a idéia, ele vai cantá o ‘bumbum de Deus é grande’ mesmo, ‘o macaco Julião’”. E, com um último comentário sobre esse tópico, finaliza, entendendo o não controle dos capoeiristas em relação às mudanças que acontecerão na capoeira daqui por diante: “Eu não sei como é que vai ser essa parada daqui a uns quinze, vinte anos. Se eu tiver aqui...Vai tá totalmente outra viagem.”

Mestre Toni Vargas³⁹ reitera que as questões referentes ao território são relevantes ao aprendizado do capoeirista em Vida de mandingueiro (2006):

³⁷ Famosa cantiga de capoeira, gravada por Mestre Canjiquinha, 1925-1994.

³⁸ Famosa ladainha de capoeira de domínio público: “O mundo de Deus é grande”

“Uma coisa, comum, difícil que eu acho muito complicado, é que as pessoas que fazem capoeira hoje estão mais longe no seu cotidiano, de um contexto, do que seria um contexto, vamo dizer, um contexto adequado ao da capoeira, um contexto da cultura popular’, como eu vejo, na minha opinião, né?. Então, você tem um menino aqui da zona sul, por exemplo, você vai ensinar capoeira, ele é bombardeado pela mídia, essa coisa toda, ele escuta música. De repente você quer que ele bata palma no ritmo, você quer que ele compreenda o ritual(...) O que que é ritual?. Nunca viu nada parecido com isso. O cara não tem nenhuma vivência, de uma manifestação de cultura popular, na família dele, ninguém também tem. O cara vai pra universidade, vai pra discoteca, vai pra escola particular, e que história é essa de ritual??”

3.4. Os que permanecem em seu local, da rede solidária informal e o pouco reconhecimento aos artistas da terra:

Ao perceber tanto a movimentação no ambiente da capoeira do Contramestre Luciano, quanto a minha, Ana Pimenta, 9 anos, filha do casal, questiona: “Mãe, porque é que você nunca sai e meu pai sempre sai?”. O desejo de viajar através da capoeira nunca é expresso diretamente por Luciano ou por mim, portanto esta é uma interrogação elaborada a partir da própria vivência desta criança que, ao perceber um inserido nesse processo de viagens e o outro não, estranha, pois, a seu ver, ambos são capoeiristas. Esta indagação está relacionada à exclamação feita por Mestre Gigante, na página 20 do presente: “Não me deixem de fora!”. Ao refletir sobre quem são as pessoas participantes desse movimento de expansão, foi encontrado diversidade nas respostas das entrevistas.

Segundo Balão, quem participa desse movimento da expansão é “todos os capoeiristas, principalmente da minha geração e uma acima da minha”. Ou seja, certas pessoas participam com mais intensidade que outras, a depender da geração a que pertence.

Para Luciano: “às vezes um capoeirista que aprendeu a jogar capoeira e...com pouca experiência também, leva...Que chega lá e ‘caba aprendendo por lá mesmo”. E em contrapartida, as pessoas que não participam, são as que

“não freqüentam tantos eventos, né? E essa coisa, que não sai na revista, que não sai num filme. Essas pessoas ficam prejudicadas por fazer, por ajudar essa expansão da capoeira e ‘muitas das vez’, essas pessoas, são as pessoas que mais tem fundamento, mas que por não freqüentar, por ficar sempre dentro de seu espaço, de seu terreirinho ali, ‘caba não participando disso.”

³⁹ Antonio Vargas, carioca, atuante no Rio de Janeiro, é um exímio cantador e compositor de capoeira na atualidade.

Novamente, a territorialidade é chamada para discussão e Mestre Elias a reforça ao mencionar o valor artístico de Mestre Olavo:

“...ele é um cara artista e não sabe. Olavo é um artista e pensa que não é. Tá entendendo o meu ponto de vista?! Eu sempre o encarei como um grande artista: o cara faz berimbau, joga capoeira, toca e canta, mas como ele terminou de dizer, nem os próprios familiares dele valorizam.”

Para se sentir valorizado, no momento da expansão, é preciso notoriedade... Atitude que vai de encontro a uma famosa cantiga das rodas de capoeira da antiguidade: “Quem quiser me ver, vai na Piedade amanhã.” (d.p.) Lembrança de uma época em que o capoeira ficava em seu local e o público sabia onde encontrá-lo. Havia, sim, as visitas de um capoeirista à roda de outro, mas eles estavam bastante fixados em seus locais.

Hoje, o capoeirista é que vai até o público, seja através da mídia, seja através das viagens numerosas que deseja realizar.

Importante reforçar que, apesar de exaustiva por razão da falta de um respaldo dos poderes públicos, a organização independente e informal entre os capoeiristas é fundamental para os que realizam esse movimento de ir e vir através de si mesmo e de associações entre grupos e pessoas. Estas associações compram passagens internacionais -nacionais também-, pagam hospedagens e cachês dos capoeiristas convidados e também mantêm uma rede solidária informal, dentro da qual, capoeiristas ajudam uns aos outros, convenientemente, sob diversos aspectos: Luciano já recebeu apoio financeiro de diversos amigos moradores do exterior em épocas de escassez de aluno e de recursos financeiros.

Mestre Elias, novamente: “Eu não sou filho de Olavo. Olavo me deu um cantinho, que minha irmã me botou pra fora, eu tava apertado, com a guia quebrada. Guia quebrada é quando tá sem dinheiro pra comprar mercadoria.” E conclui dizendo que pra ele, “Olavo é mais que um parente”.

Essa peculiaridade das redes informais é algo realmente forte na capoeira e tem a capacidade de atrair adeptos. Lang diz sobre o Canadá:

“onde tem uma grande classe média, a capoeira está explodindo. Os jovens conhecem a capoeira através de vídeos, filmes espetáculos ou rodas de rua. Porém o pessoal de meio popular não tem muito acesso a capoeira por falta de dinheiro e de acessibilidade, fora alguns programas sociais”.

A capoeira no exterior parece fazer o caminho inverso do que o que foi feito no Brasil, onde surge através das classes populares, mas é exatamente seu aspecto popular que parece interessar o estrangeiro.

Mestre Lua mostra a grande amplitude da discussão e não só comenta sobre a nova geração que está saindo do Brasil: “França tá cheio. Suíça tá cheio de capoeirista. Alemanha tá cheia de capoeirista. Marselha, esses lugares todos.”

Lembra também a falta de cuidado com os Mestres mais velhos que viajam já em idade avançada:

”Bigodinho⁴⁰ apareceu três meses depois, quebrado, diabetes lá em cima! Porque, não sei...Não tiveram preocupação, só tiveram preocupação de, pô, o cara é das antigas, é descendente de Waldemar. Um frio ‘da p.’ na Europa e o cara andando pra cima e pra baixo. Nego nem botava um carro e a gente que já viveu lá fora já viu que é frio mesmo pr’um novo, que dirá pr’um velho.”

E acredita que seja aí que entre a possibilidade para pessoas novas e/ou desconhecidas viajarem:

“Daqui a pouco vai. Porque também esgota. Esgota também. Eu já fui, já foi fulano, já foi beltrano, mas tem muitos que não foram.”. “Mas a época dele⁴¹ vai chegar.”

Então, alerta: “Mas tem que ter oportunidade, eu digo assim, oportunidade num lance positivo.” Prossegue, utilizando sua própria experiência:

”Que essa galera toda que tá indo não pegue isso, que eu já peguei. Mas vai pegar, não tem jeito. O cara vai levar Ivan, vai levar pra casa e vai fazer o que ele quiser ali. Vai fazer oficina disso, vai fazer oficina aqui, oficina de capoeira. Tanta informação o cara vai ter e ele vai dar mil euros ao cara, e acha que tá tudo careta.”

Pouco foi comentado sobre os casamentos que acontecem através da expansão da capoeira, que é uma grande porta de entrada para os que não apenas querem viajar, mas que querem permanecer no país estrangeiro e para que consigam ‘o papel’ (expressão muito usada pelos próprios capoeiristas ao se referirem a autorização para residirem em território estrangeiro), acabam por se casar oficialmente com estrangeiras.

O único comentário discreto sobre esse aspecto foi de Mestre Lua:

“E o lance é que...é a necessidade. Porque Ivan vai e volta, mas o jovem que tá no pique, que tá...vai e não volta. É nisso que a gente perde. Vai pra uma cidade que sabe que não tem

⁴⁰ Reinaldo Santana, baiano, 76 anos, aluno de Mestre Waldemar, morador de Salvador, cantador e compositor de capoeira na atualidade.

⁴¹ Fala sobre Mestre Ivan, já citado anteriormente, e que nunca viajou para o exterior.

ninguém:” Vou botar minha ‘p’. lá!”E vai ficar lá, um dia vai casar lá. Se ele for na intenção de “vou batalhar e vou voltar pro Brasil”, tudo bem, mas...”

Mais um relevante aspecto concernente à expansão da capoeira tem sua discussão iniciada aqui. Mesmo com todos os aspectos de profissionalismo e mercado envolvendo a capoeira no tempo atual, os capoeiristas remetem suas inquietações a uma questão maior que estas outras: a possibilidade de ser artista em sua própria terra, em seu próprio ambiente. O que aproxima a história de antes com a história de agora. Pois, segundo Campbell (1988, p.152): “o mundo hoje é diferente do que era há cinquenta anos. Mas a vida interior do homem é exatamente a mesma.”

3.5. A tradição inventada e a necessidade de adaptação sempre presente à capoeira trazendo flexibilidade em um momento como este:

Mestre Waldemar, em cd de 1986, dá o seguinte depoimento:

“Me chamo Waldemar Rodrigues da Paixão, nascido em 1916. Aprendi capoeira com Siri de Manguê, Canário Pardo, Calabi de Periperi. Levei quatro ano aprendendo. Em quarenta, na Pero Vaz cheguei a ensinar e aí continuei ensinando, agora parei de ensinar, só faço fabricar meus berimbaus.”

Mestre Lua diz que aos 18 anos já trabalhava com capoeira: “...eu dava aula, assim, pra galera do meu bairro mesmo. Fundo de quintal. Um espacinho pequenininho...Aí eu comecei a dar aula aí.” E compara este tempo com hoje: “ Eu tive grupo...novo, novo eu tive grupo. Tive...18, 20 anos eu tinha um grupo folclórico. Hoje pra você ter um grupo folclórico, é a maior loucura. Você tem que ter uma associação...Nesse tempo eu tinha um grupo que era uma referência boa assim, entendeu?!”

Hoje, há no meio da capoeira, a tentativa de se implantar um sistema mais rígido, onde os mestres graduam seus alunos, ou dão a estes títulos que os autorizam a ter certas vivências na capoeira: auxiliares, monitores, treinéis, graduados, professores, contramestres, mestrados... Uma série de etapas precisa ser cumprida para que um capoeirista vá passo a passo construindo o seu caminho como um profissional de capoeira. Tal acontecimento parece fazer oposição a depoimentos de alguns Mestres como Canjiquinha: “o cara leva cem anos aprendendo, e ainda assim não aprende capoeira” ou João Pequeno que sempre repete que está começando a aprender capoeira

agora. E que faz Luciano ter um tom irônico ao comentar que o espanhol que encontrou na barca para Mar Grande se considera um aluno avançado.

A capoeira sempre teve uma maneira natural de acontecer, e embora haja a tentativa de controlar o fluxo dos que se tornarão profissionais, esta regra sempre apresenta suas exceções. Bira, crescido no meio da capoeira Regional onde Mestre Nene⁴² procura preparar seus alunos para que sejam bons professores capazes de garantir a transmissão do legado de Mestre Bimba, é um exemplo disso. Capoeirista desde criança, Bira só se formou oficialmente em 2006, mas sempre deu aulas de capoeira, ainda criança, inclusive:

“Criança, na verdade, criancinha. Eu já dava aula na verdade. Já tinha noção na verdade. Um cara que tinha noção, um pivete que tinha noção. O mestre me instruía no que eu tinha que fazer e eu fazia. Num ficava preocupado, mas tava limpo.”

Porque a capoeira esteve sempre em dificuldade, sempre em um contexto de resistência/ sobrevivência da própria arte e de seus praticantes, ela sempre precisou de soluções criativas para o momento proposto (assim como na roda). Campbell (1988, p.171) provoca:

“Você adentra num terreno desconhecido, novo. Não pode haver criatividade a menos que você abandone o delimitado, o fixo, todas as regras.”

Mestre Olavo confirma, ao mencionar o início de sua experiência como fabricante de berimbau: “No interior de Muritiba, eu fiz uns berimbaus lá. Mas eu nem sabia o que era...biriba... Quanto mais nem conhecia que madeira boa de berimbau é biriba. Eu peguei um pé de jurema, cortei, fiz berimbau. Sem descascar a madeira, bruta como vem do mato, e a cabaça também.”

A expansão da capoeira parece caminhar, também, nessa direção, a do terreno desconhecido, das adaptações.

Mestre Lua narra um fato recente que vivenciou sobre um francês que mora em uma cidade onde não há capoeira e que só conseguiria apoio de três em três meses de um professor que mora em Paris. Este pediu ao Mestre orientação:

“Eu me lembrei logo de mim, quando era novo, no início da nossa conversa. Arrumei minha parada no fundo do quintal, minha irmã! Minha tia, meu primo, meu cunhado, é mesmo. Porque você tem que armar, se você não tem ninguém, você tem que armar, tem que ensinar.”

⁴² Manoel Nascimento Machado, 49, filho de Mestre Bimba, atuante em Salvador e maior responsável por manter o legado de seu pai.

Ao ser questionado por sua esposa, Marijô⁴³ sobre a falta de preparo do francês para ensinar, o mestre respondeu:

“Ele vai querer, Marijô. Vai treinar com a galerinha lá. Que ele não entre numa de ser isso e aquilo, mas o pouquinho que ele sabe, ele vai ensinar. E ele cole com Guaraci⁴⁴. Ainda fui de boa, que eu não ia chegar pro cara e dizer:” Olhe você não sabe de porra nenhuma.” Eu não vou falar isso, que também não é isso, né?! O cara gosta!”

O Mestre se mostra bem humorado: “Eu vou dizer que não dê (aula) e ele vai dar de qualquer jeito. E ainda vai ficar meu inimigo!”

Então reflete: “Aí, Marijô: “Você tem que dizer a ele que não é assim.” Eu digo:” É como, Marijô? Me diga, então, como é (?).””

E prossegue: “Quando você vê o papo de Waldemar dizendo que aprendeu quatro anos de capoeira. Siri de Mangue, não sei quê, não sei quê, e depois foi dar aula. Quando você vê isso, é o quê? Tem que ficar dez anos, quinze anos numa academia pra dar aula, é?”

Conclui, então, questionando a interpretação que damos aos fatos históricos:

“Quantos saíram bons alunos de Waldemar? Ai, ai...Tem coisas que não dá. Que, às vezes, a gente quer ser assim... Mas quando você olha pra trás, minha irmã, hum!...p. n.. Ninguém é dono de nada. Ninguém foi dono. Ninguém é dono de nada, ô menina. Se fosse assim... Ninguém é dono da cultura. Fulano quer ser o tal, Beltrano quer ser o tal. P. n., bicho. Mestre Pastinha foi embora, entendeu?! Levou o que? Entendeu?! Foi dono de quê?? Mestre Bimba...Ainda sacanearam ele, ainda.”

Portanto, essa flexibilização sempre presente no discurso dos capoeiristas entrevistados e, principalmente expressa nas falas de Mestre Lua, mostra uma atitude bastante humana (prática também), na qual é sempre considerado o ponto de vista e o sentir do outro, no caso desta discussão, do estrangeiro. Segundo Laing, em Santos (2002, p.91):

“É de considerável importância prática saber perceber que o conceito e /ou experiência de um homem sobre o seu ser talvez seja muito diferente do nosso conceito ou experiência dessa pessoa. Em tais casos, é preciso saber orientar-se como pessoa no esquema de coisas do outro em vez de vê-lo apenas como um objeto em nosso próprio mundo, isto é, dentro do sistema total de nossa escala de referência.”

⁴³ Marijô Fernandes, esposa de Mestre Lua, suíça, moradora da Ilha de Itaparica desde a década de 80.

⁴⁴ Mestre Guará da Escola de capoeira de angola de Paris.

4. TECENDO SABERES A PARTIR DAS MALAMBAS:

“Hoje em dia me espanto
 com tanto papo furado
 Se dizer que capoeira
 É somente brincadeira,
 Esquecendo a sua história ,
 O seu passado de glória,
 Como luta verdadeira.
 Capoeira é uma arte,
 Do africano de valor,
 Que usava a cabeçada
 Pra se livrar do feitor!”
 (Mestre Acordeon)

Certa feita, eu e minha orientadora Cecília de Paula, vivenciamos a seguinte situação:

“Chega um vendedor ambulante oferecendo alguma coisa pra gente, meio bêbado, tonto, vestindo uma camisa de jiu jitsu. Eu pergunto:
 - E essa camisa aí, velho?? Jiu jitsu? E a capoeira??
 Ele:
 - Também. É tudo! Capoeira eu jogo.
 Eu:
 - Ah, é? E quem é seu mestre??
 Ele:
 - Meu mestre?? (*Bate no peito*) Eu mesmo!! Meninos de rua!!”

A expansão da capoeira trouxe velocidade ao desenvolvimento da arte da capoeira, mas ainda assim, continua sendo possível ter a sensação de ser remetido à época dos ‘capitães de areia’: quando uma cena desse tipo ocorre. Na fala desse anônimo capoeirista, há toda uma história social. Profunda, cheia de arbitrariedade, relacionada ao território e ao que deles se apoderam para tirar proveito próprio. Na fala de todos os entrevistados, fragmentos dessa mesma história e que fica bem melhor contada pela voz de quem a vivencia.

Antes desse acontecimento/movimento de expansão, a produção da capoeira era bastante difícil de se acessar. Poucos livros, poucos documentários, documentos informais como gravações amadoras, objetos de cunho pessoal traziam ao ambiente da capoeira a disputa pelas ‘bagagens culturais: pistas, rastros e dicas de um tempo passado coberto de mistérios, incógnitas e personagens mais imaginários que reais.

Hoje, muito material é produzido sobre capoeira, os documentos sobre a capoeira são cada vez mais apurados e a internet divulga tudo com rapidez. A produção internacional começa a crescer, já existindo filmes e livros sobre o tema em outras

línguas e ainda sem tradução para o português. A realidade mercadológica invade o meio da capoeira, com todas as suas exigências e espírito de competição. Esta trouxe aos seus praticantes desprendimento de seus lugares de origem, espírito de conquista e inquietação.

Segundo Santos (2000, p.104):

“O conteúdo do território como um todo e de cada um dos seus compartimentos muda de forma brusca e, também, rapidamente perde uma parcela maior ou menor de sua identidade, em favor de formas de regulação estranhas ao sentido local da vida.”

Todavia, o movimento da cultura popular foi e é intenso. A capoeira parece ser (re)criação e por isso deve ser pensada e discutida de maneira flexível, porém com consciência de seus fundamentos mananciais, assim como seus representantes fizeram neste trabalho.

De acordo com Mestre Didi⁴⁵ em Santos (2002, p.112):

“Quando falo de tradição, não me refiro a algo congelado, estático que aponta apenas à anterioridade ou antiguidade, mas aos princípios míticos inaugurais constitutivos e condutores de identidade, de memória, capazes de transmitir de geração à geração continuidade essencial e, ao mesmo tempo, reelaborar-se nas diversas circunstâncias históricas, incorporando informações estéticas que permitem renovar a experiência, fortalecendo seus próprios valores .“

O presente trabalho apresentou algumas das temáticas relacionadas à expansão da capoeira coletadas através do depoimento de sete capoeiristas envolvidos neste e por este movimento. No entanto, o olhar da autora não deixou de ser um oitavo olhar, por estar igualmente envolvida com a capoeira em sua rotina.

Os capoeiristas demonstraram, neste estudo, um profundo conhecimento das questões relativas à capoeira e grande atenção ao movimento de expansão, mostrando estarem cientes dos questionamentos apresentados por Anjos sobre os riscos de descaracterização da arte e a consciência das questões que se apresentam em torno deste tema. Apenas não mostram soluções para alguns dos problemas apresentados: os reconhecem e acompanham, mas têm consciência da dificuldade em relação a deter algum aspecto indesejado da capoeira que esteja ocorrendo por causa da expansão. Ou melhor, convivem com estes aspectos e procuram, em seus espaços, trabalhar para a

⁴⁵ Deoscoredes Maximiliano dos Santos, nascido a 02/12/1917 é filho da Ialorixá Mãe Senhora e é hoje o Supremo Sacerdote do culto a Obauaiê. Também atua como artista plástico e escritor.

manutenção do que acreditam serem os fundamentos mananciais da arte. Entretanto, gostariam de ser ouvidos, gostariam de ser eles os atores/construtores das direções/decisões institucionais tomadas em relação à arte que tão bem conhecem. Eles sentem-se aptos a falar e expressar suas opiniões com tanta firmeza (ou mais!) quanto qualquer intelectual que venha, por ventura discutir suas temáticas.

Um cruzamento de opiniões a partir das respostas dadas pelos entrevistados esboçou cinco caminhos possíveis para o desenvolvimento do tema: as numerações do item 3. Contudo, outros aspectos da discussão sobre a capoeira podem também ser desenvolvidos tendo como ponto de partida este estudo: as relações de aprendizagem na capoeira, uma ampliação da questão do território dentro dos grupos de capoeira, as questões de gênero e estilo de capoeira interferindo na convivência entre os capoeiristas e a própria questão da capoeira como uma das protagonistas dessa nova diáspora da matriz africana que tem no Brasil um relevante ponto de partida.

Outra possibilidade a partir deste trabalho é o tratamento do saber popular pelo saber acadêmico e pelas escolas formais em geral, seus progressos, suas arbitrariedades e a atuação de intelectuais na construção de políticas para esta e outras culturas populares.

Há ainda um viés sobre o qual esta discussão pode se debruçar, já mais relacionado à área da antropologia cultural: o da tradição inventada, bem como o que seria essa certa essência da qual, de quando em vez, os capoeiristas mencionam, mesmo sendo esta uma arte tão relacionada a mudanças e (re) criação.

Enfim, esta monografia deve ser considerada um estudo bastante inicial, mas que possibilita caminhos para diversos outros estudos que possam contribuir com a construção de trabalhos que destaquem a percepção do olhar e voz dos envolvidos com a capoeira em seu dia a dia não só sob o aspecto da pesquisa, mas como docência e extensão: contribuição científica para as áreas, principalmente, da educação e da sociologia. Segundo Santos (2002, p.118): “O corpo e a história do brasileiro deveriam ser filosofia básica nas instituições e estar presente em todas as suas disciplinas curriculares, de forma flexível, criativa, direcionada aos objetivos específicos de cada uma delas.” Que as instituições, em todas as suas instâncias saibam perceber isso e dêem voz a quem sabe muito bem o que vê, o que sente e o que diz..

Viva a história do povo percebida e contada pelo povo. Viva as malambas de capoeira. Viva o mosaico de vidas que constrói todo e qualquer movimento, o da expansão também. Viva meu mestre! Viva o tempo! Viva o espaço!

REFERÊNCIAS

- ABIB, Pedro. Capoeira Angola: Cultura popular e o jogo dos saberes na roda. Salvador: Edufba/ CMU publicações, 2004.
- ABIB, Pedro. Mestres e Capoeiras Famosos da Bahia. Salvador: Edufba, 2009.
- ABREU, Frede. Capoeiras- Bahia, sec XIX. 1ª Ed. Salvador: Vogal imagem, 2005.
- ABREU, Frede. O Barracão do Mestre Waldemar. 1ª Ed. Salvador: Zarabatana, 2003.
- A CAPOEIRAGEM de um mestre e seu bando anunciador. Direção: Gabriela Barreto. Produção: Marijô Fernandes. Salvador: Capoeira Viva, 2009. DVD.
- ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. Cartografia para o ensino aprendizagem. 2ª Ed. Brasília: Mapas editora & Consultoria, 2000.
- ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. Quilombos: Geografia africana-cartografia étnica. 1ª Ed. Brasília: Mapas editora & Consultoria, 2009.
- A TARDE, Caderno especial. Lauro de Freitas. Salvador, 28 de julho de 2006.
- BESOURO. Direção: João Daniel Tikhomiroff. Brasil: Globofilmes, 2009.
- BLACK Beetle. Direção: Salim Rolim. Produção: Gordon Parks. Brasil, 2003. DVD.
- BOÉTIE, Etienne de la. Discurso sobre a servidão voluntária. Disponível em . <http://www.culturabrasil.org/zip/boetie.pdf>, em 22/06/2007.
- BOSI, Eclea. Memória e sociedade - lembranças de velhos. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- BRANDÃO. Carlos R. O que é educação. 33ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- BRASIL, Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Saberes e fazeres, v.1: Modos de ver. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.
- CAMPBELL, Joseph. O poder do mito. Disponível em: <http://www.ebah.com.br/o-poder-do-mito-de-joseph-campbell-ed-palas-athena-1990-pdf-a31725.html> Acesso em 03/10/2009.
- CAMPOS, Hélio. A escola de Mestre Bimba. 1ª Ed. Salvador: Edufba, 2009.
- CAPOEIRA, Nestor. O jogo da capoeira. Disponível em: http://74.125.93.132/search?q=cache:Ljnhy1M2dLYJ:www.nestorcapoeira.net/capitulo_2_novo.doc+textos+Nestor+capoeira+cita+madame+sat%C3%A3+e+pichadores+de+muros+do+Rio+de+Janeiro&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-a Acesso em 29/08/2009.
- CAPOEIRA paz no mundo. Ministério da Cultura. Brasília, 2008. DVD.
- CHADA, Sonia. A música dos caboclos no candomblé baiano. Salvador: Edufba, 2006.

- CASCUDO, Luis da Câmara. Dicionário do folclore. Belo Horizonte: Ed Itatiaia, 1984.
- COUTINHO, Daniel. ABC da capoeira Angola-os manuscritos do Mestre Noronha. 2ª Ed. Brasília: DEFER, 1993.
- DANÇA de Guerra. Direção: Jair Moura. Salvador, 1968.
- DIAS, Adriana Albert. Mandinga, manha e malícia. Salvador: Edufba, 2006.
- ENCONTRO com Milton Santos ou o Mundo Global Visto do Lado de Cá. Direção: Silvio Tendler. Brasil: Caliban Produções, 2006. DVD.
- FILHO, Ângelo A. Decânio. A herança de Bimba. Disponível em sementesdojogodeangola.org.br/downloads.htm, em 12/11/2009.
- FILHO, Ângelo A. Decânio. A herança de Pastinha. Disponível em sementesdojogodeangola.org.br/downloads.htm, em 12/11/2009.
- GIL, Gilberto. Brasil, paz no mundo. Disponível em www.cultura.gov.br/scripts/discursos.idc?codigo1143, em 22/09/2009.
- GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais e a Organização da Cultura. São Paulo: Civilização Brasileira, 1989.
- GRÃO Mestre Dunga. A lenda viva da capoeira. Belo Horizonte: Maxlaser entertainment e marketing estratégico ltda, 2005. CD.
- LANDES, Ruth. Cidade das Mulheres. Editora UFRJ, 2002.
- LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. A política da capoeiragem. Salvador: Edufba, 2008.
- LOPES, Helena Theodoro. "Religiões negras de origem banto, particularmente umbanda no Rio de Janeiro". In Nossos ancestrais e o terreiro. Organização de Juana Elbein dos Santos. Salvador: EGBA, 1997.
- MANDINGA em Manhattan. Direção: Lázaro Farias. Salvador: Culturamarcas, 2005. DVD.
- MEMÓRIAS do recôncavo: Besouro e outros capoeiras. Direção: Pedro Abib. Produção: Adler Paz. Salvador: Doc Doma filmes, 2007. DVD.
- MESTRE ACORDEON E MESTRE RÃ'S BEST SONGS. Disponível em <http://www.nme.com/artists/mestre-acordeon-e-mestre-ra> Acesso em 22/09/2009.
- MESTRE Gigante. O canto do berimbauman. Salvador: André Sapoti, 2009. CD.
- MESTRE Lua e bando anunciador. Roda do terreiro. Salvador: Multimidia music, 2007. CD.
- MESTRES Bigodinho e Boca Rica. Capoeira de Angola. Rio de Janeiro: Associação de Capoeira Marrom e alunos, 2002. CD.

- MONTELLO Josué. Os tambores de São Luís. Ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- OXOSSI, Mãe Stella e VIANNA, Juvany. Expressões de sabedoria. 1ª Ed: Salvador: Edufba, 2002.
- PAULA SILVA, Maria Cecília de. Da Educação Física, Moral e Intelectual a um corpo idealizado: Desvelando o discurso médico nas teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Tese de Doutorado em Educação Física, Universidade Gama Filho 2002.
- PAULA SILVA, Maria Cecília. Do corpo objeto ao sujeito histórico: perspectivas históricas do corpo na educação brasileira. Salvador: Edufba, 2009.
- PEQUENO, João. Uma vida de capoeira. São Paulo: s.ed., 2000.
- PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. A capoeira na Bahia de todos os Santos: um estudo sobre cultura e classe trabalhadoras (1890-1937). Tocantins/Goiânia: NEAB/Grafset, 2004.
- REGO, Waldeloir. Capoeira Angola: ensaio sócio etnográfico. Salvador. Itapoan, 1968.
- SANTOS, Inaicyr Falcão. Corpo e Ancestralidade. Salvador: Edufba, 2002.
- SANTOS, Milton. Por uma outra globalização. 15ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SELLIER, Marie. A África, pequeno Chaka. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2006.
- SODRÉ Muniz. Corpo de Mandinga. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Manati, 2002.
- SUASSUNA E DIRCEU. Capoeira Cordão de ouro. São Paulo: Warner Music Brasil / Continental, 1995.CD.
- TEXTS from Brazil 14. Capoeira. Ministério das relações exteriores. Disponível em <http://www.dc.mre.gov.br/imagens-e-textos/revista-textos-do-brasil/portugues> e <http://www.dc.mre.gov.br/imagens-e-textos/revista-textos-do-brasil/english> Acesso em 06/06/2009.
- TONI Vargas. Liberdade. Rio de Janeiro, 2003. CD.
- VASSALLO, Simone Pondé. O registro da capoeira como patrimônio imaterial - novos desafios simbólicos e políticos. Disponível em: <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/efr/article/viewFile/977/841>. Acesso em 24/07/2009.
- VERGER, Pierre. Retratos da Bahia. 3ª Ed: Salvador: Corrupio, 2002
- VIDA de Mandingueiro (etre capoeira). Direção: Cecile Bennegent e Mathias Monarque. França, 2006. DVD.
- VIDOR, Letícia. O mundo de pernas para o ar: a capoeira no Brasil. São Paulo: Publisher Brasil, 2000.

VILAS Magazine. Capoeira é a marca cultural de Lauro de Freitas. EDITAR – editora Accioli Ramos Ltda. Vol.80, set 2005, p.2 à 11.

WACQUANT, Loïc. Corpo e alma. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

ANEXOS

Anexo A - Entrevista 1

Qual seu nome completo e como é conhecido no meio da capoeira?

Roberta Cecilia Meireles Santana(Chapinha)

Possui um estilo de capoeira (Angola, Regional, Contemporâneo)? Qual

Capoeira Regional

Qual é o caminho da sua formação na capoeira?

Formada e atuando na área

Em que espaços você atua?

Escolas ,universidade e academias de ginástica (espero conseguir oficializar meu núcleo aqui no Líbano)

Há uma pessoa (ou pessoas) que seja principal para a sua formação em capoeira?

Sem duvidas : Mestre Nene ,Chapeu Vermelho, discípulo de Bimba, professor Anum e Professor Pequeno mestre,todos da (F.B.E.C).*

* Filhos de Bimba Escola de Capoeira

Exerce outra atividade fora do meio da capoeira? Se sim, qual e qual a sua formação?

Não tenho formação acadêmica mas trabalho fora da capoeira (shows de dança,venda ,trabalho de gráfica, etc...)

Quando começou a trabalhar com a capoeira?

2007

Quais oportunidades o trabalho com capoeira já lhe proporcionou/ lhe proporciona?

Trabalhos com shows de dança e percussão ,viagens para dentro e fora do país além de lazer e satisfação.

Gosta de conviver freqüentar outros espaços de capoeira? Com qual freqüência faz isso? Permite que seus alunos o façam?

Não com muita freqüência , em relação aos alunos eles vão quando eu vou só por precaução de acidente e tal mas se for experiente pode sim.

Para você o que é esse movimento de expansão da capoeira?

Não desistir nunca ,confiar no que faz ,respeitar a origem em caso de inventar ``novas técnicas e estilos.``

Quem participa deste movimento e de que forma?

Como exemplo de resistência, posso citar o Mestre Nenel em relação à capoeira regional ,mas em relação à angola, não sei bem ,acredito que o saudoso Mestre João Pequeno ``que Deus os mantenha vivos.``

Um estrangeiro tem/ terá capacidade de ser tão bom capoeirista quanto um brasileiro?

Tanto tem como já existe ,na teoria e na pratica (fazer o que?)

Quais lugares atraem os capoeiristas?

Qualquer lugar que tenha uma roda ou que tenha um pouquinho de capoeira exposição e tal...

Qual cantiga de capoeira é sua favorita? Pode cantar/escrever?

Tem algumas mas vou escrever uma quadra que gosto muito:

Menino quem foi teu mestre?
meu mestre foi salomao ,
discipulo que aprendo ,
mestre que dou licao,
o mestre que me ensinou
no engenho da conceicao
eu devo e o dinheiro ,saude e obrigacao
segredo de sao cosme ,mas quem sabe e sao damiao
camara,agua de beber.....

Anexo B - Entrevista 2

Qual seu nome completo e como é conhecido no meio da capoeira?

Lang Maria Liu - Estrelinha

Possui um estilo de capoeira (Angola, Regional, Contemporâneo)? Qual?

Capoeira Regional do Bimba

Qual é o caminho da sua formação na capoeira?

Comecei a treinar em Toronto com vários professores da capoeira contemporânea em 1995: Vicente (Rio de Janeiro), Dílson (São Paulo), Mestre Celso (Montes Claros, Minas Gerais - Berimbau de Ouro). Depois treinei 7 meses na Itália (Milão) com o Mestre Baixinho (Paraíba). Viajei no Brasil em 1996 e treinei a Capoeira Angola 2 meses com o Mestre Bezerra de Belém do Para. O professor dele, Marcio Mendes, veio pelo Canadá - nos se casamos e ele começou a dar aulas de Angola e eu da Contemporânea durante 4 anos. Quando eu me separei, fui para Salvador em dezembro de 2004 e fiquei 9 meses treinando a Capoeira Angola com o Mestre Curio e a Capoeira Regional com o Mestre Nenel. Eu tinha começado um doutorado na Universidade de Toronto e a minha tese era sobre a capoeira e a sabedoria popular/corporal. Comecei a treinar a Regional em Toronto quando eu voltei, e acabei ensinando, porque não tinha professor de Regional. Voltei duas vezes para Salvador (passei 6 meses lá em total), treinando so com os FDB e fazendo entrevistas com os Mestres em Salvador. Também viajei para Recife, Aracaju e Belém para entrevistar vários Mestres. Trouxe alunos comigo duas vezes e trouxe o Mestre Nenel para Toronto em maio desse ano, oficialmente abrindo os Filhos de Bimba Toronto. Estou para me formar com o grupo em agosto de 2010.

Em que espaços você atua?

Tento treinar com os Filhos de Bimba em Salvador (na Fundação no Pelourinho) cada 1-2 anos e ensino a Regional em Toronto na Bavia Arts Studio (www.baviaarts.com).

Há uma pessoa (ou pessoas) que seja principal para a sua formação em capoeira?

Antes de eu conhecer o Mestre Nenel, treinei um ano com o Mestre Celso, aluno do Mestre Paulo Gomes em São Paulo e ele me deu uma boa base na capoeira. O Mestre dele tinha uma forte influência do Mestre Bimba. O meu ex-marido, Marcio Mendes também me acompanhou muitos anos na capoeira, e eu tinha uma relação muito boa com o Mestre dele, Mestre Bezerra, que me orientou durante esses anos. O Mestre

Augusto, aluno do Mestre Curio, também me ajudou muito em Salvador, me apresentando a muitos antigos e novos mestres da Capoeira Angola. Os últimos 4-5 anos, os Filhos de Bimba me marcaram profundamente - me apaixonei pela escola e pela Regional. Devo muito ao meu Professor Anum e tive a sorte de aprofundar a relação com o Mestre Nene este ano.

Exerce outra atividade fora do meio da capoeira? Se sim, qual e qual a sua formação?

Sou estudante de doutorado na Universidade de Toronto, na faculdade de Educação (O.I.S.E.) e estou terminando o meu quinto ano. O meu mestrado é na antropologia cultural. Trabalhei 2 anos de trabalho social em Toronto. Também ensinei a capoeira e organizei uma escola de capoeira chamada "Muiraquita Capoeira" com o meu ex-marido durante 4 anos.

Quando começou a trabalhar com a capoeira?

Comecei a trabalhar com a capoeira (com o meu ex-marido) em Toronto, em 2001.

Quais oportunidades o trabalho com capoeira já lhe proporcionou/ lhe proporciona?

A capoeira abriu muitas portas para mim. Foi através da capoeira que eu comecei a desenvolver um trabalho com a comunidade de Toronto. Tive a oportunidade de fazer workshops, shows, palestras, e de viajar várias vezes ao Brasil com ou sem alunos. Fiz amizades, contactos profissionais e universitários. A capoeira me ajudou a encontrar o meu caminho dentro da universidade, apesar de eu não ter um grande desejo de trabalhar nesse meio. (Eu tenho mais interesse em desenvolver trabalhos sociais com a capoeira.) A capoeira me enriqueceu a vida de tantas maneiras que é difícil explicar a influência dela.

Gosta de conviver freqüentar outros espaços de capoeira? Com qual freqüência faz isso?

Eu não gosto muito de freqüentar espaços de capoeira em Toronto, porque não me sinto no meio da capoeira contemporânea. Porém, no Brasil gosto de visitar outras academias, principalmente as da Capoeira Angola, onde encontro uma grande riqueza cultural. No Canadá, tenho as vezes a obrigação de visitar outras escolas, mas prefiro limitar isso a uma vez cada 4-5 meses. No Brasil, eu freqüentava outras rodas várias vezes por mês, até pela pesquisa do doutorado.

Permite que seus alunos o façam?

Eu permitia isso antes de me juntar aos Filhos de Bimba, mas não me sentia tranqüila,

porque eu sei que mesmo no Canadá, as rodas podem não ser legais (não tanto a questão da violência, mas mais a questão de egos). Agora que me juntei aos FDB, o Mestre Nene tem uma regra que os alunos tem que ser acompanhados de um formado, no nosso caso, de mim ou de um aluno mais adiantado. Eu sei que alguns alunos vão estranhar, mas eu acho certo, ate pelo fato das capoeiras contemporâneas serem muito forte aqui e ninguém conhecer a Regional. Os alunos ainda são muito novos na Regional e ainda não tem bases fortes, então são facilmente influenciados pelos outros estilos e ficam perdidos.

Para você o que é esse movimento de expansão da capoeira?

Esse movimento aconteceu no Brasil ha muito tempo (décadas) e nos últimos 20 e poucos anos fora do Brasil também. E claro que se não tivesse tido esse movimento de expansão, eu não teria conhecida a capoeira. Eu também vejo uma grande riqueza no intercambio entre culturas - isso abre a mente de todos. Porem, fico preocupada com a comercialização da capoeira, um fato generalizando, principalmente nas capoeiras contemporâneas (as capoeiras que não sejam Angola ou Regional), porque acho os valores muitas vezes vazias e o conhecimento cultural pobre. Na verdade, isso reflete os problemas mundiais da globalização.

Quem participa deste movimento e de que forma?

Posso falar melhor do Canadá, pelo menos, onde tem uma grande classe media, a capoeira esta explodindo. Os jovens conhecem a capoeira, através de vídeos, filmes e espetáculos ou rodas de rua. Porem, o pessoal de meio popular não tem muito acesso a capoeira por falta de dinheiro e de acessibilidade, fora de alguns programas sociais. Ainda tem um numero pequeno de professores e mestres no Canadá. As escolas são muito parecidas as do Brasil (hierarquia, rituais, etc.), apesar de acontecer alguns choques culturais. Os Canadenses sentem que não e só um esporte - e muito mais - e ficam ainda mais atraídos por isso, sentindo um grande vazio cultural e social na vida deles.

Um estrangeiro tem/ terá capacidade de ser tão bom capoeirista quanto um brasileiro?

Eu pensei muito nessa questão para razões evidentes! Ainda não resolvi, mas estou chegando à conclusão que se um estrangeiro mora um tempo no Brasil, ele/ela pode se aproximar muito a cultura. Eu acho que isso e reflexo da proximidade a cultura, e da intensidade que essa pessoa vai viver a cultura Brasileira/Baiana. Também acho que a capoeira tem uma essência nela que qualquer ser humano pode acessar, o

que permite que um estrangeiro traga o jeito dele diferente sem estragar essa essência. Acho isso mais difícil na Capoeira Angola, mais acho possível na Capoeira Regional, e ainda mais nas capoeiras contemporâneas.

Quais lugares atraem os capoeiristas?

Pergunta interessante! Não sei lhe dizer no Brasil... Pelos capoeiristas Canadenses, eles ficam fascinados com os bairros populares, donde a raiz da capoeira veio. Lugares muito diferentes dos nossos...

Qual cantiga de capoeira é sua favorita? Pode cantar/escrever?

Ai... Tenho tantas preferidas.....

1. Angola e-e, Angola e, Angola....

2. Idalina, eu quero ver você jogar

Jogue para baixo, jogue para cima

Esse jogo bonito e Idalina

Jogue para baixo, jogue para cima...

3. Quando eu morrer, me enterre na Lapinha (2x)

Calca, culote, palito, almofadinha (2x)

Adeus Bahia, zoom zoom zoom

Cordao de Ouro

Eu vou partir porque mataram o meu Besouro

E zoom zoom zoom zoom

(coro) E Besouro

Anexo C - Entrevista 3.

Como é seu nome completo e como é conhecido na capoeira

Meu nome é Luciano Ferreira Guimarães e sou conhecido como Luciano.

E qual é o estilo de capoeira que você joga?

Capoeira contemporânea. Um estilo que estou buscando. Estilo 'Capoeira Malta da Serra', que é o nome da minha escola.

Então você é contemporâneo ou é Malta da Serra?

Tô buscando ser um capoeira Malta da Serra. Que é o nome da minha escola. Uma capoeira que...Engloba tudo isso: angola, regional, contemporânea...

Qual que é seu caminho de formação da capoeira?

Meu caminho de formação na capoeira? Eu sou...Eu sou de Minas, sou formado pelo Mestre Mão Branca de Belo Horizonte. É...Comecei a capoeira em 88. Me formei em professor em 95. No começo das minhas aulas...Meu primeiro professor de capoeira foi o Mestre Paulão hoje. E depois de um tempo de 3, 4 anos, comecei a treinar com o Mestre Mão Branca dentro da sua academia. Tudo isso foi dentro da sua academia mesmo e em 95 me formei com o Mestre Mão Branca e...Em 2004/2006...Fui formado pelo Mestre Mão Branca a contra mestre de capoeira.É... Já fiz...Fazia um trabalho em Juiz de Fora e depois vim pra Bahia e fui a Belo Horizonte me formar a contra mestre.

Em que espaços você atua?

Hoje, eu, eu faço um trabalho de capoeira na região de Lauro de Freitas na Bahia, já faz, mais ou menos 7 anos que eu venho fazendo um trabalho com crianças em escolas...Particulares... e em academias também.

Há uma pessoa ou pessoas que sejam principais para a sua formação em capoeira?

Acho que a pessoa, as pessoas principais na minha formação de capoeira é, primeiramente o Mestre Mão Branca mesmo, foi ele que me deu uma bolsa de treinamento na sua academia, em seguida...Aí...Fui preparado pelo Mestre Paulão.São duas pessoas que me ajudou na minha formação de capoeira e mais algumas pessoas como contra mestre Tuchê, que tem uma participação, a minha esposa, minha família me ajudou nessa formação de capoeira.

Quando começou a trabalhar com a capoeira?

Comecei a trabalhar com capoeira em...Ah! Comecei a dar aula de capoeira em...92. 92 eu já fazia um estágio na academia, onde tinha o mestre dando aula e eu ficava ajudando

os iniciantes e... Em seguida comecei a fazer um trabalho já sozinho em, na Pampulha em Belo Horizonte. Com um trabalho também, pouco tempo, mas eu fiz um trabalho em Pará de Minas. Comecei a dar umas aulas em Pará de Minas também. E fixei uns 5 anos, 6 anos em Juiz de Fora.

Você tem outra atividade, além da capoeira?

Não, eu...gosto de jogar futebol.

...Mas como trabalho...

Com trabalho, não.

Que oportunidades que o trabalho de capoeira já lhe proporcionou?

O trabalho de capoeira já me proporcionou algumas 'viagens', é, pelo Brasil e pela Europa também. É já me proporcionou também uma propaganda da Mesbla (ri) também, que foi super legal e... Uma vinda pra Bahia, o berço da capoeira, onde pude conhecer pessoas também importante, pessoas que me ajudaram também com minha capoeira, que nem Mestre Lua, Mestre Nenel, os conhecimentos sobre...Também muitas histórias com mestre Olavo!Essas são as coisas que a capoeira me proporcionou.E uma família, né? Que eu tenho uma família hoje, graças a capoeira também.

Você gosta de conviver e freqüentar outros espaços de capoeira?

Gosto, é...Já...Antes, gostava de freqüentar qualquer capoeira, achava que o capoeirista tinha que ir em qualquer espaço que tinha capoeira, você tinha que chegar. Hoje já tenho mais, é...Preferência dos lugares onde eu freqüento. É...Na capoeira regional eu freqüento a academia do Mestre Nenel, na capoeira de angola, eu gosto muito de freqüentar as rodas de rua de mestre Lua , na capoeira contemporânea, eu gosto de ir muito no Mestre Balão, no Mestre Sabiá. São a galera que eu curto mais assim de freqüentar a capoeira, os espaços que eu gosto de freqüentar.

E você faz isso com que freqüência?

As rodas de Lua, de Mestre Lua eu vou mais...De Mestre Lua e Mestre Nenel, eu vou mais freqüente, não vou sempre , mas uma vez por...Um sábado sim, uma sexta sim, uma sexta não...E as contemporâneas, quando dá eu vou também. Eu acho que...Igualmente. Todas.

Você permite que seus alunos freqüentem as rodas de capoeira?

Ah! Eu deixo meus aluno aberto, acho que é importante eles freqüentar outras capoeiras, é importante conhecer outros estilos, conhecer outras mandinga, outras malícia, outra ginga, mas eu deixo eles livres. Se eles querem ir, eles podem ir tranquilamente.

Você vai junto?

Se der pra mim ir eu vou junto, se não...Se eles quiserem ir sozinhos, eles podem ir também. Não vejo problemas.

Pra você, o que é esse movimento de expansão da capoeira?

A expre...expansão da capoeira, ela é...bom. É bom pra capoeira, mas tem também... É uma faca de dois gumes. É bom, mas ao mesmo tempo também não é. Porque, às vezes...Não é assim, do modo que as pessoas levam a capoeira pra ser expandida. Tem pessoas que levam a capoeira pra ser expandida com todos os fundamentos, na?

Necessário, certo que ela tem, mas tem muitos também que levam a capoeira apenas por...Como uma forma de ganhar dinheiro mesmo, de fazer um trabalho... de capoeira, ganhar um dinheiro com capoeira e viver bem com...Usando a capoeira.

Então são as pessoas que levam a capoeira pra expandir e não a capoeira que leva as pessoas?

Bom, eu acho que as pessoas que são o grande...Que levam a ... A capoeira, ela vai, mas se as pessoas não levar a capoeira até um...Uma Europa da vida, qualquer países, né? Ela não chega. Então...Ela precisa que os capoeiristas levam ela pra ser expandida.

Quem participa desse movimento e como?

Como assim, quem participa?

Desse movimento de expansão da capoeira...

Uai, quem participa são os...professores, mestres, contramestres de capoeira. Às vezes, um capoeirista que aprendeu a jogar capoeira e...Com pouca experiência também, levam...Que chega lá, e ‘caba aprendendo por lá mesmo, muita coisa. Enfim, os mestres...

Então, quem não participa?

Eu acho que quem não participa são as pessoas que ficam mais, que não freqüentam tanto eventos, né? Que...E essa coisa, que não ‘sai na revista’, que não sai num filme. Essas pessoas ficam prejudicadas por fazer, por ajudar essa expansão da capoeira e ‘muitas das vez’, essas pessoas, são as pessoas que mais tem fundamento, mas que por não freqüentar, por ficar sempre dentro de seu espaço, em seu terreirinho ali, ‘caba não participando disso. Que não é bacana, que é, às vezes, uma grande perda também para ajudar na situação da capoeira.

Você acha que o estrangeiro, ele tem, ou vai ter capacidade de ser tão bom capoeirista quanto um brasileiro?

Bom, ele vai se um bom capoeirista, mas tão quanto um brasileiro...É difícil porque a malícia, a ginga, a malandragem ela tá no Brasil. Isso é...Não é coisa que a gente vê na Europa, na América, né? Não é coisa que você vê uma pessoa vivendo o que um brasileiro vive que tem que dá jeito com tudo, né? E a capoeira é isso: é você ter que dá jeito, ter que dá a volta nos seus problemas, né? E a gente vê que nesses países não tem. Eles não tem essa volta, eles são muito correto, então isso prejudica no desenvolvimento da capoeira, para comparar com um brasileiro, de ser um bom capoeirista como um brasileiro. Pode até ser bom na técnica, mas...Na malícia, ali, na maldade, eu acho que é difícil...

Que lugares atraem os capoeiristas?

Bom, eu não sei se porque eu conheço a Europa, apenas a Europa, mas eu acho, eu vejo a entrada mais fácil pela Europa. Eu acho que a Europa é um lugar que todos capoeirista vai e quer ir. De lá, aí eles conseguem ganhar um novo caminho, ir pros Estados Unidos, outros países afora, mas a Europa, ela é mais visada.

A capoeira nas escolas, ela é desenvolvida da mesma forma que nos outros lugares?

Não. A capoeira na escola, ela já é mais....Ela tem uma certa. Uma certa, é, é... Discriminação, por você não poder registrar lá, um pouco da verdade da capoeira. Às vezes você não pode.... Cantar um a verdade da capoeira, não pode ensinar uma verdade da capoeira pro aluno. Então, ela, às vezes...Coisa que você pode fazer na sua academia, pode fazer em outros espaços...Em escola, você já tem que usar Lea mais como...Uma disciplina, é...Uma disciplina onde a escola ta te propondo. Você tem fazer bem educada, às vezes até tampando mesmo a verdade da capoeira.

Que verdade seria essa? Que lado? Que lados que acabam sendo tampados?

Eu acho que o lado da, da...música, né? Que fala muito do candomblé, o lado marginal da capoeira, o lado luta da capoeira, é...acho que isso é o que você tem mais que acobertar na escola é isso. Essa parte: a luta, o canto, que você não pode cantar qualquer coisa na escola, porque você vai ser, porque na escola tem diversas pessoas, diversas religião e, de repente, você canta uma coisa, você vai ta, você pode tá passando uma outra filosofia pros alunos e isso a escola não permite, escola nenhuma permite ...Acho que bem mesmo o abc, mas um abc, que na verdade, não é nem o abc mesmo da capoeira, é o abc da escola.

Você é feliz trabalhando em escola?

(Ri) Bom, eu...Se eu pudesse ter a minha escola, pra eu fazer os meus ensinamento do jeito que eu aprendi, do jeito que eu acho que é, eu seria mais feliz, mas também sou feliz também trabalhando...Aprendo também. Aprendo que, pô, a capoeira também, ela ajuda também. Ela tem a parte dela também na escola. É a parte boa: tanto a capoeira na escola, quanto a escola pro capoeirista. Acho que...É válido. Mas, eu seria mais feliz se eu tivesse a minha escola.

E qual que é a sua cantiga? Favorita!

Rapaz, minha cantiga favorita...

É, que na verdade, é favorita de hoje, né?

É, na verdade é isso. Uma cantiga favorita, acho que depende do dia e do tempo. Eu já tive várias cantiga que preferi. Acho que, depende, acho que, atualmente, eu tenho curtido muito a...Uma música que é assim:

“Bahia velha Bahia,
Do boteco da esquina.
Entre um papo e o copo,
E uma garrafa de pinga.
Berimbau ia chegando,
O capoeira não faltava,
A roda ia se arrumando,
E o jogo logo começava,
É uma prece na saída,
Uma reza na chegada,
Meia lua e rasteira,
Ô Iaiá, é aú e cabeçada,
De repente o berimbau,
No toque cavalaria,
Era o sinal de alerta,
Oi a polícia já vinha,
Era faca, era navalah,
E tudo se escondia,
O jogo ficava na farsa
Até que a polícia se ia!
Camaradinha!
Viva meu Deus!

Iê viva Meu Deus, camará!

Essa pode ser cantada na escola?

Lu:É...(ri), pois é. É uma música que quando você fala, entre um papo e um copo e uma garrafa de pinga, você canta isso numa escola, acho que vai ter...Eles vão ter aquela visão marginal da capoeira. É o que eu falei, se você passa uma coisa, visando a marginalidade, dizendo a verdade: o que um capoeirista é, o que a capoeira é...Aí você pode ser criticado sobre isso. Acho que essa música é complicado de cantar numa escola.

‘Brigada, Luciano.

...

Tava na roda de Mestre Lua, numa sexta-feira, com... tradição, toda sexta-feira tem a roda, e aí chegou um.. um espanhol. Um capoeirista espanhol que.. me conhecia. Aí eu perguntei a ele se ele tava.. se ele tava.. se ele tava... participando de alguns treinos de capoeira na.. em Salvador, e... e ele.. e ele falou que sim, mas por ele ser um capoeira já graduado, ele dizendo com as palavras dele, que ele ia ser um capoeira já graduado, já avançado. É... ele dizia que teve alguns treinos . Fez uns treinos. Fez um treino na Academia de Mestre Nenel. Foi em algumas rodas, foi em.. acho que duas rodas. Mas que achou o nível, principalmente a do Nenel, muito baixo. Que o pessoal lá era muito iniciante para o... pelo tempo e o nível de capoeira que ele disse ter.

Quanto tempo que ele tem?

Ele tem, apenas.. três anos, três anos e meio de capoeira. Ele achou muito.. muito.. pessoal muito iniciante. E ele parece que já é um.. é uma quarta corda!?? Sei lá... Bom aí.. Aí eu fui perguntando a ele: “Você não vai fazer mais alguma capoeira?”, “Ahh! Vou procurar o Mestre.. o Mestre João Pequeno, pra fazer uns treinos...”. Mas que também parece que não é João Pequeno que dá aula, e ele não sabia se ia fazer ou não. Fomos até Itaparica, há pouco tempo. Na seqüência fomos até Itaparica, onde Mestre Lua realiza um.. um evento, uma festa que tem. E lá estava ele também, fotografando muito, correndo atrás do bando, batendo foto e que o Mestre Lua pediu para que não batesse fotos, tantas fotos do jeito que estavam sendo batidas, porque não contribuem com nada. Né?! Não.. poxa. No final não chega nem assim: “Aqui Mestre, aqui o DVD das fotos que a gente tirou.”. Enfim... Bom, e assim parou de fazer, não tirou mais. E quando a gente tava indo embora na ilha. Tava indo embora da ilha, tava na barca..

Ele jogou?

Não. Não chegou a jogar. Mas no Terreiro de Jesus sim. No Terreiro de Jesus ele fez um joguinho, mas lá na ilha não jogou. Até quando eu tava lá, não participou, não jogou. Ficou só batendo as fotos. E quando a gente tava vindo embora, ele tava com berimbau na mão. E eu perguntei e ele tava com muita dificuldade de.. desarmar o berimbau, e eu fui e brinquei com ele: “Nó! Mas tá difícil de desarmar esse berimbau, hein?!”. Aí ele me respondeu: “Ah.. Tá difícil. Esse berimbau não é bom. Ele tem, ele... ele não é.. não tá próprio pra um capoeirista tocar. Eu vou levar ele...”, ele me disse, “Eu vou levar ele pra Belo Horizonte pra mim vender. Já que lá o pessoal não tem acesso a biriba.” Bom, aí, assim.. tava eu e Bira Saci. A gente deu apenas uma risada. Não tivemos mais o quê fazer, deu uma risada, e depois a gente comentou entre a gente: “Pô.. cara, um gringo, levando uma biriba pra Minas Gerais... com a capoeira da escola dele, que ele chegou agora, dizendo que lá no.. pode vender o berimbau ruim porque lá eles não tem biriba.”. A gente deu apenas uma risada, não podemos fazer mais nada.

E você... e você se considera um capoeira avançado, Luciano?

Luciano: Eu não, eu to (risos).. Eu to cada roda, cada saída minha de casa, cada encontro de capoeira que eu vou, eu me sinto que eu sou cada vez mais novo, cada vez tenho mais o quê aprender, cada vez eu to mais..poxa, tô.. tô tentando chegar, né?! Ainda, na verdade, ainda não cheguei. Mesmo tendo esse título que eu tenho, ainda tá difícil ainda porque é.. uma caminhada dura. Eu com vinte anos, vinte e dois anos de capoeira, acho que ainda.. de avanço ainda não tem nada.

Anexo D - Entrevista 4

OBS: Algumas palavras de linguagem informal e o nome de algumas pessoas mencionadas nesta entrevista, foram abreviadas para preservação do entrevistado.

Lilu (L): É o seguinte: quando é que você começa a trabalhar com a capoeira mesmo?

Mestre Lua (ML): Quando é eu começo a trabalhar com capoeira?! Eu começo a trabalhar com capoeira com...18 anos.

L: E dando aula?

ML: Não, começar com capoeira, dando aula, não. Assim, com...grupos, com grupos folclóricos. Começo primeiro com grupo folclórico. Aula de capoeira...Eu dava aula de capoeira nesse período também, mas...nesse período aí, também, era mais fundo de quintal, era mais minha família... Meus primeiros alunos assim, né?! Na realidade, meus primeiros alunos foi minha família, minha tia, meu cunhado...Eu tenho uma tia que falava comigo tudo quanto é história, né?! Dezoito anos. Mas não era assim...era fundo de quintal...Não era uma coisa...Era você ensinar pra poder ter alguém pra jogar. E como ela era sapeca também...Ela não tá muito... não tá muito, assim... A gente não tem muita diferença de idade, apesar que ela tem... Minha tia, não muito mais velha, mas na época a gente ficou mais ou menos assim...jovens juntos, entendeu?! Vamos dizer 18, ela com 22... 23 anos, né?! Aí eu dava aula, assim, pra galera do meu bairro mesmo. Fundo de quintal. Um espacinho pequenininho...Aí, eu comecei a dar aula aí. Mas daí eu fiz um grupo folclórico, né?! Porque também eu já era...já era do grupo de Canjiquinha: Aberrê... E também já começava a fazer minhas paradinhas com o grupo. Eu queria, nessa época aí, entre 18, 20 anos, eu criei um grupo folclórico chamado *Ogum dilê*, onde a gente se apresentava no...na boate de Ondina, se apresentava no Centro Folclórico, ali atrás do Gláuber Rocha, se apresentava na...em navios, em boate, no Largo 2 de Julho, numa boate conhecida na época. Trabalhar com capoeira assim. Não trabalhar com aula de capoeira. Primeiro eu trabalhei com grupos folclóricos. Comecei a viajar, comecei a fazer esses grupos.

L: E você fazia isso assim pela curtição ou você focava a coisa da grana? Era importante?

ML: Não. Não tinha essa coisa da grana. Essa época era...era uma febre. Todo mundo tinha seu grupo, entendeu?! Eu tive grupo...novo, novo, eu tive grupo. Tive...18 anos, 20 anos, eu tinha um grupo folclórico. Hoje pra você ter um grupo folclórico é a maior loucura. Você tem que...é...ter uma...associação, ser uma..., entendeu?! Nesse tempo eu tinha um grupo que tinha uma referência boa assim, entendeu?!

L: Era a galera.

ML: Era a galera! Era a galera. Não eram nem meus alunos. Era a galera mesmo da minha faixa etária de idade, faixa etária também de capoeira, entendeu?! Era o Misinho, era o Camisinha. Camisinha, é...Camisinha na época tinha 16 anos, tinha 18 anos... era Camisinha, era Berro, era, era...Satélite (não Satélite da ilha, o outro Satélite que era meu cunhado e ao mesmo tempo era meu aluno de capoeira), era meu primo, Sputnik (que Deus o tenha), essa galerinha. A gente tinha esse grupo.

L: E foi a capoeira que te trouxe oportunidades na vida? Foi esse o... Quais oportunidades que ela te traz?

ML: Capoeira...capoeira me deu várias oportunidades. Claro! Ela que me dá oportunidades porque na seqüência, se não fosse a capoeira... Eu não fui um cara que estudei muito. Estudei muito pouco, entendeu?! Tinha nem saco de estudar, tipo era um porre, era um saco ir pra escola.. Eu ia forçadamente mesmo... E na realidade: quinta

série primária. Na quinta série você passava pra admissão e ia pro ginásio, né? Sétima série, oitava série, não sei o quê.. Eu estudei até a quinta série primária e...daí foi que eu comecei a coisa de ao invés de ir pra casa, eu vinha pro Centro Histórico. Descobrir capoeira, né?! Falava na capoeira na minha cabeça, na minha cabeça, mas não sabia aonde encontrar capoeira, então quando eu comecei a trabalhar... Na realidade, quando eu comecei a trabalhar, tinha 15 anos de idade, quando comecei a dá pau mesmo, a trabalhar mesmo. Trabalhava numa indústria de calçados, fabricava calçados, tênis... Essas parada. Eu era grampeador. Na realidade eu nem fabricava, eu era grampeador de uma firma. Tinha 15 anos quando comecei a trabalhar: com 15 anos. E esses 15 anos aí já foi a história de vir pro Centro, já foi pra história de conhecer Mestre Bimba, de conhecer Mestre Canjiquinha, de conhecer Mestre Pastinha. 15 anos. 18 anos eu já tava...eu jogava capoeira...18 anos.

L: Já tava formando a sua onda também?!

ML: Já tinha minha onda. Já formava minha onda, já tinha Geni, já tinha Macaco. A gente sempre foi colado, desde o início, assim...quando, na realidade, quem me levou pra Canjiquinha foi Geni. E aí, daí a gente foi...foi indo, foi indo, foi indo. Não era... Nesse tempo não era como...como hoje: você ficaria até ter instrutor, até ser...não sei o quê, pra poder seu mestre, liberar...p.n....Canjiquinha: três anos, dois anos de capoeira ele já queria se ver livre da gente. “Vamo, vocês vão lá pra rua, meu irmão! Vamo lá. Vamo lá, descobrir”. Pra dar lugar pra outros alunos, na academia mesmo. Não era pra botar a gente pra fora, mas assim: “Vai pras rodas. Vão pra rua agora. Vão pra rua. Vocês tão...me enchendo o saco já aqui, porque...todo dia a mesma coisa, mesma coisa, mesma coisa. Então eu...o que eu acho legal de Canjiquinha era isso, essa coisa assim de... Hoje você quer segurar o cara o máximo, entendeu?! E Canjiquinha chegava num tempo que ele dizia: “Vão à luta, meu irmão. Agora vocês vão apanhá, aprendê a capoeira mesmo. Vocês vão jogar na rua. Vocês vão conhecer outras pessoas.” Na época, era o quê?... Era o Badegnésio, era a Pero Vaz, era a capoeira de Waldemar, era a capoeira de Bigodinho na resistência...né?! Essa época...era Periperi, era Paripe, que a gente ia, era Brotas, Cosme de Farias, né?! Que a gente se metia em tudo, e ia às festas de largo que era uma em cima da outra quando chegava o período das festas de Damião, maior barato. E a coisa do grupo era assim...era febre mesmo. A gente tinha vontade mesmo, cada um tinha vontade de ter sua parada. Batia maculelê bem, jogava capoeira bem, batia atabaque bem. Então era melhor fazer seu grupo do que ficar participando dos outros grupos, ganhando mixaria... Então, a gente fazia nosso grupo. “Vamos fazer nosso grupo e...” E era bom, era legal. A gente tinha apresentação. Tinha um navio, eu tinha uma amizade com dona Vera, presidente da Bahiatursa. Sempre que rolava um navio, ela me convidava.. Eu tinha um grupo mesmo. Tinha um grupo de candomblé, eu conhecia as meninas, conhecia as mães de santo, de candomblé, Dona Arlinda, Coleta, essa galera. Eu era coladão com elas. Com elas, na Vasco da Gama, Liberdade, A gente tinha um grupo legal.

L: Legal.

ML: Registrado e tudo. Então, a capoeira era...a capoeira, pra mim, foi tudo assim por que...se não fosse capoeira, eu ia ser o quê?! Não sei, né?! A gente não sabe também a nossa sorte, nosso destino. Talvez eu... não sei, se não fosse a capoeira...

L: É. Mas é interessante essa onda dos sapatos, de que você já tava mexendo com coisa que tem, de certa forma, a ver.

ML: É!! Com 15 anos eu tinha que trabalhar pra ajudar minha mãe. Com 15 anos. Então, assim, dava um pau...assim, como de maior, porque em firma, empresa não tem negócio de você... É salário de menor. Seu salário é ‘de menor’, mas você trabalha como ‘de maior’, e ganha salário ‘de menor’. Uma m.! Mas...Era bom, porque eu tinha

15 anos e esse dinheiro já dava uma continha em casa, e o resto ia pro meu cinema, curtir as minhas paradas também final de semana, você entendeu?! Era bom!

L: Era uma independência.

ML: Era uma independência, sim. Eu comecei a sair...Eu comecei a sair de casa mesmo, quando eu tinha esse trabalho.

L: E nessa época, vocês nem pensavam em viajar, não tinha nada?! Nem falava nessa onda, né?!

ML: Não...Não tinha essa. Rio de Janeiro...quando eu ia pro Rio de Janeiro, todo mundo: “P.! Cadê.. cadê fulano?” “Foi pro Rio?!” Aí... Rio era.... Ô!... Rio, São Paulo... P.!!!: “Foi trabalhar...Ganhando dinheiro.” Hoje você vai pro Rio... “Você vai pra onde? Vou pro Rio!”. Hoje é Europa, né?! “Cadê fulano?”: rapidinho o cara já foi pra Alemanha, já foi não sei o quê, entendeu?! Mas, assim...nessa época não tinha não, essa onda não.

L: E essa onda do Canjiquinha falar, né?! Incentivar essa convivência em outros lugares... Cê curte isso ainda, Mestre? Cê curte isso até hoje, de ir em outros espaços? De tá...

ML: Menos agora. Menos. De um tempo pra cá, menos. Tinha uma época que eu ia em tudo. Mas, agora...agora, a gente cansou. A gente se conhece há uma cara, também, né?! Cê ainda me pegou assim..

L: No gás.

ML: Na...Não...assim na... Talvez por ali ter sido a segunda, a terceira etapa da minha vida. Da capoeira. Porque eu já tinha...eu já tinha 40, né?! Já tinha mais de 40, entendeu?!

L: É.. No gás de viajar. Que eu lembro de você no busu, com tudo isso...Isso era...

ML: É, é. Isso, entendeu?! Entendeu?! Eu tinha 40, por ali. Eu tinha 40 anos. Mesmo assim, eu ia, ia pra tudo quanto era lugar. Era legal quando começou, assim. Aí...aí as viagens de Rio, São Paulo, Belo Horizonte...Não tinha Europa ainda. Nunca tinha ido à Europa. Já tinha ido ao Uruguai, há muito tempo atrás, assim, entendeu?! Mas assim... Não!... Aí...aí, eu já tinha ido à Europa, que eu morei. Aí é quando eu volto...

L: Não tinha essa coisa de ir toda hora.

ML: Não, não, não. Eu morava. Cheguei até a morar, né?! Não tinha essa coisa de estar no Brasil e ir pra Europa... Não tinha essa...Mas você pegou uma etapa, ali, também, que eu ia muito...Morei no Rio também...Quando eu morei no Rio, eu ia pra tudo quanto é lugar. Aquela Zona Norte toda. Entendeu?! Caxias, Nova Iguaçu, entendeu?! Inferno Colorido... Que era ‘mó’ loucura e...Eu dei aula no...dei aula em Tabajara. Tabajara é um morro ali na...no Farias, em cima da Central do Brasil. Dei aula de capoeira muito tempo ali. Mas... descia! Tinha o Filhos de Gandhi cá embaixo. Então tinha todo uma... tinha todo um movimento mesmo. Tinha muito mais movimento com a capoeiragem no Rio de Janeiro do que na Bahia. Que na realidade a Bahia tinha aquela coisa dos grupos folclóricos e tudo, e ficava muito na viagem do grupo folclórico. O grupo folclórico já é depois de Waldemar, já é depois de Mestre Pastinha, já é...você entendeu?! Aí eu já tenho o quê...já tenho 22 anos, 25 anos. Aí vou pro Rio. Vou pro Rio, São Paulo. Tanto que eu vou pra Europa com 32 anos. Que eu...eu me lembro que eu...só vou entrar numa mesmo, até de ter família, depois de 32 anos, 33 anos. Aí eu segurei até lá isso, entendeu?!

L: Ah, cê tinha essa consciência?!

ML: Eu tinha. Depois de 30, 32 eu vou criar minha família porque também não vou ficar esse cara, também: vai pra aqui, vai pra ali, vai pra aqui. Porque também era uma vida muito louca, também, né?! Teve um momento também que a gente era...andarilho mesmo. Andarilho! Tinha a roupa...porque muitas vezes, a gente tinha roupa do corpo

só. Entendeu?! A roupa do corpo... E, às vezes, não era fácil, não...a gente conseguir um trabalhozinho, pra conseguir se manter, né?! Não era fácil não. Chega um momento também que você fala: “p., 32 anos aqui no Brasil. Eu não tenho nada!”

L: Sei.

ML: Voltar pra Bahia, também, p., de mão vazia, então...aí já vem a história de Europa. Aí vem a história da música mesmo, da percussão, entendeu?! Que também eu... Teve uma época, também, que eu era muito ligado a percussão. Tanto que eu fui pra Europa mais na viagem da percussão do que da capoeira. Só que quando eu...eu cheguei lá, foi a capoeira, foi mais a capoeira do que...do que a percussão. Porque a percussão, quando eu cheguei em Marselha, 25 anos atrás não tinha nada. Foi uma ilusão pra mim. Eu disse: “P., (*menciona o nome de alguém*) falou que ia ter trabalho”. São as épocas, né?!.. Eu não fiquei em Marselha. Eu falei: “p.n.! Eu vou...embora. Vou viajar.” Ele até hoje mora em Marselha, cara! Em Marselha. Ele até hoje mora no mesmo lugar. Eu digo: “Não.” Aí tinha os outros festivais que eu me inteirava, aqueles festivais pequenos que tem assim na Europa que...você tem muito mais oportunidade de fazer alguma coisa que aqui...entendeu?! Aí que eu ia, todo dia, com a capoeira, pros festivais. Entendeu?! Sempre...

L: E hoje em dia cê fica mais na sua?! Você procura não ir tanto...?

ML: É... Não, não. Porque eu também não vou mais hoje, também, porque.. Você sabe, né, Lilu?! P.... Essa capoeiragem de hoje, também...p.... Entendeu?! Quando...A gente se amarra mais em Angola mesmo. Queira ou não queira. Mesmo que eu passei pelo Mestre Bimba, passei por essa capoeira de Mestre Canjiquinha, passei por Grupo de Senzala, viajei nessas histórias também de capoeira Contemporânea. Mas hoje eu não tenho mais saco, eu não ‘güento mais, entendeu?!

L: Cansativo.

ML: É...Não, não sou afim mesmo, entendeu?! Aí vem os caras: “P.... internacional, só vai por dinheiro!”. Eu digo: “p.n., bicho, vou sair lá pra Camaçari pra evento de G., por exemplo. Pô, eu vou sair daqui pra ir pro evento de um...não vou, bicho!”

L: É...

ML: Não vou...entendeu?! M., M.: um cara que ia também muito. P. eu ia...Mas...não tem mais como, não tem mais, assim...Não tem. Quando não é uma coisa, é outra. Quando não é essa marra...Quando é Angola também: são poucos os que são.. acessíveis a você chegar e estar à vontade e...se sentir bem. Eu não me sinto bem, assim...muito bem, entendeu?! (...) Ia muito à João Pequeno. P.! Me amarrava em João Pequeno há...há um tempo atrás. João Pequeno também no auge, né?! Cheguei até a ir em M. também...no início, assim, entendeu?! Porque eu já conhecia M. do Rio. Entendeu?! Nova Iguaçu, Caxias, já conhecia M. daí. Então, quando chegou na Bahia, quando chegou...é...é uma outra coisa. Quando chega na Bahia, os caras tão sendo.. dono da...como se diz?...dono da capoeira Angola. Mas eu conheci C. no Rio de Janeiro, nem capoeira ele jogava. C. pulava por dentre as facas. Roda de faca. Pra pegar dinheiro pra vender banha, pra vender pomada. Daí quando eu volto pra Bahia, ele já é capoeirista, aluno de M....entendeu?! Mas eu ia nesses caras todos. Ia nessa galera toda. Depois foi...foi assim...foi ficando minguado, as coisas. Aí eu ia pra Rio, ia pra São Paulo, ia pra BH, porque também já tava num processo, direto, de fabricação de instrumento. Já tava ligado nos atabaques, era num momento também ali de ganhar uma grana. Os atabaques. Grana que eu, p....

L: Muitos!

ML: Muitos ali em Belo Horizonte. Chegou um momento...(risadas).

L: Porra! Era muita coisa até.

ML: Chegou um momento que, p., não tinha nem mais... Todo mundo já tinha comprado tambor na minha mão. Você lembra?

L: Sim!

ML: E todo mundo já tinha comprado. Aí depois vem aquele A., vem aqueles caras do Rio. Mas eu já tava na...eu já tava em outra.

L: Sei. Era outra fase.

ML: Entendeu?! E aí, já era outra fase. Aí recomeçou a história dos convites pra Europa. Aí era massa também. Eu ia no maior pique. Também eu tinha essa garra ainda de, de... Era uma coisa nova também. Um novo horizonte pra mim. Europa. E também, Europa também ficou cansativo, também. P., você... Hoje eu não quero mais. Ir pra Europa agora...muita onda, você entendeu (*risadas*)?! E tanto que não é nem mais aquela coisa do dinheiro, né?! Porque quanta gente que tem um...não conseguem mil euros...mil dólares, entendeu?! Mas eu já acho que...já é nada, isso. Teve o desgaste, teve o perigo pela viagem. Eu que não agüento ir pra Europa! Ficava um mês, bicho. Eu com filho. Com Marijô, com dois filhos. Ficava um mês, cara. Pra poder trazer...

L: Sei.

ML: Pra poder trazer uma grana. Ficava um mês fora da família. Fiquei dois meses, bicho. E a mulher segurando minha onda, entendeu?! “P., vai vir quê dia? Não sei o quê..” (*risadas*) Você entendeu?! Dali, pra lá, pra cá, pra lá, enquanto não vendesse as parada todas, eu não vinha. Agora eu...agora eu quero assim: no máximo...3 dias na Europa, uma semana e...não mais. Mesmo assim, uma semana, eu tenho que ver...ali, ali, ali, ali, pra poder...não trazer só mil euros. Eu quero trazer cinco mil euros, dez mil euros, você entendeu?!

L: Sei. Pra valer, né?!

ML: Então...pra valer! Então, não vai rolar, então, não vou. E ninguém vai querer pagar, ninguém é João Grande, né?! Que eles pagam cinco mil dólares, cinco mil euros...a gente é outra história. Mas também se a gente...vai chegar um momento também que se a gente não se valorizar...vai chegar um momento também que eu não vou mais mesmo. Eu já não tô indo. Ia pra Grécia agora, não fui. Eu não fui porque eu tava na manha. Salvador-São Paulo, São Paulo-Lisboa, Lisboa-Atenas, que é Grécia, Atenas-mais um aviãozinho pra não sei o quê lá, pr’uma ilha, depois...Então...um ser humano, pô...se o cara é garotão, tudo bem. Mas pra mim, não dá. Não tenho... É...cansativo e eu, também, eu fico muito tempo de bobeira, viajando, entendeu?! Passando por mil historinhas. Não é humilhação, mas às vezes você passa, entendeu?!...numa polícia, numa fronteira, ‘nhé’, ‘nhé’, ‘nhé’, ‘nhé’, ‘nhé’, ‘nhé’. Apesar de que eu dei sorte, porque eu nunca me...nunca me mandaram voltar, entendeu?! E agora eles tão mandando. Eu nunca fui mandado de volta. Já passei coisa assim de: “volta! Não sei quê! Tira o chapéu. Vai no banheiro ali pra ver se tá com isso, se tá com aquilo.” Já passei por isso.

L: Sei.

ML: Entendeu?! “Tira a roupa pra examinar se..” Naquela época brava mesmo de drogas que, né?...que, entendeu?! Então...eu passei por tudo isso. Hoje eu não quero mais. Não é nem...hoje, é que eu não acho...eu acho pouco essa grana, entendeu?! E acho cansativo. Prefiro minhas coisas aqui. Eu fui n’outro dia pra Brasília, os caras pagou dois mil reais. Num final de semana. E.: “tá rolando um projeto aí. Se der certo, é dois mil reais. Tá bom pro senhor?” Eu digo: “Ótimo.”. Fui pra Brasília, ‘brucutu’, ‘brucutu’. Nem perdi a roda de sexta. Então, de repente, eu não vou...

L: Abandonar...

ML: É...não vou abandonar. Eu vou sábado de manhã, faço as minhas paradas, entendeu?! Agora fui pra C. também. Foi uma grana legal. Ainda...ainda ganhei um convite...pra janeiro, pra festa, dia...festa do Espírito Santo, né?! Não sei o quê, não sei

quê lá... O Estado tá me convidando. Fora de evento, a festa deles, né?! Que agora eu fui pra C. aí..

L: O governo.

ML: O governo mesmo. Não! Me convidou...a associação...“Não...o senhor tá convidado, Mestre. O senhor venha em janeiro se organize pra vir em janeiro..”. E, nesse próximo ano, a homenagem vai ser pra mim. Esse ano agora foi homenagem pro Mestre P.. Mandaram buscar P. nos Estados Unidos e não sei o quê...aí, agora, próximo ano eu já tô intimado. Eu falei “Pô, bicho..!Não pode ser assim”, “ Não. Você tem que vir assim. O próximo ano é você. Sua...é... homenagem a você, porque você é nossa geração, blá blá blá, blá blá blá. E...quer dizer, C., essa galera, né?!”

L: Sim.

ML: De...eles pegaram...eu peguei essa geração deles, né?! Não é João Pequeno, não é fulano, não é...João Grande. Eu sou dessa geração dessa galera aí, de 40 agora.

L: Nos anos 70, 80, na ativa total.

ML: Isso aí. É. Entendeu?!...Essa galera eu vi todo mundo novo. Me viram também, entendeu?! Então, aí, eles acham agora: “Não...é você...é fulano, é fulano. São os caras, são os caras de 60 anos, entendeu?! Nós estamos com 40, 40 e poucos, 50. “Você é o próximo!””.

L: Legal!

ML: Entendeu?! Aí ,eu prefiro assim. Do que eu saí daqui lá pra, o cara me convidou lá pra Espanha, cara. Pra.. “Mestre, não leve a mal, não sei o quê..” Um cara que tem um nome famoso...o grupo dele. Não sei se você já ouviu falar: a Capoeira Alto Astral.

L: Sim.

ML: De um pernambucano que..

L: M. A., né?!

ML: M. A.. Eu gosto até dele. Eu gosto da menina, a ex-mulher dele, né?!

L: Ele tem um trabalho até legal. Na internet mesmo ele põe muita coisa interessante.

ML: Não é?! Mas aí quando ele me convida, ele: “Ô mestre, você pode trazer o que você quiser. O que você vender é seu...não sei o quê.”. Merreca! Aí eu digo “Não, vou não. Não leve a mal, não vou não. Não vou não. Não vou não.”

L: Paz, descanso.

ML: É.. Vou ficar por aqui mesmo. Tenho um projetinho com os meninos lá em cima. Massa! P.. E já acabou a parada pela...pela Capoeira Viva, mas eu tô lá ainda. Esse... essa semana, eu levei Diego, agora. Pra poder dar uma puxada lá. Pra mudar também pra... né?! Os moleques verem outros capoeiras... Levo eles pra Barra Grande, entendeu?! Agora tô organizando em Parapatingas, tamo organizando um ônibus, pro pessoal de I.. E com eles, pessoal de B., né?! Eu não faço questão de viajar mais. Não, assim, pra Europa, não.

L: E esse movimento então, de expansão da capoeira...quê que cê...quê que cê pensa dele hoje em dia?

ML: O...O movimento de expansão da capoeira, ele é massa. Ele é bom pra gente. Agora...tem que ser...mais valorizado. Mais valorizado pelo governo. Entendeu?! Porque o capoeirista...cê tá sabendo, né Lilu?! Você tá na...na luta também. Sempre foi uma lutadora pela capoeira. Mas a gente faz muito da gente mesmo. Sempre da gente, sempre da gente. Tem que ter apoio. A gente não tem um apoio, assim, de um cara botar um dinheiro na sua mão pra fazer um evento. Eles querem fazer, pegar dois, três capoeirista...pra manipular os outros e eles...absorve toda essa informação através de filmagem, através de imagem, através disso, mas eles botam um...um outro capoeirista...fazendo um papel de capitão do mato. Na real ele (*o governo*) não chama

assim: “P., vamo fazer uma audição, vamo vê quem vai fazer esse festival. Vamo botá essa grana na mão de fulano.”. É quando bota, bota na mão de...geralmente, de uns caras que a gente não gosta. Que é capoeirista, mas não gosta da gente, nem...nem a gente gosta deles. Porque se o cara pegar um dinheiro, botar na mão de C., botar na mão de...de M., botar na mão de C., botar na mão de certos caras que eu falo mesmo de...entendeu?! Eu não acho isso legal. Porque eles...eles também vão fazer a panelinha deles. Vão botar quem é da panela deles. Eles não vão ter o censo de...”fulano tem um trabalho assim, fulano tem um trabalho assim, é válido trabalho de fulano”. Nada. Eles vão botar o...a parada deles. Aí eu não vou. Aí eu tô fora. Prefiro ficar na minha e fazer o meu trabalho. Pouco a pouco...prefiro fazer o meu trabalho. E que...aos poucos eu tô conseguindo. Mesmo já, agora, mas eu tô conseguindo...né?! Consegui a “Capoeiragem” (*filme/documentário*), consegui fazer a história...conseguimos fazer essas... Bigodinho, tamo lutando agora, que praticamente já tá liberado, mas eu não vou ficar correndo atrás de Márcio... Aí já foi aprovada nossa história lá do Fundo de Cultura. Já foi aprovado. Tá faltando assinatura dele. Eu já dei a idéia a ele... “Ah... mas se já foi aprovado... Ah...é só você esperar, né, Lua?! Que vai rolar... Calma! ...”Mas eu tô te pedindo na amizade. Dê uma agilizada... dê um.. dá uma assinatura lá pra gente.. pô...”

L: Agilizar.

ML: “Dá uma agilizada aí!” Nada, nada. Mas aí outro dia eu vi ele ali, eu ia passando... Cara, não vou falar nada. Não tenho mais nada pra falar com ele. Tem é que esperar...e quando abrir um outro...um outro edital, que ele venha todo coisa...aí eu desmascarar ele: “Que nada, rapaz.. Vocês são o quê?! Vocês pensam que vocês são o quê?! Vocês não fazem nada pela cultura. Vocês fazem pelo... pelo...pelo Estado.”. É 27 que...que a gente, né, pediu pra esse evento: Fundo de Cultura. É 27 mil pra fazer as histórias todas. Conjunto: barracão de Ivan, lançamento DVD de Felipe... “Ah, mas... 20 dá?!?”. 27!

L: É. Imagina..

ML: Aí eles perguntam: “E aí,e aí?...p., Lua, e aí?!” Não sei o quê.. Eu digo: “p., bicho. E aí?” Quê que a gente diz? Que não??

L: É. 20 dá..

ML: Dá...A gente deu..deu 27. Se 20 dá...e mesmo 20 dando, eu digo “p., tô todo contente”, achando que...cadê esses...mesmo esses 20, cadê??!

L: Pior que a assinatura... Imagina na hora de pegar mesmo essa grana...

ML: P., bicho... É isso que F. também falou. F. desencantou logo. Falou “Aí, Lua mais Marijô, não fique achando que mesmo que libere, que vai ter...tem...”

L: É.. A gente viu qual foi do Capoeira Viva, né?!

ML: Cê entendeu?! Então!! Com eles não, ô. Hoje mesmo tô dizendo... ontem a gente teve a reunião com os Caboclinhos. Com os Caboclinhos de Itaparica. Teve uma reunião com o samba de Itaparica, com o teatro...com...com grupo de teatro...com Dona Margarida...

L: Que bom! Parapatingas?!

ML: ...tudo pra Parapatingas. Tudo já, mais ou menos, adiantado. A galera aqui tem uma peça...uma peça de teatro...de Maria Felipa.

L: Legal!

ML: A gente vai levar. Já até rolou a cessão de transporte. Eles vão correr atrás da parte deles. A gente vai correr atrás da nossa parte. E eu acho muito mais legal fazer isso, agora..! Na minha onda mesmo. Batizado de fulano, encontro de fulano. P.... não tô nem aí.

E...também...é o período que você tinha me perguntado, também, da capoeira...o que ela proporcionou... Eu...eu fiz escola de Belas Artes. Eu fiz Belas Artes que...pra fazer

Belas Artes tem que passar no vestibular. Eu fiz, porque?! Porque...por causa da capoeira. Eu fiz escola de Belas Artes no Rio de Janeiro. Instituto de Artes Visuais. Eu fiz escultura aí.

L: Legal!

ML: Eu gosto de esculturas. Eu...eu esculpia, entendeu?! Só que...eu...não, não...eu parei de esculpir por que...eu esculpia, dava um trampo da p. pra fazer uma escultura, e o tempo que você leva também pra vender...é outra história também.. E eu esculpia mas também eu não era um cara dotado de...(risadas), de fazer...Mário Cravo...

L: Sei..

ML Não era nenhum Mario Cravo, Carybé... Dava um pouco, fazia aqui, dava um pau retado. Pra vender era muita onda, pra levar pra... pras feiras artesanais que tinha antigamente, né?! Que eram as feiras boas que tinha... No Rio. Mas depois fiquei com, meus instrumentos mesmo, que eu vendo aqui. Tem muito mais saída. Eu posso tocar, eu posso levar, entendeu?! Mas a capoeira foi o...foi sempre o carro forte assim da...da minha história. Capoeira...

L: E essa onda dos estrangeiros, Mestre? Assim...essa coisa do estrangeiro. Cê acha que ele vai chegar lá? Que ele é... Estrangeiro é estrangeiro, brasileiro é brasileiro. enfim?!...

ML: É...o estrangeiro, o estrangeiro é muito louco. E queira ou não queira... a gente conta com o estrangeiro. Não tem jeito, a gente conta. Bahia conta. Não só os capoeiristas...e, agora principalmente, os capoeiristas. Agora, você tem que ser... cabeça, pra não dar tudo de mão beijada pra eles, porque eles, a maioria, são...ingratos. Não ingratos, assim.. São ingratos: tão ali, tão estudando... Talvez, na história do sangue mesmo, eles não vão ter. Vai ver, eles vão estudar pra caramba, e vão praticar pra caramba e vão jogar capoeira. Vai chegar um ponto que eles vão... nós...vão ter mestres... nós vamos ter... europeus Mestre, ahn?! Tem pouco, mas daqui a um...daqui a um tempo, já foi. E quando eles chegarem a ser mestre, vai ser duro pra nova galera da capoeira... Vai ser duro. Porque já existe nos Estados Unidos, já existe na França, na.. na...na Alemanha, o grupo de capoeira deles, só eles: estrangeiros, que não querem nem brasileiro. É um preconceito, é um racismo da p.. Uns atribui isso aos...à arrogância dos brasileiros, à ignorância dos brasileiros. Brasileiros são...se acham que são melhores de que todo mundo. Os brasileiros atropelam tudo, porque são brasileiros...entendeu?! Então muitos já tão aqui, ó, na manha, selecionando. Então, de um tempo pra cá, os estrangeiros não tão bobo. Ontem, eu até falei lá na roda, brincando, falando e tudo. Tem duas meninas chamadas S.. Duas S.. Que dão aula de capoeira lá no Israel. Gente finíssima essas meninas! Cê conhece, né?! Agora...capoeira mesmo, minha irmã... Aquela capoeira bonitinha, bonitinha, Cordão de ouro. Mas pra jogar mesmo, joga nada. Ontem mesmo eu vi um exemplo lá, que digo: “p., meu irmão...não jogam nada, cara, não fazem assim, entendeu..?! É...

L: Claro. Não dão um recado.

ML: São muito fracas. Não jogam nada de capoeira para serem professoras de capoeira. Uma vez também você fez um evento, aí tinha uma menina de P., se lembra?

L: Sim.

ML: Eu doido pra ela jogar! E ela ali...e essa coisa também de B....essa galera... Bota esse pessoal lá em cima.

L: Eu lembro disso demais, Mestre, também.

ML: Bota esse pessoal lá em cima aí, e eles formam...não sei quantas professoras só porque tão na Europa. [fala baixo] G.... G. é um cara da ilha. Esse cara tem grupo na Suíça, tem grupo na Itália, tem grupo no mundo todo. Mas e os alunos? Quando vem aqui, passa por aqui. Passa aqui, vem comprar uns pandeiro. [aumenta a voz] Nunca

vem numa roda! De ninguém! Só na roda deles na ilha. Eu digo: “Pô, assim, é muito... é muito bom”.

L: Humrum.

ML: Quer dizer, o brasileiro dá condição pro cara abrir o espaço dele, só que...Muitos vão dançar. J. levou eu e B.R., um aluno de S., que agora não é mais. Eu, B.R., C.. Eu disse: “Como é que esse cara vai pagar a gente? Quando chegou lá tinha um aluno que pegou os alunos dele todos! Um aluno dele lá em Toulon. Esses caras quando vem aqui é um gringão. Agora ele veio aqui com não sei quantos alunos. “É... não tô mais com J., não, não sei quê...”. Quer dizer: saiu, levou tudo, que é mais fácil pra ele. É a linguagem dele. De Toulon, francês, bam bam bam. Vai pegar aquela galera. O cara é garotão, chega aqui bronzeado, de bermudinha. E sabe por quê? Porque ele não vai jogar em lugar nenhum. De bermuda. Porque quando você queixa: “Pô, eu não trouxe a calça!”. Comigo... p. n.!

L: Pode jogar.

ML: Eu digo: “É meu irmão, é nenhuma, eu tenho calça aqui.”. “Pô Mestre, mas eu vou no Mercado Modelo.” Eu digo: “Quando você vier do Mercado Modelo, você venha.” Aí na época Xixarro...como é o nome dele?...Siri mole, jogando pra caraca, botaram esses caras no bolso. Eu digo: “Aí são os professores. E que toma o espaço do brasileiro”. Eu não vou dizer pra você “Ai os gringos vão pegar a capoeira no mundo”. Aquela música...”capoeira brasileira é de matá, capoeira pro estrangeiro é mato”. Eu acho que aprende, que com o tempo aprende. Você sabe, né?! Mesmo o cara que não é bom de matemática, se ele tem que aprender aquilo pra sobreviver, e que é bom pra vida dele, ele vai aprender, não tem jeito. Eu acho que...como já tá hoje na Europa... Você vê o Itamaraty, chamou pra Brasília pra conversar sobre... As delegações de Salvador, de Porto Alegre, pra ver essa coisa da profissionalização da capoeira. Que lenga lenga, que papo furado!

L: Não tá no movimento real.

ML: Não tá no movimento. Tombamento da capoeira, tombamento da capoeira é pra eles se apropriarem disso aí pra daí eles tirarem. Pra daí eles fazerem. Sabe o quê?! Essa coisa: diplo...essa diplomacia. Itamaraty vai investir no festivais...de capoeira. Lá fora. P. n.! Invista aqui. Dê condições ao jovem de se profissionalizar. Abra nas escolas obrigatório, a cultura afro-brasileira. A capoeira, tudo: maculelê, samba. Bote nas escola, obrigação, assim como é obrigado a educação física. Bote a história de Zumbi de Palmares, do candomblé, nas escolas para os jovens brancos, os negros, índios e mulatos aprenderem sua história. Bote!

L: Cê teve a oportunidade de falar isso lá, em Brasília?

ML: Em Brasília?! A gente falou, é... Falamos. O C. também falou pra c., J. “Ah, porque o Itamaraty... eu também jogo, eu também sou capoeirista, trabalho no Itamaraty.”

É Itamaraty, né?

L: É. É Itamaraty.

ML: Os festivais lá de fora. Eu: “Não! Tem que investir aqui. Dar valor aqui, às coisas daqui.” Entendeu?! Porque tá todo mundo indo pra Europa. Eu tô vendo no dia a dia, as rodas de capoeira, mesmo do Terreiro, que tinha mais brasileiro. Tem muito mais gringo hoje. Ontem na roda dos menino lá... Pô... gringo pra c.. Se você for botar... Na parede assim, vai ver que tem muito mais gringo. Em João Pequeno, não tem capoeirista! Na nossa roda aqui, a gente tá percebendo. Tem muito mais gringo do que capoeirista.

L: Já tem, sei lá, umas três “gerações” de menino que já foram...

ML: E que vão! Fora os que a gente não conhece, de outros grupos. Que vão, que vão, que vão, que vão! França tá cheio, Suíça tá cheia de capoeirista, Alemanha tá cheia de capoeirista. Marselha...esses lugares todos. Já foi. Israel. Israel tem capoeirista pra caramba. Mas só que Israel, quem fica dentro é os israelitas. Porque é difícil visto pra ficar. Eles te convidam, mas você fica um mês, dois mês, no máximo. Eles nunca vão te dar papel. Eles nunca vão te dar condições. Eu me lembro que eu fui em Israel, o cara tava invocado lá com o E.M.. Ele era do E.M., mas ele achou que ele levou e o E. M. ficou. E ele não gostou. “Pô...passou por cima de mim. Foi eu que convidei ele. Ele acertou um aluno pra ficar aqui em Israel, ba ba ba.” Quando Israel tem todo um controle mesmo com as pessoas de fora, com estrangeiro. É uma m.... Aquelas história deles lá que nunca acaba. Quer dizer, quem se dá bem é eles, os cara que já são rico. São mais rico ainda com a capoeira. Eles tem é dois mil alunos, Lilu, três mil. Esse grupo desse D., lá. É cinco mil aluno. Os cara tem professores pra caramba. [*pequena interrupção*]

Então, essa coisa do gringo, se for falar muito o cara é preconceituoso. Como já me chamaram: “Lua tem preconceito de gringo. A mulher dele é gringa, e ele é preconceituoso de gringo.” Uma vez uma menina me falou. Eu digo: “Rapaz, não é por aí não! Você tem que ver o gringo que é reacionário, mercenário, e tem que ver o gringo que”...

L: Chega junto.

ML: Chega junto, que ajuda, entendeu?!

L: Você acha, por exemplo, você gosta de cantar: farinha pouca, meu pirão primeiro. Essas ondas assim que tão relacionadas a viver aqui, a falta que a gente sente das coisas, de ser passado pra trás, que brasileiro é. Cê acha que um gringo tem condição de cantar isso sabendo mesmo o que é isso, Mestre?

ML: Não, não. Vai demorar muito ainda.

L: Nesse lado aí eles vão adquirir a técnica, mas... É isso?

ML: Adquirir a técnica, vão estudar, vão pegar um livro desse (*aponta pros livros*) e destruir, de lê, de sabedoria, mas vai ser muito duro pra entrar mesmo o respeito na alma deles. Eles vão ganhar dinheiro com o que a gente ensinou, com o que a gente passou. Não é só eles não, eu passei também. Quando eu fui lá fora, entendeu?! Mas.. vai ser duro pra eles. Não é mesma coisa. Não vai cantar a mesma coisa. Não vai cantar mesmo. Com axé mesmo. Já é duro aqui! Não vai não. Vai demorar muito... Agora, jogar joga. Lá em Portugal eles jogam capoeira muito bem, lá em Portugal. Por quê? Porque fala português. Mesmo aquele português lá deles, caretão, mas daqui a pouco vai pegando, vai falando e tá cantando como um brasileiro. Chegar aqui no Chile é uma loucura. Eles jogam capoeira e cantam. Agora troca também “o macaco e o leão” por “o macaco Julião”. Começa, dá um iê daqueles: “IÊÊÊÊÊÊ!! [*canta*] O macaco Julião!” (*risos*). Aí o Mestre fala: “Pô, tem aluno aqui que canta pra c.!” O macaco Julião, pô?! O bumbum de Deus é grande (*risos*), os cara... [*canta*]: “O bumbum de Deus é grande.” Tão cantando isso nos Estados Unidos. Eu falei: “Pô, tá de sacanagem!” [*canta de novo e ri*], e se não tiver ninguém pra dar idéia, ele vai canta “O bumbum de Deus é grande” mesmo, “O macaco Julião”.

L: É.

ML: Entendeu?! P., velho, vai ser f.. Eu não sei como é que vai ser essa parada daqui a uns... mais quinze, vinte anos. Se eu tiver aqui...vai tá totalmente outra viagem. Mas não tem jeito não, Lilu. Não vai ter jeito não. [*interrupção*]

L: E...só pra terminar, esses caras que não tem oportunidade de ir, são que caras? Porque tem uma elite que vai, né, Mestre?! A gente pode dizer assim, por mais gente boa que a galera seja, tem um filtro. E esses caras que não vão? Eu tava

conversando com Mestre Ivan, ele chegou em Belo Horizonte. É o que você tava falando: antigamente Rio de Janeiro: pá! Hoje em dia: o cara só foi até ali..

ML: Mas vão, Lilu, você vai vê. Daqui a pouco vai. Porque também esgota. Esgota também. Eu já fui, já foi fulano, já foi beltrano, mas tem muitos que não foram. Mas tem que ter oportunidade, eu digo assim, oportunidade, num lance positivo. Não é assim, de repente Ivan...Ivan vai chegar a hora dele, mas eu espero que a hora dele não usem ele, não sacaneiem ele demasiadamente, pelo cara ser puro, pelo cara ser ingênuo. Eu espero que ele não seja manipulado. Mas a época dele vai chegar. R., esses caras não viajavam há cinco anos atrás. Ninguém sabia quem era R., bicho. Agora R. viaja. Agora vai pro Japão, vai pra...como é o nome...França. Porque o filho tá na França. Então é certo que todo ano ele vai pra França. Entendeu?! R.D. era um cara que não viajava. Apareceu de uma hora pra outra aqui. Agora você pode perguntar: “Cadê R.D.?” Tá na França, tá na Alemanha, tá na Suécia, entendeu?! Vai chegar. Porque também vai chegar um momento também que eles não vão segurar a onda. Porque eles tem que ter referência, mesmo que eles não tenham sido aluno daquele cara. Mas ele tem uma simpatia, ele quer chamar o cara pra ser padrinho do grupo deles, mesmo que aquele cara não...Quantos grupos B.R. é padrinho?

L: Nem ele deve saber.

ML: Nem ele...(risos). Eu tenho um cara na Grécia...O cara me chamou dois anos. O primeiro eu não fui. É muito desgastante. Eu gosto da galera, é numa ilha. Numa ilha, cara (!), só tem bode selvagem. Bode, cabra, muito massa! Você sabe que Grécia também é uma loucura. A coisa do turismo. Mas é uma ilha. Uma ilha assim...de Bau(?). É isso que eu to falando pra você: você vai daqui pra ali, tantas paradas, tanto aeroporto, pra você chegar depois de ferryboat, numa paradinha...E ainda de ferryboat são três horas. Ainda! Depois dessa onda toda. Aí você chega no lugar à noite e você não tem muita amizade com o cara que te chamou... Quer dizer, te chamou assim, pam... entendeu?! Aí você tem que ficar naquela coisa assim... Evento que eu já fui de ter tanta gente, e o cara chorar pra me dar mil dólares, e eu ter que passar duas semanas pra ganhar dois mil dólares. Depois o cara vem com uma papelada assim, de certificado, de noite, na ‘bagaceira’ pr’eu assinar, e eu não ter condição, de saber quantos e eu querendo saber. Contando, contando. E aí a mulher vinha: “Oh! Daqui a pouco a janta.”, não sei quê, e eu já perdia a conta... Então, eu espero que o Ivan, hoje, não pegue isso. Que essa galera toda que tá indo não pegue isso, que eu já peguei. Mas vai pegar, não tem jeito. O cara vai levar Ivan, vai levar pra casa, e vai fazer o que ele quiser ali. Vai fazer oficina disso, vai fazer oficina aqui, oficina de capoeira. Tanta informação o cara vai ter e ele vai dar mil euros ao cara, e acha que tá tudo careta. Vai, todo mundo vai ter oportunidade de ir, Lilu.

Principalmente a galera assim, mais na frente, na frente que eu digo, é...

L: Considerado os velhos Mestres de hoje.

ML: De hoje. Como o cara que vai me homenagear, não sei quê, porque eu sou da geração dele. “Pô, não vou chamar fulano de tal, um cara que eu nem conheço, Lua. Porque a gente presenciou você e C., essa galera. Essa galera que é nossa referência, então... Então o tempo tá passando. Daqui a pouco vai chegar a vez de Ivan. Vai chegar a vez de todo mundo. E eu espero que quando chegue a vez deles também, eles sejam mais considerados, eles sejam mais respeitados. Bigodinho, nego levo pra cima e pra baixo. Tomou coisa que, pô, não podia, voltou quebrado. Cê lembra de uma vez que nós...tava preparando uma história para Bigodinho, e Bigodinho apareceu três meses depois, quebrado, diabetes lá em cima?! Porque, não sei...não tiveram preocupação, só tiveram preocupação de, pô, o cara é das antiga, é descendente de Waldemar. Um frio da p. na Europa e o cara andando pra cima e pra baixo. Ele falou: “p., Lua: ia daqui pra

não sei quanto andando.” Nego nem botava um carro e a gente que já viveu lá fora já viu que é frio mesmo pr’um novo, o que dirá pr’um velho. Então, vai chegar um momento que eles não vão mais, que a galera vai ficar no grilo. “Pô.. um velho desses vai e dá um ‘tolu’ lá.” E eles já vão ficando mais...Aí esses que vão vir agora, daqui a pouco, é isso aí.

L: Tão indo.

ML: E o lance é que... é a necessidade. Porque Ivan vai e volta, mas o mais jovem que tá no pique, que tá...vai e não volta. É nisso que a gente perde...p. n....vai pra uma cidade que sabe que não tem ninguém: “Vou botar minha p. lá!”. E vai ficar lá, vai morar lá, um dia vai casar lá. Se ele for na intenção de “vou batalhar e vou voltar pro Brasil”, tudo bem. Mas...

L: Acostuma, né?!

ML: Acostuma. Todos eles. F. ta lá. X.. Quem diria que X. ia se acostumar? R.. Soube agora que R. vinha pra cá, mas quando viu que a passagem era só de vinda, ele não quis. “Pô, vou chegar no Brasil. No Brasil tem p. n. pra arrumar algum. Onde eu vou arrumar esse dinheiro?” Dá uma ‘nóia’ dessa. Eu, quando morava na Europa, logo no início, p...eu tinha que ter meu bilhete de volta. Eu tinha vontade de vir ao Brasil, mas tinha que ter meu bilhete de ida e volta. Quando sujasse aqui, acabasse a minha merreca, eu tinha que ter o meu bilhete de voltar.

C. ficou aí, ó. Padecendo aí uma cara. Veio só com um bilhete, né?! Agora conseguiu, foi de novo, ba ba ba, mas ficou um tempo aí. ”Arruma uma coisa pra fazê, cara?!”. Mas mesmo que ele arrume, ele não tá acreditando naquilo. Ele tá acreditando que a grana que ele arruma lá fora é melhor. Mas mesmo que ele não tenha essa capacidade de capoeira. Mas ele sabe que mesmo assim, ele vai e vai conseguir. Mesmo que ele não aproveitou. Ele tava esse tempo todo aqui e não aproveitou a nível, assim, de treinar, treinar, treinar. Mas treinar numa boa, pra quando chegar lá, ter um nível melhor. Ele só ia pra rodas jogar, mas ele tá contando que mesmo assim, lá, ele vai arrumar um grupo.

L: E arma, né?!

ML: E arma. Entendeu a viagem? Agora mesmo saiu um daqui, há pouco tempo. Ele é um francês, mas mora numa cidade que não tem nada. Aí ele, pô, aprendeu capoeira, assim, internet...chegou a fazer um pouco de capoeira, mas na cidade dele não tem ninguém, aí veio pra Paris, aí colou com Guaracy, com Guará. Aí ele veio aqui, comprou instrumento, comprou não sei o quê, não sei quê lá. E ele vai dá aula lá. Ele falou: “Pô, Lua, não tenho ninguém lá!”. Ele conversou comigo: “mas eu não tenho ninguém pra.. o único que eu arrumei pra me dar um apoio, pra ir lá de três em três meses, no meu recanto, no meu Village, é Guaracy. Então eu fechei com ele assim.” Entendeu?! “O quê que eu faço?”. Ele, então assim, perguntou pra mim: “O quê que eu faço?”. Eu falei: “p., que m.!”. O cara gosta de capoeira, mas não tem ninguém, ele jogou um pouquinho aqui, ele treinou com V., o tempo que ele ficou aqui, com M. (esculhambou com ele, o M.: “Cê dá aula de capoeira, ô rapaz?! Quê que você faz com capoeira?”. E o cara num chamego da p. com o M.). “O que que eu faço?!”.

Eu me lembrei logo de mim, quando era novo, no início da nossa conversa. Arrumei minha parada no fundo do quintal, minha irmã! Minha tia, meu primo, meu cunhado, é mesmo, porque você tem que armar, se você não tem ninguém, você tem que armar, você tem que ensinar. Eu, quando cheguei na Suíça, eu ensinei a Marijô, ensinei a C., ensinei a D. pra eu poder ter gente! Pra...

L: Pra mostrar, né?!

ML: Pra mostrar. Marijô nunca foi aquela capoeira..! Mas vinha, filmava, colaborava, corria atrás do espaço. Eu tinha uma aliada, uma pessoa. Uma aluna e uma aliada. A gente precisa, e Marijô: “P., Lua, e esse aí?. Como é que vai ser?”. Eu digo: “Ele vai

querer, Marijô. Vai treinar com a galerinha lá.”. Que ele não entre numa de ser isso e aquilo, mas o pouquinho que ele sabe, ele vai ensinar. E ele cole com o Guaracy. Ainda fui de boa, que eu não ia chegar pro cara e dizer: “Olhe, você não sabe de p. n.”. Eu não vou falar isso, que também não é isso, né?! O cara gosta! Comprou atabaque, comprou berimbau, comprou tanta coisa. Ia pra Nene!, ia pr’aqui, ia pr’ali. Eu ia dizer o quê ao cara? Eu ia dizer: “Não, meu irmão. Vá e arme sua parada lá, velho!”. “Arme sua parada. Você treine e cole com Guará! Guará é o cara que você gosta, que você se identifica com ele?...você leva ele lá, de três em três meses.”. Mas...“Mas ele não tem ninguém, Lua, lá”. Eu sou sozinho, sou eu e meus meninos lá, eu vou dar aula, eu tenho que dar aula”. Eu vou dizer o quê, Lili?! “Não, não dê não. Você tá...”

L: Não pode!

ML: “Você tá por fora! Eu vou dizer que não dê e ele vai dar de qualquer jeito. E ainda vai ficar meu inimigo. *[risadas]* “P., radical! É só pra ele a capoeira, é?!” Aí Marijô: “P., não é assim. Você tem que dizer a ele que não é assim.”. Eu digo: “É como, Marijô? Me diga, então, como é.”

L: Aonde que tá esse padrão?

ML: É. Me diga aí.

L: Verdade, Mestre.

ML: Quando você vê o papo de Waldemar dizendo que aprendeu quatro anos de capoeira. Siri de Mangue, não sei quê, não sei quê, e depois ele foi dá aula. Quando você vê isso, você...é o quê? Tem que ficar dez anos, quinze anos numa academia pra dar aula, é?

L: Essas verdades que as pessoas viram depois que é assim...

ML: Aprendi com Papo Amarelo, não sei quem...

L: “Levei quatro ano aprendendo...” *(risos)* “E depois comecei a ensinar.”

ML: É. Ensinar. E aí? Quantos saíram bons alunos de Waldemar? Ai, ai... Tem coisas que não dá. Que às vezes a gente quer ser assim... Mas quando você olha pra trás, minha irmã, hum!...p.n...(!). Ninguém é dono de nada. Ninguém foi dono. Ninguém é dono de nada, ô menina. Se fosse assim. Ninguém é dono da cultura. Fulano quer ser o tal, beltrano quer ser o tal...p.n., bicho...Mestre Pastinha foi embora, entendeu?! Levou o quê?? Entendeu?! Foi dono de quê?? Mestre Bimba... Ainda sacanearam ele, ainda. *[o telefone toca e a entrevista é interrompida]*.

Anexo E - Entrevista 5

Lilu (L): Bom, vamo lá?! Posso fazer as perguntas?

Mestre Olavo (MO): Pode.

L: Preciso que você me fale seu nome e... seu nome completo. E... qual que é seu tipo de capoeira.

MO: Qual é o tipo?

L: É... seu nome completo primeiro.

MO: Meu nome é Olavo Paixão dos Santos.

L: E é conhecido como...

MO: Mestre Olavo mesmo. No início começaram a me chamar de Besouro. Depois... cabo... Besouro voou.. aí pronto: não tem mais Besouro.

L: Ficou só Olavo.

MO: Ficou só Olavo mesmo.

L: E seu tipo de capoeira?

MO: Ó, eu comecei a capoeira no interior de Muritiba. Com professor Alfredo. E daí.. eu vim praqui pra Salvador.. dei continuidade com Mestre Valdemar da Liberdade, da época .

L: Em que ano que é isso, Mestre?

MO: Foi mais ou menos em 58. E depois continuei, fabricando berimbau e coisa e tal, e lá vai na roda de capoeira, sempre com Mestre Valdemar. Quando Valdemar saiu quem tomava conta da roda era eu.. Depois.. eu conheci o Mestre Acordeon. Eu morava no corredor da Vitória e... o Mestre Acordeon foi fazer uma apresentação de capoeira no Hotel Plaza, que não existe mais... e daí eu tava tocando berimbau sozinho, na base de onze horas da noite, onze e meia... na porta do prédio que eu morava, que eu toco assim sentado no muro... aí quando passô um carro, um Karmanguia, não sei se ocês conhecem?

L: Aquele carro bem antigo.

MO: Karmanguia.

L: É. Grandão.

MO: É! Passou assim! Parô na minha frente, eu tocando berimbau, fiquei até assustado, que já era onze e meia da noite, eu tocando berimbau ali embaixo, eu tava tocando lento, ritmo de Angola. Eu fiquei com medo de sê a polícia, de proibir que eu tava tocando berimbau e até me levarem. Mas não...! Quando desceu três carinhas do carro, com berimbau na mão... Veio tocando pra cima de mim, o berimbau dele melhor do que o meu...!L: humrum!

MO: É mesmo, com som melhor...! Aí começou a tocar, não me disse nada, continuou tocando, nem um boa noite me deu, continuei tocar, ele tocando, eu parei, pam pam. Quando eu vi que eles tavam com berimbau, eu parei, não fiquei mais com medo, eu vi que era gente de capoeira mesmo. Dava um toque um outro: pam pam pam. Depois ele parô. Ficou conversando comigo. Aí disse que ele era aluno do mestre Bimba. Era o Mestre Acordeon. Nessa ocasião ele não era Mestre ainda. Era Acordeon mesmo, era aluno. Depois... isso já foi em 67, por aí assim. Daí ele mandou eu ir na academia dele. Depois que no outro dia ia ter um treino lá. Fiquei com medo, não fui. Não conheço o cara, tocando melhor do que eu, “não vou lá não!”. Aí não fui, né?! Aí passou mais de uma semana, ele me deu o endereço certinho, vou lá. Fui lá, bati na porta, entrei. Uma senhora, dona Zepa, uma escurinha bem pretinha. Essas neguinha bem escura mesmo. Ela tinha.. morreu com 104 anos. Então, o quê acontece.. aí ela abriu, me atendeu, perguntou o quê eu queria.

“– Não.. eu tava procurando é Acordeon, Ubirajara.

– Ah, é aqui mesmo!

– Cadê ele, taí?

– Tá. Tá com treino de capoeira com um pessoal.”

Entreí. Me receberam muito bem. Aí peguei amizade com Acordeon. Aí peguei algumas coisas regional com Mestre Acordeon . Mas como sempre eu fui relaxado, treinava era uma vez. Então minha capoeira ficou fraca. Jogava capoeira, ainda jogo, mas é aquela capoeira que não é... que não é uma capoeira que dê pra enchê olho. Não é?! Mas fiquei ... relaxei muito. Pessoal me chamava pra tocar. Meu forte da capoeira é tocar, cantar, animar a roda. Então daí eu continuei... Aí Acordeon começou a me apresentar todo mundo. Me apresentou Mestre Itapoan, a uma turma aí de capoeira, né?! A Camisa Roxa, Camisa que tá no Rio que é do Abadá. Daí ficou todo mundo sendo meu amigo, gostavam de mim. Aí eu comecei a tocar. Aprendi todos os toques da Regional. De Angola, também. Criei alguns toques. E... to aí na capoeira até hoje. E não deixo não. Só deixo quando eu morrer.

L: E hoje em dia você trabalha aonde?

MO: Hoje em dia eu trabalho em casa, na minha casa mesmo com artesanato. Sou artesão. Agorinha eu tenho um fabricozinho, fundo de quintal. É de berimbau, atabaque, pandeiro, reco-reco, agogô... é... cúca. Bocado de coisinhas.. instrumentos, artesanatos.

L: Dá aula?

MO: Dô aula só de toque. Capoeira eu não tô dando aula porque eu to sem espaço. Não tenho espaço pra dá aula de capoeira. Mas de toque, cantoria, eu dô aqui mesmo onde trabalho. Mas já ou não porque eu não tenho espaço. Eu faço aqui uma roda no dia de domingo, a partir das 18 horas. De 18 a 21 horas. Mas é só de domingo, faz uma roda aqui, vem todo, vem diversos amigos, diversos grupos. Vem aqui me visitar e daí pá, já forma aquela roda, aquela roda de amigo, de... aquela roda, um encontro de capoeira, um encontro de capoeiristas. Então.. eu encontro diversas pessoas aqui que são... bom, muito boa. São meus amigos, nunca me disseram nada ao contrário. Sempre tem um no meio que é meio... meio espinhado, mas a gente passa sabão, passa a esponja, amacia o cara.

L: Mas..

MO: Aqui é assim, tem grupo.. vem grupo de tudo quanto é canto pra roda de capoeira. Todos os domingos. Começa às seis horas da tarde vai até às nove. Tem dia que.. se eu deixá fica até dez horas. Mas eu não deixo pra não incomodar os vizinhos. Nove horas tá. Passou de nove, dez, onze aí tá.. os vizinhos já tá ficando.. rasgando as camisa igual a Hulk. Ficando forte comigo.

L: Então começou a trabalhar em... quando você conhece Mestre Valdemar cê já começa a trabalhar com esse negócio de artesanato? Cê lembra a data, mais ou menos, de quando você começa a trabalhar?

MO: Fabricação de berimbau?

L: Fabricação mesmo.

MO: É.. olha.. Eu no interior de Muritiba, eu fiz uns berimbau lá. Mas eu não sabia nem o quê era..! Biriba! Quanto mais eu conhecia que madeira boa de berimbau é biriba. Eu peguei um pé de jurema, cortei, fiz um berimbau. Sem descascar a madeira, bruta como vem do mato, e a cabaca também. Mas o som, cê batia aqui quem tava com, não tava ouvindo o som direito. Não tinha som nenhum. Mas você falou do berimbau. Aí fui fazendo, fabricando, fabricando, fui melhorando.. Já cheguei aqui fazendo berimbau, mas... me aperfeiçoei fazendo, fazendo, fazendo, berimbau.. lá com Mestre Waldemar. Eu vi Waldemar fazendo berimbau lá com o pessoal dele. Eu ficava por lá sempre aprendendo. Mas só que hoje em dia eu faço melhor do que o Mestre Waldemar, porque eu dei continuidade nisso e me aperfeiçoei mesmo. Criei muitas pintura, criei muita, muita decoração, fui tocar, fui tocar.. berimbau que não existia. Tudo isso, berimbau queimado com maçarico.. Tudo fui eu que criei. E então... continuei a fazer berimbau.. logo no início eu fazia só pra mim, pra meu uso. Mas eu comecei a fazer estudo, Teatro Castro Alves, coisa e tal.. com grupo Olodum Maré. Não é Olodum não, é Olodum Maré. Aí eu comecei ir, ia pra tocar berimbau, cantar, fazer capoeira lá... E lá pessoal se interessava, comprava berimbau. Então os outros que compravam na minha mão, me encomendavam, eu comecei a fazer de monte de berimbau. Fazer cinco, dez, vinte, eu

fui crescendo. Hoje em dia faço dois, três mil berimbau. Então é a minha renda, é unicamente os berimbau, vendê meus berimbau, meus instrumentos.. Minha renda é essa.

L: E quais as oportunidades que a capoeira te proporcionou? O trabalho... o trabalhar com a capoeira te trouxe que vantagens, que oportunidades?

MO: Ó, trabalha com capoeira me trouxe muitas ‘vantagens’. Conheci muitos amigos bom.. e também pessoas que não presta, mas sabe... sabe quanto é o tal desse tipo de gente que não presta, conheci muitos amigos bons , já fiz umas viagens através da capoeira: fui pra Inglaterra duas vez, fui pra Alemanha, fui pra Holanda, fui pra Itália.. é.. Tudo através de capoeira, fora aqui no Estado da Bahia, do Brasil, né!?! Falo do Brasil. São Paulo, Rio de Janeiro, Belém do Pará, Recife, São Luís do Maranhão, tudo eu conheço através de capoeira, fora os interior, né?! Então são ‘vantagens’, e as amizades boa, como Lilu, passei a conhecer Lilu... e nosso amigo, Luciano. E diversas pessoas boa que mora no coração da gente ...

L: Me fala uma coisa, você gosta de ir em outros espaços de capoeira?

MO: Gosto.

L: Cê faz isso sempre?

MO: Ia todo o tempo. A semana toda. Cada dia eu vou em um local, em uma roda de capoeira em um espaço diferente. Pra ver como é que é que o pessoal se conduz, pra ver o ritmo deles, pra ver quem joga melhor, quem canta bem, quem não canta, e também pra criar música.. gosto de criar música de capoeira, principalmente ladainha. Eu gosto de criar muita música de capoeira. Meu ponto forte da capoeira é tocar, cantar e cria música de capoeira. Antes.. .eu visitava muito candomblé prá pegar as músicas do candomblé e transformar pra coisa de capoeira. Mudar ali umas estrofes, algumas palavras mudar, pra fazer música de capoeira. E até hoje nós faz isso.

L: Então é... quando você vai nesses espaços, você fica feliz de ter ido, você não se incomoda com uma capoeira diferente da sua, cê acha legal?

MO: Não, não, não, não.. Eu toco o barco de acordo com a maré. Como eles estão lá funcionando, eu funciono igual. Agora quando eles me dá oportunidade de fazer, como eu tenho visto por aí, de fazer como eu faço, aí eu faço, na capoeira das outros , mas quando somente no ritmo que o pessoal quer. Se é Angola, toco Angola até o final. Se é Regional, toco.. o ritmo correndo toco igual. E aí vou levando. Então em todo canto que eu vou com capoeira, me cabe. Eu sou igual a banana, tudo quanto é boca eu tô. Falo de capoeira... é.. e o pessoal me aceita, me recebe bem... e aí.. assim, né?!

L: Me fala uma coisa: você.. você conhece, já ouviu falar desse movimento de expansão da capoeira. Já ouviu falar sobre isso?

MO: Não. Expansão não.

L: Quê que é esse negócio da capoeira tá se espalhando? Quê opinião que o senhor tem sobre isso?

MO: Bom, isso é bom pra essa cultura nossa... Bom de uma parte, ruim em outra. É bom porque a gente tá... essa cultura tá se expandindo pelo mundo, se espalhando. Tá se tornando cada vez mais, mais elevada, mais valorizada, mas numa parte é ruim porque os pessoal de fora, do exterior, pego esse cultura nossa e tá...eles tão tomando conta. Se a gente brasileiro não abrir o olho, nós vão perde pra eles, porque eles se interessam muito mais. Porque o brasileiro e o baiano, porque a capoeira é nossa, acha que é bom. Não.O bom é quem treina. Se o cara não treina, não fica bom.

L: Você acha... você acha que um estrangeiro vai poder ser tão bom de capoeira quanto um brasileiro?

MO: Não.. é... 70% vai ficar bom. Vão ficar bom: 70%. Porque pelos lugares que eu já viajei pelo exterior: na Inglaterra, na Alemanha, por aí a fora.. eu vi muita gente boa de capoeira estrangeiro. Boa de capoeira. Jogando direitinho, tocando, né.. Direitinho mesmo, bem mesmo. Então é por isso que eu digo: se o pessoal, os brasileiros, baianos, não se cuidar, eles vão perder , vão ficar empatado com esse pessoal, quando não é pra empatar porque nós somos brasileiros, somos baianos.. Então a capoeira é nossa. Então não pode deixar os outros tomar conta, né?! Dominar aqui no Brasil, domina na terra deles, a gente cai por baixo dele. Não pode acontecer isso. A capoeira é nossa, né?! E é assim. Mas só fica bom quem treina. Treina toque, treina cantoria, treina jogar capoeira. O capoeirista tem que ser completo: cantar, tocar e jogar.

L: E com esse negócio da capoeira estar se espalhando muito por aí, de quê forma que o senhor participa disso? De que forma que isso é bom ou ruim pro senhor?

MO: Bom.. não é ruim, também não é bom. É ruim numa parte, né?! Porque ficam por lá, no exterior. Lá no exterior, não vem visitar aqui o Brasil, a Bahia. Já tem capoeira lá, não precisa vir cá, através de capoeira. Não compra instrumento na minha mão, nem na mão dos outros. Faz instrumento por lá, instrumento igual o nosso. Então nisso vai prejudicando a gente aqui, brasileiro e baiano, os instrumentos. Então eles fazendo por lá a gente não tem como pegar um dinheirinho, ter uma rendazinha, né?! Então dessa parte também é ruim.

L: Qual que é a parte boa?

MO: A parte boa é chegar lá, eles recebem a gente bem. Mas pra poder comprar mais algumas coisas da gente e recebe a gente com aquela popularidade bacana, aquela hospitalidade boa, mas, dentro daquela hospitalidade deles, eles tão cultivando, tão catando, captando muitas coisas nossas. Por isso que aquela presença, aquela bem profunda com a gente brasileiro. Então nessa parte acho bom, porque a gente é bem recebido lá, mas tem essa desvantagem fica catando tudo da gente, e ó, copiando a nossa cultura.

L: Qual que são os lugares que atraem mais os capoeiristas? Assim, quais lugares que eles tão querendo ir mesmo? Pra onde que as pessoas tão indo? Quais são os lugares que elas tão indo mais com esse negócio da capoeira estar se espalhando?

MO: Eu tô achando que... você fala assim pro exterior?

L: É.

MO: Pra mim é o Estados Unidos. Estados Unidos tem muito grupo de capoeira. Tem muito capoeirista, através dos nossos brasileiros, baianos que estão lá dando aula, como Mestre Acordeon, Mestre Jelon, Mestre João Grande que é angoleiro.. E diversos, né?! Como Mestre Cobrinha Verde... Cobrinha Verde não. Cobrinha mansa. Cobrinha Verde já faleceu há tempo. Então ele foi um dos bons capoeiristas, tava morando no exterior. Agora tá por aqui. Então lá nos Estados Unidos tem essa vantagem de ter muita gente daqui da Bahia, bons capoeiristas, capoeira Regional, Mestre capoeira de Angola. Que tavam dando aula lá, que tavam e tá. Tem alguns que vieram embora, mas a maior parte tá lá. E então é onde tem o maior fluxo de capoeiristas estrangeiro. Que eu saiba é.

L: Tem algum lugar que o senhor gostaria de ir?

MO: No exterior?

L: É.

MO: Justamente nos Estados Unidos.

L: Lá o senhor ainda não foi?!?

MO: Não, porque eu não consegui o visto, não liberaram. Já tentou umas cinco vez, não liberaram o visto pra mim. Estados Unidos. Já recebi convite do Mestre Acordeon, Mestre Jelon, esse povo todo, mas só que não consegui o visto. Me negaram o visto. Pra Alemanha eu fui, não tem esse negócio de visto, a Romênia, a Itália, Holanda, Inglaterra, passaporte, mas o visto, não tenho. Então é uma das razões porque não fui pra Estados Unidos. Eu ia com um dos meus Mestres que mora lá que é Mestre Acordeon. Então porque também tenho muitos amigos lá. Tanto brasileiro quanto estrangeiro quando vem aqui se transforma em gente gente da minha família. Então eu

quero participar dessas rodas deles lá dos batizados deles, os eventos. Mas o visto me empaca, porque eu não tenho visto. Eles não quer liberar o visto de jeito nenhum.

L: Cê tem uma cantiga de capoeira que é favorita e cê podia cantar pra mim?

MO: Favorita?? Como..?

L: Uma preferida sua.

MO: Ah, tem. Vou cantar *Ladainha*. Essa ladainha.. foi uma ladainha que eu fiz aqui, faltando três dias pra um campeonato de música de capoeira. Teve no Pelourinho, pessoal não me falaram nada. Tava com três meses já rolando isso, todo mundo se inscrevendo, fazendo música, ensaiando coisa e tal, eu não sabia de nada. Então o Maurício, que é Vermelho da Moema, chegou aqui conversando comigo, me comprou uns berimbau, veio e perguntou se eu tava participando: Rapaz, tá tendo esse concurso, falta três dias. Concurso de música, ladainha, corrida e de quadra. E eu vou. Ele disse “não vá não, rapaz, cê vai perder. Falta três dias. Povo tá com três meses ensaiando, e ocê com três dias, como cê vai ganhar?! Tem que fazer cinco cópias pra levar, entregar a Emília e a Frede Abreu.” “agora, menino”. Aí criei a música, criei uma ladainha sobre os mestres de capoeira que já faleceram, né?! que já morreu. Não foi todos não, porque se não ia levar uma noite toda cantando tanto capoeira que já morreu. Então eu cheguei lá, fiz a música. É depois de amanhã. Mas quando ela leu a música e a letra, ela ficou ligado. Eu senti que eles gostaram da letra. Aí no dia.. do concurso.. aí eu fui, né?! Aí tava palco armado, eu subi, todo mundo cantou, pá pá pá. Tinha dezoito pra dezenove pessoas.. pra cantar. Aí foi aquela coisa e tal. Aí no fim ficou quatro: eu, Sassá e mais dois que não sei, não conheço. Aí eles cant.. um dia Santo Amaro.. eles cantaram, pam pam, perderam. Ficou eu e Sassá. Pra disputá nós dois. O prêmio era pouco, mas valia a pena. Tava sem dinheiro no bolso. Eram seiscentos reais. Aí o quê acontece, eu.. ficou eu e Sassá. E Sassá disse assim: “vamo fazer o seguinte, vamos dividir esse prêmio” “Nãoo!” Eu ganhava, né?! Eu digo: “Nãoo, rapá! Bora disputar. Se eu perder, azar o meu. Se eu não ganhar, também...” Aí ele disse “Nãoo, rapaz, mas...” Ele foi chamar.. ele foi pro jurado, que tava Mestre Itapoan, tava Fred, tava Emília, tava esse.. cantor.. como é que é..? Tonho Matéria. Tinha mais dois e... e... Vermelho da Moenda, tinha mais dois que eu não conheço, tal. De jurado. Aí.. eu fui, cantei. O pessoal, o povo subia no palco com pedaço de pau. Uma platéia enorme, mais de 150 pessoas, aí chegava lá, cantava, tocava. Eu cheguei, conversei com o povo “Oh, boa noite, pessoal, vou cantar essa essa ladainha que tá com dois dias: ontem de ontem, ontem de hoje. Então, é... falando a respeito de alguns mestres que já morreram. Então a ladainha eu vou cantar aqui. Eu quero coral aí embaixo.”

Aí puxei a música, falando do Mestre Bimba e alguns mestres, falando aqui assim:

*“Ié! Quando eu vejo capoeira
Muitas coisas pra lembrar
Quando eu vejo capoeira*

*Muitas coisas pra lembrar
 Me lembrou do Mestre Bimba
 De Pastinha e Valdemar
 Me lembrou de Aberrê
 Colega velho
 (???) e Sabará
 Lembro de Cobrinha Verde
 E do Besouro, Mangangá
 Esses foram os velhos Mestres
 Que já se foi, não vai voltar
 Eles foi pra o infinito
 Deus os tenha
 Em bom lugar
 Viva meu Deus
 Viva meu Deus”*

.. Entendeu? Então.. cantei, todo mundo bateu palma. Eu desci do palco. Aí subiu o rapaz, o Sassá, né?! A música dele não tava ruim não mas.. tava um pouco diferente da minha. Então ele cantou.. Ele cantou, demorou demais pra cantar, andando daqui a Itapoan, voltando e cantando aquilo ali. Aí quando acabou a música embaixo. Mestre Carço e eu tinha assim.. Aí resultado, né?! (muitas risadas) Ah.. eu vou falá: eu tinha uma namorada, né, do Canadá. Aí eu pro Estaleiro, lá na Ribeira, com essa mina pra gente tomá um chopp, pedi uma cervejinha, comê com carne do sol.. e eu só tinha 70 reais no bolso aí, né?! Eu fiquei ali, né?! A menina legal, bacana, bonita como o quê.. beleza, ótimo. Aí.. fiquei esperando o resultado, de quem que era o vencedor. A torcida do.. daqui a pouco o cara o vencedor da ladainha, não sei o quê: Mestre Olavo da Bahia. Aí todo mundo: “Mestre Olavo, Mestre Olavo!” o cara se danou com ele: “Ô também sou da Bahia também, viu?” E queria brigar... “Não, não.. calma, calma, calma” Eu gosto de aplaudir. Aí o cara saiu com cara feia, não deu nem tchau perdeu que tava disputando comigo. Então foi uma ladainha que eu me beneficiei, que eu peguei meus 600 reais. Só tinha 70. Fiz igual a Sílvio Santos fiz assim, um leque com seis nota de cem.. “Quem quer dinheiro? Quem quer dinheiro?” Rapaz.. e a mulher embaixo “ lé lé lé lé lé” Quem ia de ônibus lá pro Estaleiro, já fui de táxi com a menina, foi legal, ótimo. E foi duas horas da madrugada, a gente veio embora.. Foi beleza, né velho?!

L: Tranquilo.

MO: Tranquilidade, sereno.

L: Merecido.

Elias Neves, feirante e capoeirista, 56 anos, freqüentador da roda de Mestre Olavo.

Mestre Elias (ME): Entrando nessa conversa aí, tem uma coisa que nós, capoeira, não percebemos. Quer dizer: muitos. Que todos filme de karatê tem usado a capoeira. Outro dia eu parei, mandei meu sobrinho parar porque meu sobrinho trabalha com.. eletrônica. Mandei ele parar, pra mostrar.. Entendeu Olavo?.. eu digo por quê de karatê? É uma luta? Que eu pego tudo. Uhh! Hoo! (mostra movimentos de karatê) E pronto. Cabô. Tapeia, tapeia. Uuhhhh!...De arte de mão daqui a pouco tome martelo, tome meia-lua, pode reparar! Depois cê vem me dizê. Eles tão ganhando dinheiro em cima da capoeira, joga capoeira como quê não vale nada, filma... Quando japonês filma a capoeira tem que cobrar alto. Alto. No Mercado é assim. Só vai filmar pagando alto. Tem dinheiro pra pagar? É um milhão pra filmar. Um milhão... Pede logo um milhão aí. Sabe por quê?! Porque capoeira tem valor. E tem muitas pessoas que não se valorizam.. né?! Um homem como ele, que faz berimbau, faz tudo... Cê vê: o cara se zangou porque ele ganhou. Olhe bem o pé do negócio: ele não pediu a ninguém pra ganhar. Ele improvisou, improvisação. Não deu tempo nem de ensaiar com ninguém, que ele leva um coral preparado... Tetelo, Neguinho, eu e outros, ficava bem melhor ainda, mas ele teve a coragem de enfrentar todo mundo. Não foi por ganância, não foi por... Venceu dentro da categoria dele. Porque ele é um cara artista e não sabe. Olavo é um artista e pensa que não não é. Tá entendendo o meu ponto de vista?! Eu sempre o encarei como um grande artista: O cara faz berimbau, joga capoeira, toca, canta, mas, como ele terminou de dizer, nem os próprios familiares dele valorizam. Outro dia chamei a filha dele, que é um dia de domingo, que Olavo tá em casa, não preparam um franguinho, um macarrãozinho?" "Mas a chave não fica aí?! Eu digo "Eu?! Não sou filho de Olavo." Olavo me deu um cantinho, que minha irmã me botou pra fora, eu tava apertado sem dinheiro, com a guia quebrada. Guia quebrada é quando tá sem dinheiro pra comprar mercadoria. E eu cheguei aqui, eu não tenho pra onde ir. Me botou pra fora porque eu tenho um sobrinho que tem uma mulher, como você, ele é escurinho(aponta para Luciano). Aí tem ciúmes de Dilma, mas só que Dilma ela conversava comigo como um pai, porque o pai dela morreu, entendeu?! Eu dava conselho a ela... Ela aí ficava assim... Ele aí começou a ciumar.. .Porque eu entrei onde não devia! Você até me desculpe minha falta de.. Entendeu?! Então o quê?! Quê foi que eu fiz.. ela fez: "TU SAIA DE MEU PRÉDIO!" Aí era um dia de domingo assim de manhã.O dia é bom,mas... e a noite? Né?!

"Saia. Nem aqui do lado de fora, nem uma varanda dessa que tem aí ao lado. Nem aqui não é pra dormir." É mole?! Chegou de noite, eu digo: acho que vou na capoeira, pular. Porquê eu sou homem, qualquer casinha velha, desta,que tem por aí, eu me entoco. Aí cheguei aqui, falei com Olavo,eu já tinha ficado aqui uma vez. Aí chamei Olavo. Cheguei, conversei.Olavo disse:"Fique aí!" Ele, pra mim, é mais que um parente. Se ele disser, assim:"Eu vou pro Estados Unidos, eu vou ganhar um milhão e você não vai levar nada. Velha Eu não me importo.Porque o que ele ta fazendo comigo...Tem noite que nem aqui eu não durmo, como ontem,não dormi aqui, certo? Dormi na casa de minha irmã de criação, de sua cor (aponta pra Lilu), mas me respeita mais que...Só você vendo a cama que fizeram pra mim.Os lençol.Essa bermuda e essa camiseta, eu ganhei.Eu to aqui com a bermuda que elas me deram. Aí quando eu vim me embora, Carol ficou chorando...Eu fiz um bocado de poesia hoje." Que dia lindo! Tão

importante!Cadê o sol? (Já tava escurecendo...)Ah! Não precisa sol!Nós tamo aqui bem de junto da menina Carol”. Não é isso? Então...A pessoa no mundo..As vezes você é maltratado por um parente.E um estranho te trata melhor.Não é? Você vê!Eu sempre me dei bem com estranho.

(32:00)

Ah! Rapaz, Eu tenho uns periquito pra você vendê lá no Mercado Modelo.Veja bem como foi que aconteceu...Periquito? Ah! Eu não vou não.Ele vai!Tô lá vendendo o periquito,chegei lá e to escutando...Dim dim dim dim dim.Gajé que tava tocando.Dim dim dim dim dim...O pau quebrando.A capoeira do Mercado. Brucutu, burucutu. Rapá!Aquela violência toda, eu digo...Ah!!!!!!!!!!!!Por isso que me mandou eu vir vender aqui!Eu digo, é...Pra aprend~e isso aí, é problema...Aí, quando eu cheguei em casa: “Que que trouxe de novidade lá do Mercado?” Eu digo:”Eu vi um negócio lá!Um cara fazendo um bocado de...Não sabia que era capoeira. Aí, ???disse assim:”Olha a cadeira aqui, vai metendo o pé aqui.Meu primeiro Mestre, foi um homem que não sabia nada de capoeira, na verdade. Tá entendendo?Aí fui metendo o pé e comecei sentindo o gosto.Dei um salto por cima da cadeira.Daqui a pouco já quis botar outra cadeira.Daqui a pouco, eu dei uma pancada, me machuquei, eu digo, não!Vou continuar treinando. Vá treinando!Aí???: Vá no Estica pegar um balde de água.Não tem água em casa, vá no Estica pegar um balde de água.Leve o outro também. Aí, quando eu cheguei lá, os cara tava jogando capoeira. Pensei que podia entrar, que os caras não ia bater...Gagé entrou...Lá vai eu pro Pronto Socorro desmaiado.RISOS.Quando acordei no Pronto Socorro... Chorei.Sem efeito. Aí, desci de novo. O cara me deu uma pancada pelo braço,tive que ir pro pronto Socorro. Aí..Tá vendo?Aí Comecei a treinar em Surrão. Tinha o Mestre Surrão lá.Aí, ele:”você tem que aprender a capoeira mais devagar.Começar devagar, se não você vai apanhar de todo o mundo aqui, aí começou me treinando devagar. Ele me pegou. Depois apareceu Índio. Ele me dava cada surra...Aí ele me levou, foi me treinando, me treinando. Um dia ele me mandou:”Gingue aí”. Eu fui gingar, todo torto.” Não! Aqui! Faça assim!” Eu fiz assim, ele:”Assim!” Índio deu uma meia lua, eu aí, desci.Ele fez: você já é capoeira e tá mentindo!

Mas eu desci...É relance mesmo. É medo de tomá a pancada.(...) Índio e Surrão. Me dava pancada me ensinando.”Eu vou passar a perna! Bora! “ Aí eu comecei levantando a perna.Aí fui treinando treinando treinando, aí, com 90 dias, eu já tava me achando o próprio, já tava jogando com Índio, cortando roda, já tava...Tirando um qualquer. De 2000, ele me dava pelo menos 10 centavo. RISOS

(37:00)

10 anos nessa roda, no dia de sábado. Aí cabô a capoeira. Eu digo, pra mim, não acabô não.Aí tinha...Cebolinha. Aí comecei a tocar com Cebolinha.Aí, um pau. Suei. Já indo pra dentro de Índio, mas cê sabe, né?Índio é malvado.Eu não tinha as manhas dele, mas...Tec tec Quando deu 6h que bateu na Igreja, Aí ele falou:”Tá bom.”Aí a gente trocou de roupa, e todo mundo ficou assim...De ver ele me batê, eu tomá um banho, a gente foi comê um americano, tomá um suco. Eu digo:” Índio, venha cá, tem algum cara

ali na rua que eu possa tomar um pontapé dele?” Índio:”Pode!” Se você puder, cê treine mais. Eu comecei treinando mais em casa.

(43:00)

Então, a capoeira, a pessoa que joga capoeira, que faz berimbau é um artista, mais uma vez eu dizendo que ele é um artista, diante dele. As vezes, como eu, faço música, tenho letras e as vezes procuro jogar, pra poder ver se alguém se interessa. Se for só guardar...Uma roupa guardada, provavelmente as traças vai roer...Né? E mais tarde? Eu tô com 60 se eu for preparar...Quem sabe se não é minha garantia da velhice se não é as músicas? Como ele (Olavo) também.Fica aí se queixando...Já pensou um dia de domingo?? Um homem chega,não ter nem. As vezes até tem um convidado, chega um argentino que já serviu a ele lá, ele quer oferecer um almoço decente, os filho não faz. Agora, quando morrer...Quando morrer,ah! Meu pai deixou pra mim...Porque não aproveita o pai agora que ta vivo? E corre atrás? Tem um cara vindo aqui, roubá ele...Chamei ele no recanto e disse:”Você não tá trabalhando? Ele é seu pai! Ele trabalha, tem sessenta e tantos anos...Nós já somo velho: eu e ele.Pelo menos na idade nós somo.Nó tocamos um berimbau, vai pra capoeira, vai pra algum evento porque nós gostamos da arte.E praticamos e aprendemos.Não é isso? Nós que somos capoeira, devemos o quê? Valorizar a capoeira!Eu jogo capoeira sem batê! Porque que eu jogo sem batê?Porque ninguém é meu filho!Esse é um mundo das pistola!Eu to mentindo? O mundo das moto.E dos capacete. Alguém esquece disso...Eu pego você aqui e espanco, eu chego na capoeira e lhe espanco. E depois?Você não gostou e aí?Eu sou seu pai, é? Tá entendendo meu ponto de vista?E a moto? Eu vou sab~e? E ele trabalha aonde? Ah! Lá na Pero Vaz!As motos chegou. Pei pei. O que que foi? Ah! Foi droga!Eu bati nele. Não pode bater em ninguém. Você dá o golpe, amostra o lugar da pancada pra mostrá que você não é bobo.Não é isso? Pode ser homem, pode ser mulher..Vir brincar na roda de capoeira com você, tem que mostrá. Não é isso? Mostrando que você sabe, agora ninguém deve espancar ninguém, não é isso?

Anexo F- Entrevista 6

- **Qual seu nome completo e como é conhecido no meio da capoeira?**
RICARDO SANTOS CARVALHO / BALÃO
- **Possui um estilo de capoeira ? Qual?**
COMTEMPORÂNEA
- **Qual é o caminho da sua formação na capoeira?**
GRUPO KILOBOLAS- MESTRE DEDÉ
GRUPO BARRO VERMELHO - MESTRE BENIVALDO
UNITED CAPOEIRA ASSOCIATION - MESTRE ACORDEON
- **Em que espaços você atua?**
QUILOMBO OBIRIN DUDU (SALVADOR)
- **Há uma pessoa (ou pessoas) que seja principal para a sua formação em capoeira?**
FREDE ABREU E MESTRE ACORDEON
- **Exerce outra atividade fora do meio da capoeira? Se sim, qual e qual a sua formação?**
EMPRESÁRIO DO RAMO DE ESPORTE/ENGENHEIRO CIVIL
- **Quando começou a trabalhar com a capoeira?**
NO ANO DE 1990
- **Quais oportunidades o trabalho com capoeira já lhe proporcionou/ lhe proporciona?**
VIAGENS POR TODO O MUNDO / CONHECIMENTO DE OUTRAS CULTURAS/ RELACIONAMENTO COM DIVERSAS PESSOAS/AMPLIAÇÃO DO MEU OUTRO NEGÓCIO(SPORT BRAZIL)
- **Gosta de conviver freqüentar outros espaços de capoeira? SIM Com qual freqüência faz isso?**
MENSALMENTE
Permite que seus alunos o façam?SEMPRE
- **Para você o que é esse movimento de expansão da capoeira?**
TUDO NA VIDA TEM SEU LADO POSITIVO E NEGATIVO
" A CAPOEIRA É TUDO QUE A BOCA COME", ENTÃO SE COMER COMIDA RUIM TEM DOR DE BARRIGA, SE COMER COMIDA BOA FICA SAUDÁVEL.
- **Quem participa deste movimento e de que forma?**
TODOS OS CAPOEIRISTAS, PRINCIPALMENTE DA MINHA GERAÇÃO E UMA ACIMA DA MINHA.
- **Um estrangeiro tem/ terá capacidade de ser tão bom capoeirista quanto um brasileiro?**
COM CERTEZA...
- **Quais lugares atraem os capoeiristas?**
SALVADOR....A CIDADE MAIS INCRÍVEL PARA O CAPOEIRÍSTA CONHECER
- **Há alguma diferença entre a capoeira ensinada/praticada em um determinado espaço (escola, rua, academia, projeto,etc...)? Fala um pouquinho sobre isso, por favor.**

HÁ MUITA DIFERENÇA ENTRE A CAPOEIRA ATUAL E HÁ DE VINTE ANOS ATRÁS. HOJE COM O ATRIBUTO DA PROFISSÃO CAPOEIRA E TODOS OS ELEMENTOS QUE O CAPITALISMO PROPORCIONA PARA NÓS, A PARTE MÍSTICA FICOU UM POUCO EM DESUSO. OU SEJA, MUITOS CAPOEIRISTAS QUE COMEÇARAM A TREINAR OU JOGAR HÁ MENOS DE DEZ ANOS ATRÁS NÃO CONHECERAM MUITO ESTE LADO MÍSTICO, MANDIGUEIRO, LÚDICO, PERIGOSO...TENHO O PRAZER E ORGULHO DE SER DA GERAÇÃO ANTERIOR, QUE PEGOU UM POUCO DISTO. SEI, TAMBÉM QUE SOMOS(MINHA GERAÇÃO) OS PRINCIPAIS CULPADOS POR ESTA PERDA DO LADO MÍSTICO, POR CONTA DO LADO FINANCEIRO, MAS CREIO QUE FAZ PARTE DA VIDA E HISTÓRIA DE UM POVO.

- **Qual cantiga de capoeira é sua favorita?**

MUITAS DO MESTRE CAIÇARA...

Pode cantar/escrever?

SOU HORRÍVEL PARA ISTO, LILÚ...

Anexo G – Entrevista 6

Seu nome completo e como é conhecido na capoeira!

Eita! Meu nome completo: Jubiraci Machado Santos. E meu nome na capoeira é..Bira Saci.

Qual que é seu estilo de capoeira?

Meu estilo de capoeira...Regional de Bimba.

Sempre foi, né, bira?

Sempre foi! Como é da família... Mesmo que cê tente fazer um outro tipo de capoeira, você não consegue porque é um hábito, né? Desde pequeno... Vem de berço isso. Então não tem nem como você fazer outra capoeira. Quer dizer, no meu caso, né? Porque no caso de alguns mestres... Que aprendeu com meu avô, no caso, aprendeu a capoeira regional do Bimba e hoje em dia, abre a boca pra dizer que não conseguiu segurar a capoeira do do Mestre Bimba, sabe? Bom, isso eu não entendo um pouco o porquê. Porque no meu caso, no caso, eu sou família, né? Eu sou... Mas eu não conseguiria fazer alguma coisa diferente que não seja a capoeira do Mestre Bimba, a metodologia da capoeira do Mestre Bimba. Não consigo mudar.

Cê faz desde pequeno? Fala um pouco...

Minha história de capoeira... Desde pequeno, minha mãe sempre me deixou eu sozinho trancado em casa, aquela casa imensa que é a casa do Mestre Nenel, né? E assim a primeira identificação que eu tive com capoeira foi um cd , um disco de capoeira do Mestre... Caiçara! Por incrível que pareça. Não era nem de meu avô. E eu comecei a jogar capoeira com as paredes. Não sei como. Eu...

Cê via...

É via aquelas coisas e tentava fazer dentro de casa, né? E na verdade, assim, com uns 5 anos, meu tio, eu me lembro que ele começou a dar aula na academia do Mestre Moisés no Vale das Pedrinhas e a gente acordava às 5:00 horas da manhã pra ir treinar. A gente passava por 20??? de cachorro, a gente descia com, com como é que chama aquilo de colocar desodorante com água gelada pra poder jogar nos cachorro, pra gente, no caso, vir treinar, né? Então, assim, teve fase quando eu tive de 13 ano, na verdade, quando eu comecei a entrar no Olodum, no teatro, no Bando de Teatro Olodum, eu comecei um pouco a viajar, a me envolver mais com o teatro. Então assim... Teve período que eu parei, tipo... Não por muito tempo, mas, assim, parei 2 meses... Parava 5 meses. Que as vezes eu viajava, as vezes eu tava no Rio. Passava 2 meses no Rio fazendo show. As vezes passava um mês em São Paulo. Nesse mês, eu tava parado. Não era totalmente. Adolescência , aquela coisa. Mas... Eu sempre tava ali por perto. Eu nunca deixei na verdade. Então assim.. Quando eu não tinha oportunidade de treinar com o meu tio, eu treinava com Mestre SOUZA, QUE É o professor que sempre tive mais identificação depois de meu tio dentro da capoeira regional. É o Mestre Sousa, Castanha , no caso. Eu fui e treinei com Castanha sempre. Eu sempre gostei, assim, mas, lógico que na minha cabeça eu sempre fui aluno do meu tio, aquela coisa. Quando ele tava dando aula, eu tava fazendo aula com ele e as vezes, quando ele ia dar aula, ele me levava pr'eu poder dar aula pra ele. Eu era um auxiliar, então eu tive muitos contatos desde pequeno. Eu não poderia tralhar ou dar aula porque ele já me levava. Ele me botava na frente, era eu que

puxava a coisa. Eu fiquei nessa convivência, então mesmo as épocas que eu parei ou??? Aquela coisa e tal.

Cê demora pra formar...

Oficialmente, na verdade, eu já era pra ter formado muito tempo, mas agente não pode se queixar...

Claro!

...Das coisa que aconteceu.

Cê formou oficialmente quando?

Dia 26 de janeiro de 90..PÔ agora...Eu esqueci. 90 e? Tem o que? Tem 2 anos? 2006!

É no mesmo ano da minha formatura.

É. Eu me formei num sábado. Depois de uma semana, duas semanas...

Não. Na verdade a minha formatura é perto do seu aniversário.

Ah! É em novembro?

A minha foi... Quando é o seu aniversário?

O meu é dia 19/11.

Dia 18...Cê forma em janeiro, eu formo em novembro.

E aí? Você trabalha com capoeira hoje em dia?

Hoje eu trabalho com capoeira.

Cê dá aula?

Eu dou aula e ao mesmo tempo...Lá na França. Eu dou aula pra criança e dou minhas aulas pros adultos. É percussão. Eu continuo dando aula de percussão, trabalho num teatro. Sempre foi minha área na verdade, né? Essa área artística. Desde pequeno...Trabalho com teatro lá também e, agora, to, tipo assim, quando eu voltar, a minha intenção é fazer aula de dança dos orixás. É trabalhar com isso, né? Tô tentando montar um espetáculo com uns amigos franceses, com um cubano. E eu com o candomblé do Brasil. Então a gente vai, fazer uma mistura. De Cuba ao Brasil. A gente vai misturar as duas religiões.

Cê começou a trabalhar mesmo com capoeira quando?

Bom, quando. Que eu me lembre mesmo, que eu me lembre. Que eu comecei mesmo a trabalhar com capoeira, rapaz, não sei se eu tinha entre 11 anos a 12 anos ...

Hoje em dia ce tem quantos?

Eu tenho 31. Assim, eu comecei a dar aula, como eu falei pra voc~e, eu sempre dei aula com menos idade, mas com auxílio do Mestre Nenel. Como no Liceu de artes e ofícios, aqui do Pelourinho, no Comércio, quando eu fui dar aula pra galera do teatro do Olodum , era eu.

Oficilmente mesmo, sozinho, sozinho, sozinho, eu...

Criança ainda.

Criança na verdade, é.Criancinha.Eu já dava aula na verdade.Já tinha noção, na verdade.Um cara que tinha noção, um pivete que tinha noção. O Mestre me instruía no que eu tinha que fazer e eu fazia. Num ficava preocupado, mas tava limpo.

Não tinha nem intenção, né? Era natural.

É

Quais as oportunidades que a capoeira te proporcionou e te proporciona?

Ah! Pra mim, me proporcionou muitas coisas.Abriu as portas, por exemplo, pr'eu entrar no teatro, por exemplo.Eu entrei no Olodum, através da capoeira regional. Eu fui dar aula pra eles, aí o diretor, o Márcio Meirelles, gostou do meu jeito, da forma d'eu dar aula, de me expressar, de lidar com as pessoas e, no caso, me convidou. Então, assim, fui fazer teatro e eu fiz filme e várias oportunidades também de convite pra ir pra fora, aquela coisa, mesmo sem ta formado. Nem pensava em querer me formar na verdade, né? Aquela coisa da consciência d'eu ser 'sobrinho' do Mestre Bimba e...Que pesa nas costas, todo mundo te cobrar e...Pra mim, eu não tava aí presse negócio, não.Na verdade, nunca dei a mínima pra isso. O que me fez mudar, na verdade, foi minha filha, foi o nascimento da minha filha.Que eu não era formado.

Logo depois, ce formou, né?

Logo depois!

Te deu esse toque!

É...

E você gosta de conviver, freqüentar outros espaços de capoeira?

Bom, aqui eu fazia, aqui em Salvador, eu fazia com as pessoas que eu conhecia.Quando eu tinha um contato, com um professor, ou outro...Ou algum aluno que era de algum grupo que...Eu me sentia bem. Eu sempre, na verdade, eu sempre fui. Eu nunca tive isso. Mesmo, porque o Mestre, uma época, ele proibiu isso, né?Ninguém podia ir num outro grupo sem a permissão dele. Então, eu sempre fui escondido, npe/ Lógico, eu sempre fui taxado a ovelha da família, então...Não ligava pra isso mesmo. Eu ia mesmo.Ele gostando ou não, eu ia.Porque, na verdade, isso é algo que eu nunca tive medo, não dizendo que eu sou o capoeirista excepcional, mas eu nunca tive esse medo de não me deixarem eu ir numa academia de uma pessoa que eu não conhecesse ou...Eu sempre fui. Escondido.Pra mim, eu gosto.

Você gosta?

Eu gosto, sim. Vc se sente bem, quando é um grupo,por exemplo, aqui em Salvador, eu gosto de ir no Mandinga, por exemplo,Que é um grupo que eu lá me sinto bem, tipo...o...Eu gosto de ir no grupo...Serra da Malta!

Malta da Serra! RISOS É um grupo massa!

Então, assim, eu gosto de estar no meio dessa galera.Tem alguns grupos que já não...

E os seus alunos? Você vai incentivar eles de fazer isso?Se eles querem conhecer outros lugares?

Eu incentivo, de uma certa forma. Se eu ver. Quando o aluno ele já tem, um bom tempo comigo, já é um pouco velho...Consciente. Entende um pouco, eu falo pra ele, eu digo "Cê vai, mas ce não pode se expor e nem querer também ir pra...Se testar! Você vai pra

brincar! Se sentir a vontade, se você ver que tem alguma coisa que tá lhe chateando, ou tem alguém querendo fazer alguma coisa, o capoeirista tem que, também, saber a hora de parar e de continuar, né? Depende dos alunos. Isso vai de pessoa. Muito relativo isso, viu?!

Hum hum

Esse movimento de expansão de capoeira, que que é ele pra você? A capoeira se espalhando...

Você viu isso acontecer, você.. Que que você pensa desse movimento de expansão da capoeira que se fala por aí??

Bom, eu, pra mim, entre aspas pensa muito em..... É um negócio meio complicado. Tipo assim: eu gosto disso ter acontecido porque... Isso valoriza a nossa cultura. Na verdade, o que me deixa triste é saber que tem pessoas que tem cultura forte lá fora, e que não liga pra isso, não dá a mínima pra isso. E eles inventam algo e sei lá... São muito comodistas/comunistas, na verdade. Pensa mais nessa coisa, vê mais com essa visão. Quer ver a academia cheia, um bocado de aluno, aquela coisa e tal, mas as vezes, não tem o conteúdo, não tem um pouco daquela química, daquela magia que tem aqui, um pouco, sabe? Em Salvador... Não porque eles não tem, é porque quem leva daqui pra lá, não consegue dá pra eles o suficiente pr' eles entendê isso, sabe? Então, sei lá. Pra mim é um pouco complicado falar em relação a isso, porque eu também to lá fora, trabalho com isso, vivo disso, mas é o que eu tento, eu no caso, Bira Saci, falo com meus alunos: "O mais importante de hoje eu tá aqui na frente de vocês dando aula, é resgatar a minha cultura, a metodologia da capoeira do Mestre Bimba, mas que vocês venham entender realmente a capoeira, sabe, entender a energia, o motivo do porque vocês tão fazendo a capoeira do Mestre Bimba. Tipo, eu quero que eles entendam o porque, sabe que ele sintá algo. Eu tento passar isso assim, forte pra ele, sabe?! Como é que ele faz aqui, eu faço lá. Meus alunos... Não tem esse negócio porque eu to lá fora, eu não dou rasteira. Meus alunos eu dou rasteira! Eu falo duro, eu brigo, eu boto de castigo... Adulto, criança, não tem esse negócio não. Porque isso faz parte da metodologia da capoeira. Que é... Não dizendo que outras capoeiras não tenham a metodologia, todas capoeiras tem a sua metodologia. Eu respeito. Só que... Tem diferença, né, pra tudo! Isso vai também de professor. A forma do professor lidar com seus alunos. A forma do que ele pensa e do que ele quer amanhã ou depois. Se ele quer só ter um grupo... Sei lá... 50 aluno! Academia cheia. Aparecer, não sei quê. Bam bam bam... Ou se ele realmente quer, sei lá, uns 15 20 alunos que jogue capoeira, que amanhã ou depois, ele saiba que esses dois, três alunos vai levar a capoeira que ele ensinou pra outra pessoa, pra alguém longe. Que vai passar na verdade. Porque o pior de tudo isso, é você ter um monte de aluno, os aluno faz e acontece e... Daqui há dois, três anos, o aluno que fez com você, não faz capoeira, não sabe... Tipo não se envolve, não se envolveu. Tipo não pegou, quase nada. Como acontece hoje... Tem aluno até de Mestre Bimba que ce vê, não faz nada. É, sei lá, advogado, é não sei o que... Não tem tempo pra... Então, eu acho, pena. Você perder isso. Pelo menos dois, três alunos você tem resgatar pra poder levar o seu trabalho adiante. Isso que tá perdendo. Porque os Europeu não tem ainda essa capacidade ainda de, de absorver realmente uma capoeira, de leva isso adiante. Tipo eu, particularmente não vi nenhum Europeu, não importa o que seja, realmente com a capoeira qualificada e que vá segurar... Sei lá...

Lilu: Pois é. Você acha que um Europeu, um Americano, um... seja lá o que for, vai ter capacidade de jogar uma capoeira como um brasileiro, um bom capoeirista

brasileiro? Vc acha que...Pode não ser agora, mas vc acha que ele vai chegar nesse pé?

Bira: Rapaz...Eu acho. Eu acho que você não pode subestimar o ser humano, velho. Eu acho que se subestimar o ser humano, eu acho que aí que...realmente você toma a rasteira. Eu acho que isso, que não importa o chinês, francês, holandês, se uma pessoa. Ele tem a capacidade de suprir as coisas que a gente passa, com relação a capoeira, os movimento, tudo, eu acho que, sim, eu acredito que vai ter um estrangeiro bom mesmo de capoeira, que vai fazer tudo certinho. Possa ser que demore, mas, eu não descarto, não, eu. Não descarto... Eu ficaria contente, por sinal de ter um...Eu tenho, por exemplo, um aluno que ele é descendente de japonês e... Ele é um cara super sério assim, sei lá...Eu ficaria feliz, de amanhã ou depois, d'eu ter um aluno formado, sabendo que ele é estrangeiro e eu sei que...Ele chega aqui em Salvador ele vai entrar em qualquer roda, vai jogar e fazer bonito, sabe, em roda?!

Lilu: E ele vai tocar o berimbau e vai cantar?

Bira: Bom, isso, isso...[risos] É a dificuldade deles, na verdade. Pra mim já é outra 'particularidade', né? Com relação a ritmos e toques eu acho que não é todo Europeu ou pessoas que moram lá fora que tem isso. Por exemplo, os franceses, eles são ruim pra pegar ritmo e tocar e já o chinês, ele pra tocar, ele toca rápido, mas pra cantar...Quer dizer, cada um tem algo de bom, ou algo de ruim, né? A questão é você achar um com todas qualidades. Isso é que é difícil. Sei lá, possa ser que demore, um Europeu que cante, que jogue, que toque, mas pra mim, vai surgir. Não sei como, mas vai surgir. Sei lá.

Lilu: É...Tem gente que fica fora desse movimento de expansão da capoeira? Quem participa disso e quem não participa? Tem um segredo pra cair na...Enfim, pra viajar, pra entrar no canal!

Bira: Pra ir, pra assim, vc fala, pra poder ser descoberto?

Bira: [Risos] Bom, eu acho pra mim que a capoeira vive. Eu sempre tive o exemplo do Mestre Nene jogando. Aquela coisa, eu sempre vi sempre o meu tio jogar. Então, na época que eu aprendi, que eu via meu tio jogar, naquela época era Alumínio, era Coca Cola, era Grossá. Tipo é uma galera...

Lilu: Os caras de Amaralina?

Bira: Tipo ali da Amaralina, meio do Areal ali, era uns caras que jogava muito, muito assim, que cada um tinha um estilo. Cê via os caras jogando, pô...Até na ginga dos caras ce via que era bonita, aquela coisa assim...A forma da ginga do cara tipo, me chamava atenção. Então, assim, eu na verdade, sempre fui um capoeirista...Como é que eu posso dizer a você, pra você assim, entender um pouco?? Sabe Assim Ronaldinho Gaúcho quando ele olha p'rum lado e toca pro outro? Sei lá, as vezes eu me sinto assim jogando capoeira, tá ligado? Eu acho que eu tenho um pouco desse samba, samba junto com a capoeira, ao mesmo tempo assim. Eu gosto de dar drible, de dar finta, sabe? Fazer um jogo bonito, sabe? Ter estilo. Pra jogar. E quando você junta isso: estilo, técnica e você sabe o que você tá fazendo, eu acho que você se completa, né? Se acha dentro da roda de capoeira. E pras pessoas que tá olhando, sabe, quem tá de fora, vê muito mais que quem tá de dentro. Uma pessoa que já tem um pouco noção do que é capoeira, que v~e

uma pessoa se movimentando, fazendo um jogo bonito, sabe, alegre, um jogo descontraído, eu acho que isso é que chama atenção das pessoas, que faz a pessoa chegar até voce e falar:”você é bom pra porra, num sei o quê!” E as vezes, até não é. Você tá numa fase boa,num momento bom, que a pessoa tá lhe olhando que faz um elogio pra você. Sei lá...Sabe, eu sempre peguei um pouco do meu tio, um pouco dessa galera na minha época e juntei um pouco com meu estilo, né? Que eu sempre fui taxado também como maluco...Então, aquela coisa, pelo fato de eu se um maluco, as pessoas nunca deu muito a bola pra mim, aquela coisa. “ AH! É maluco aquela coisa”...

Lilu: É bom, mas é maluco.

Bira: É. É bom, mas é maluco, quer dizer, as pessoas sabem que o maluco é bom, mas não valoriza o maluco. Sabe, não dá uma moral ao maluco e que merece, porque ele é maluco...Então, hoje em dia, sei lá...Eu sou formado. Hoje em dia, as próprias pessoas que me julgavam como maluco, hoje em dia, falam comigo de uma forma totalmente diferente. Tipo assim...Sentem até saudade.Né? Quer dizer, muitas coisas que eu não ouvia, antigamente, pela forma d’eu ser maluco e pr eu não ‘me achar’, porque tem muitas coisas que as pessoas omite de te elogiar pra vc não se achar, pro seu ego não subir, né? Na verdade eu sempre coisa das vezes, o que eu fazia de bom, ou o que eu fazia bem.Eu sabia que tava fazendo bem, quando eu tava bem, eu sabia que eu tava fazendo bem, e quando eu tava ruim, eu sabia que eu tava ruim. Quer dizer...

Lilu: Nunca dependeu disso.

Bira: Nunca dependi disso, na verdade, só que hoje as pessoas tão valorizando aquilo, que eu sempre tive, na verdade. Então, pra mim, de certa forma, ficou um rastro bem...Né, porque muita gente pensou que eu não ia nem formar...Ser o que eu sou hoje e eu consegui, né? E essas pessoas, hoje em dia, são as que mais me apóia, pelo fato de eu não ser mais da Filhos de Bimba, de ter montado meu grupo, de ter, de eu ser da família, mas isso não mudou nada. Continuo o mesmo Bira Saci de sempre...

Lilu: O nome do seu grupo, ficou qual??

Bira: O nome do meu grupo ficou...Capoeira Regional.Não! Centro de Capoeira Regional A bença, vô.

Lilu: AH! Ficou A bença vô mesmo. Que bom! Gosto muito!

Bira: Tipo um respeito, né? Pedindo...

Lilu: É, muito bonito! Eu gosto muito desse nome!

Bira: A bença, vô. É. Ficou massa, né? Ficou legalzinho. Eu acho que eu tenho até aqui um conjunto...Xô vê...[procura a camisa]

Lilu:

E quais são os lugares que atraem, assim, os capoeiristas? Deixa eu ver. Ai que massa. O vozão aqui no meio!

Bira: Mesmo com o fato de não ser Filhos de Bimba, mas a capoeira é a mesma. Ficou gostoso, né? Levinho...Não é uma coisa , bem, agressiva, tipo assim,ao sei se vc sabe, aquela estrela que tem na Filhos de Bimba, por exemplo, foi banida da Europa. É proibida, não pode.

Lilu: É, por causa da questão de religião ... Aquela coisa de Israel.

Bira: De Israel!Não sei que, aquelas merdas todas.Bom, foi banida, então isso já, também abriu minha mente, pr'eu já bolar o escudo dessa forma.

Lilu: Sim. Tá o berimbau e seu avô.

Bira: O berimbau e meu avô, na verdade.

Lilu: É e os estrangeiros devem pirar com esse nome, assim.Pra aprendê...

Bira: Pira!!Eles adoram.

Lilu: Com certeza. Então...Mas que lugares são esses que os capoeiristas querem ir?

Bira: Que lugares que os capoeiristas querem ir...Sempre que eles vêm um samba de roda, mesmo que não seja tendo uma capoeira, eu acho que se tem menina sambando, não importa, ele fica ali.Eu acho que o candomblé chama muita atenção dos capoeiristas. Eu acho que tudo que se faz numa roda, chama atenção dos capoeiristas, né? Chama atenção...

**Lilu:
E lá pra fora? Tem lugares preferidos?**

Bira: Rapaz, por exemplo, eu que to lá fora, pra mim um dos lugares legal pra vc fazer uma roda é em parque, assim....Num fim de semana que tem muita gente, que você pode mostrar um pouco do seu trabalho, que a galera pode ver, aquela coisa.... Sei lá. Isso é um pouco, muito relativo , porque no caso, eu não sou um cara tão...Aberto pra esse tipo de coisa pra jogar aqui, ali, u não gosto desse tipo de coisa de ficar jogando na rua, não,sabe?A não ser quando seja mesmo pra fazer uma apresentação...Que seja pra divulgar o meu trabalho,mas fazer uma roa por fazer... Isso já não é do meu feitio. É uma coisa que eu não gosto.

**Lilu:
E pra terminar,você tem uma cantiga favorita?
Podia cantar pra gente?
Que que é que vem na sua cabeça assim, qual é a música que te...**

Bira: Depende.Favorita que ce fala de Mestre Bimba, ou favorita minha??

**Lilu:
De capoeira. Favorita de capoeira.**

Bira:PÔ...

Lilu: Ou a favorita do momento.

Bira: Eu gosto da minha, que eu fiz e gosto da do Bimba também. A do Bimba, eu gosto da tradicional, todo mundo conhece: 'oi sim sim sim oi não não não'
Eu gosto dessa e particularmente, da minha que eu fiz, no caso.

Lilu:**Qual que é, Bira??**

Bira: Porque na verdade, assim aconteceu uma história d'eu ter que embora, assim e minha mãe, no caso o apelido de capoeira da minha mãe chama Rosa Rubre. Então, eu fiz uma capoeira, uma música que era na época pra entrar no Festival que teve da gravação do cd da Filhos de Bimba, que era pra entrar, por sinal e não entrou por que ela era muito grande. No caso, é meu estilo d musica, um pouco ladainha que é totalmente uma coisa banida dentro da capoeira regional, né voc~e sabe. Mas é um estilo. Meu, assim. Sei lá, eu gosto de cantar muito com emoção , aquela coisa...Então eu fiz:

“24 de dezembro,
Rosa Rubre me levou,
Eta, que Ovelha negra!
Eu não guardo o rancor.
Meia noite na estrada,
meu pai Ogum me falou
Ê filho , caia no mundo,
É com você que eu vou.
Passa tempo,
Tempo passa,
Com Deus vou falar:
Por favor, ajude o nego,
Ê que nem sabe rezar.
A bença, vô,
Abença vô
Mas você se foi
Dona Alice chorou.
A bença vô,
Abença vô,
Mas você se foi
Seu Saci brotou

Lilu: Ah! Então d'aí surgiu o abença vô!

Bira: D'aí surgiu o Abença vô. Quando eu fiz essa música aí, eu tinha entre 21 anos Foi logo depois que eu me queimei, que eu tava indo pra São Paulo. Pra tocar numa banda em São Paulo, d'aí, no caminho, assim, quando eu entrei no ônibus. Foi uma coisa que marcou muito assim...

Lilu: Bonito!

Bira: Até a galera da academia, que , por sinal, até teve um protestozinho porque essa música não entrou. A galera gosta, na verdade, os professores...

Lilu: Ela é bonita mesmo.

Bira: Né? Eu tenho composições minhas que não canto, na verdade, que eu fiz pro meu primo que morreu, na época do acidente, coisa e tal. Mas vão lá. É a música que eu gosto

Lilu: Bom , Bira , brigada. Era isso que eu precisava. Valeu demais.

Anexo H – carta originária do título do trabalho

MALAMBAS *DE ÁFRICA

Por João Menezes:

João Menezes trabalha como Gerente de Recursos Humanos, na Vale do Rio Doce. Ele está na África, implantando novos negócios de mineração em Moçambique e resolveu registrar as suas impressões, junto com a mulher dele, sobre o que ele está vivendo lá.

(* EXPRESSÃO DE ORIGEM M'BUNDO QUE SIGNIFICA PALAVRAS OU CONVERSAS)

Depois de 8 horas de vôo, de São Paulo a Johannesburgo (capital da África do Sul e sede da próxima copa do mundo), com mais 1 hora até Maputo e mais 1 hora e 30 minutos pela LAM- Linhas Aéreas Moçambicanas, isso tudo sem computar as 3 horas de São Luís até São Paulo, eis que me encontro na província de Tete, um fuso de 5 horas a mais e distante 1.670km da capital de Moçambique-Maputo, deparo-me com inúmeros países dentro de um único território, nada muito diferente de nosso Brasil, de tantas diferenças e contrastes, mas veja bem o nosso tamanho e o tamanho de Moçambique, no entanto cabem as mais diversas leituras nesse lugar em que procuro a cada dia manter a curiosidade aguçada, o olhar gentil e o acordar diário de meus sentidos para apreciar e apreender tudo o que se me oferece de novo.

O que leio me dá referência, porém nada comparável a andar pela rua e me misturar com essa gente tão diferente em seu vestir, falar, se comportar; misturar é meio força de expressão, pois nossos “tipos” estrangeiros saltam aos olhos e é difícil não ser objeto de olhares desconfiados e da curiosidade desses homens e mulheres, nada que se possa chamar de hostil, somente diferente e com nenhum peso de preconceito, são ao contrário, sempre educados e solícitos em seu sotaque português entremeado das mais ininteligíveis expressões que compõem o mosaico dos dialetos locais, a me passarem informações de lugares, ruas e de onde fica determinado lugar para onde eu queira ou precise me deslocar.

Moçambique é realmente muito grande, dentro dele cabem mais de 25 línguas distintas, desde 1975 quando o país ficou independente, o português, língua tomada emprestada

do elemento colonizador é a língua oficial do País, há 30 anos atrás quase nenhum moçambicano tinha o português como língua materna, e hoje mais de 12% o tem como primeiro idioma, sendo que a grande maioria fala e entende, são informações conseguidas através do escritor Mia Couto, um biólogo poeta, ou seria o contrário?

Mia Couto é um dos mais conhecidos e premiados escritores moçambicanos, uma rara sensibilidade e um texto invejável, é na mão gentil e apaixonada dele que tenho segurado e feito muitas viagens pelos saberes dessa terra mágica, é ele quem me ensina e diz: “nessas regiões encontro gente que não sabe ler livros. Mas que sabe ler seu mundo. Nesse universo de outros saberes, sou eu o analfabeto. Não sei ler sinais da terra, das árvores, dos bichos. Não sei ler nuvens, nem o prenúncio das chuvas. Não sei falar com os mortos, perdi o contacto com os antepassados que nos concedem o sentido da eternidade. Nessas visitas que faço a savana, vou aprendendo sensibilidades que me ajudam a sair de mim e a afastar-me das minhas certezas. Nesse território, eu não tenho apenas sonhos. Eu sou sonhável. “

Eu sigo, sonhando junto...

MALAMBAS* DE ÁFRICA 3

*EXPRESSÃO DE ORIGEM M'BUNDO QUE SIGNIFICA PALAVRAS OU CONVERSAS

É impossível ir as ruas de Moçambique, olhar ao redor e não lembrar das aulas de história e seu capítulo sobre a escravidão, afinal estou no meio dos protagonistas desse capítulo, que até hoje nos enche de vergonha.

Olho para essa gente a quem devemos muito de nossa cultura e relembro números e histórias de arrepiar, tento imaginar o terror de ser capturado em sua terra e levado para além mar como mercadoria, sem sequer saber se iria sobreviver a tantas provações e sofrimentos.

Começo a lembrar que entre os séculos XVI e XIX, cerca de 10 milhões de escravos africanos foram vendidos para as Américas, desse total, 40%, algo entre 3,6 a 4 milhões

de cativos foram para nosso Brasil. Desse enorme contingente, 80% eram oriundos de Moçambique, Angola ou Congo.

Mesmo sendo o negócio mais lucrativo da época, cada escravo chegava a valer 4 vezes o valor inicial pago, a taxa de mortalidade era altíssima, 40% morriam entre a captura no interior e a chegada aos navios negreiros, outros 15% morriam na travessia devidos as péssimas condições em que eram transportados, sem comida ou água suficiente, entulhados e sujeitos a toda sorte de doenças, um navio levava entre 33 a 44 dias, quando vinha pelo atlântico, no entanto quando a viagem iniciava em Moçambique, situada no oceano índico, a chamada África Austral, esse tempo de viagem chegava a 76 dias, sem falar que ao aportar no Brasil, no porto do Rio de Janeiro, o que mais recebeu escravos, seguido de perto por Salvador (BA) e São Luis (MA), outros 10 a 12% morriam nos depósitos de gente, onde ficavam aguardando seus compradores, e serem levados para plantações de cana, café, engenhos e garimpos da época do Brasil Colonial e escravagista.

Em resumo, de cada 100 negros, apenas 45 chegavam vivos ao destino final, portanto dos 10 milhões de escravos vendidos nas Américas, quase outro tanto morreu, portanto registra-se nesses números escandalosos um dos maiores genocídios da humanidade, e muitos de nós tem apenas referencia do extermínio judeu, o que não minimiza o crime de um de outro.

Esses dados e números constam do livro 1808, de autoria de Laurentino Gomes, que narra a fuga da família real portuguesa para o Brasil ante a ameaça de Napoleão, senhor das guerra e imperador vitorioso da França, nessa viagem o monarca veio acompanhado de 15 mil pessoas, entre familiares, nobres, padres, militares, etc. Mas isso é outra historia e cabe ler o livro para entender as raízes de parte de nossa gente ter e manter uma forte tendência a corrupção a o roubo...

Anexo I – Projeto para arrecadar doações para manutenção do projeto Capoeê da Filhos de Bimba Escola por Lang/Estrelinha.

Projeto apoio a escola de capoeira brasileira: Lang/Toronto

Toronto Capoeê Project Launched!

By Carlie Howell (Música)

Hey Filhos de Bimba Family and Friends!

We're excited to announce that this month we launched the Capoeê project in Salvador. With everyone's contributions to this point, Mestre NeneI has opened a new program for 35 kids and will be able to keep it running for 4 months! To keep the program running at this level requires 600 Brazilian Reals, or \$300 Canadian per month. What's most important is that we maintain CONSISTENT support, as even one month without these funds means they have to discontinue the program.

In Brasil, this money is nearly impossible to find, and on a individual basis here, it's also a lot of money.

BUT, if we consider that for 10 people, that's only \$30/month, it becomes a bit more feasible. AND, if you think about dividing that again between 3-6 people, it's only \$5-10 per month. Anybody who has been to Starbucks lately knows that this is nearly the going rate of coffee and muffin these days!

SO, this is what we're proposing:

That people would commit to contributing \$30/month...it's easier than you think!

Ask 6 friends or family members to give \$5/month (it doesn't have to be the same 6 friends every month!)

Ask one friend or family member to give a one time \$30 donation

Set up a donation box / list at your work place

For those performers out there:

pass a tip jar at one of your shows that's specifically for Capoeê

Make your own piggy bank to collect all that spare change in your pockets (it adds up!)

Have a yard sale!

Have a bake sale!

Have a "Dine In(stead) of Out"

Potluck and ask everyone to bring

their favorite dish AND a contribution for the fund! Or come up with your own money making schemes! The point is that each person commits to \$30 every month, where it comes from is up to you.

By starting out with this consistent but manageable goal, we hope to keep the current project alive, and continue to expand our fundraising efforts here so that the project can grow there!

THANKS IN ADVANCE!
MUITO OBRIGADA!

Anexo J –Carta de Mestre Olavo para obtenção de recursos para evento em sua comunidade.

Atenção!

Moradores e amigos da Santa Mônica, principalmente da Rua Lívia Maia. Pretendo fazer mais um dia de diversões e muita alegria para todos nós. Quero fazer brincadeiras inéditas, nunca vista por vocês. Samba de Roda do recôncavo, Maculelê, Pelé do Túnel, palhaços e outras atrações. Será uma tarde bem diferente.

Mas para a realização deste evento é preciso a colaboração de todos, porque tem o custo do transporte, porque tem o custo do transporte, hospedagem e cachê dos artistas. Ainda não temos a data marcada. Primeiro iremos arrecadar as doações para depois estipularmos uma data.

Este folheto é para quem for colaborar, entregar junto com a doação em dinheiro, além de um quilo de alimento não perecível que cada participante deve trazer para ser distribuído com algumas famílias do bairro. Vamos fazer o bem sem olhar a quem.

Falem com seus amigos! Vamos colaborar!

Muito obrigado,

Mestre Olavo

TEL: 9189-9205 / 8714-4527

Anexo L – Manifesto de 38 capoeiristas contemplados com Prêmio Capoeira Viva 2007, insatisfeitos com sua gestão pela Fundação Gregório de Mattos.

À comunidade de capoeira e conhecedores do edital Capoeira Viva 2007,

Quando o Governo Federal lançou, em 2006, essa política pública dando visibilidade à capoeira e aos que com ela trabalham, deixou essa comunidade muito feliz. A princípio desconfiados, os capoeiristas foram, aos poucos, sendo convencidos de que a proposta no formato em que se apresentava havia sido elaborada cuidadosamente para que o capoeirista ‘mais humilde’ pudesse ter acesso a ela (ainda que este precisasse de auxílio para preenchimento da ficha de inscrição, pois o capoeirista geralmente se expressa muito melhor pela oralidade).

A capoeira é formada por todo tipo de pessoa, mas aqueles que fazem dela sua vida, seu cotidiano, seu ‘ganha-pão’ (até por falta de oportunidade de outro tipo de trabalho digno) são/têm sido, atualmente, os responsáveis pela sua resistência que durante séculos sofreu descaso e perseguição por esse mesmo poder público que agora, reconhecendo sua relevância cultural, formulou um edital como esse. Não teria sentido o Capoeira Viva não ‘falar essa língua’, não oportunizar acesso a todos.

Enfim, sua primeira edição demonstrou que ‘agora’ as oportunidades para a capoeira seriam realmente respaldadas pelo Governo em suas três esferas (municipal, estadual e federal). Os que participaram da sua primeira edição se mostraram satisfeitos, embora a divulgação dos resultados destes projetos tenha deixado a desejar. A grande comunidade da capoeira ficou sem conhecer oficialmente o que foi produzido no Capoeira Viva de 2006...

Em 2007, um novo edital foi formulado, com uma maior divulgação e houve uma troca da instituição gestora do edital. A Fundação Gregório de Mattos (FGM) passou a ser responsável pelo acompanhamento dos projetos. O Capoeira Viva, em realidade, é o Prêmio Capoeira Viva. Seus ganhadores são considerados contemplados. 122 projetos, divididos em 4 categorias, foram, então, contemplados(!).

A partir da divulgação do resultado do edital em 04/04/2008, em cerimônia realizada na Câmara Municipal de Salvador, tudo que ocorreu depois, foi uma sucessão de fatos que, ao contrário de facilitar a vida e o trabalho dos ganhadores, só os complicou bastante: O prêmio foi dividido em 2 parcelas e após uma série de procedimentos burocráticos que os contemplados (repetimos: a maioria, capoeiristas inexperientes, pessoas ‘humildes’ que possuem grande dificuldade de lidar com as exigências que foram feitas e que não constavam com clareza no edital!) tiveram que resolver, a 1ª parcela foi paga somente em setembro (sendo que havia uma observação no edital que o contemplado que não apresentasse sua documentação após 30 dias, perderia direito ao prêmio...Mas a 1ª parcela do prêmio só foi paga 150 dias depois) ; A segunda parcela, que deveria ter sido paga em janeiro (4 meses depois do início dos projetos) não ocorreu. Em janeiro, a FGM começou a enviar emails aos contemplados para que reenviassem parte da documentação. O motivo nunca foi bem entendido pela maioria dos contemplados que, repetimos novamente, não possuem nenhum conhecimento dos trâmites burocráticos e nem possuem familiaridade com esse tipo de linguagem (linguagem esta bastante diferente do que apresentava o regulamento e a

ficha de inscrição do edital, bastante diferente do que essa política parecia propor). Gastos não previstos passaram a ser necessários, como recibos de ISS e de INSS, além de gasto com correio, transporte e etc;

Após o que os contemplados consideraram uma ‘maratona burocrática’, ainda assim a 2ª parcela não foi paga, com a exceção de 10 projetos que receberam tal parcela. Apenas agora, início de abril, o repasse está sendo liberado. A FGM apresentou uma péssima comunicação e o pessoal responsável pelo departamento do Capoeira Viva esteve bastante despreparado e pouco acessível para com os que tentaram algum tipo de esclarecimento.

Foi proposto à FGM a promoção reuniões (por regiões) com os contemplados, para que eles pudessem ouvir as necessidades destes, esclarecer dúvidas e discutir com eles rumos e soluções para essa situação. Em meados de março, nos enviaram um documento oficial que não realmente explicava sobre a efetuação do pagamento, já com 3 meses de atraso. Lembramos que nem todos os contemplados acessam seus emails, o público que esse edital procurou atingir, é um público que (em sua maioria) se sente pouco à vontade com esse tipo de tecnologia

Enfim, escrevemos esse manifesto para registro de uma grande insatisfação da comunidade que assina este documento. Apesar do repasse ter começado a ser efetuado, a comunicação com os contemplados deixou a desejar. O que chamou a atenção do poder público em relação à capoeira, além da sua história e cotidiano de resistência, foi exatamente a rede informal pela qual a capoeira se espalhou pelo mundo. É comum o apoio de um grupo de capoeira a outro ou de um capoeirista ao outro, por meio de combinações informais, que passaram e passam longe de cartório e outras instituições burocráticas. Isso funciona há décadas. Essa rede auxilia capoeiristas jovens e velhos. O ex ministro Gilberto Gil, chegou a comentar que o capoeirista se colocou na sociedade sem ajuda de ninguém... Ninguém nesse caso, reforço, significa órgãos do poder público.

Se há um interesse do Governo em apoiar essa arte tombada como Patrimônio Imaterial Nacional há menos de um ano, este precisa (re)conhecer os mecanismos desta grande rede informal, a sua linguagem, a sua realidade e, o mais importante, as suas reais necessidades. Ao menos uma equipe preparada para dialogar com essa comunidade precisa intermediar esse tipo de política. A seleção dessa equipe deveria ser feita de forma muito séria e estabelecida a partir das bases acima citadas.

Expressamos nosso descontentamento em relação ao Capoeira Viva 2007 e sua instituição gestora. Durante este longo período de entraves burocráticos, foi muito difícil nos sentirmos ‘contemplados’ e gostaríamos que uma forma de diálogo real e claro, não virtual e cheio de termos que não compreendemos pudesse ser estabelecido entre essa comunidade e os responsáveis pela elaboração, gestão e liberação deste tipo de política pública.

Em anexo, enviamos uma série de emails trocados entre alguns ‘contemplados’ sobre a desconfortante situação em que se encontraram (os erros de português de alguns depoimentos serão mantidos, para que fique bem expresso o público com que essa política pública pretende lidar!), ao passo que reforçaram a rede informal por meio da qual a capoeira se sustentou/ se sustenta durante décadas.

Atenciosamente,

1. Maria Luisa Pimenta Neves (Projeto sócio educativo 36374 Capoeira é Nossa cor: O berimbau e o caxixi)- Lauro de Freitas/BA;
2. Gilson Fernandes (Projeto de Mídia 36726 Teatro do Lua Salvador e Projeto sócio educativo 36739 Meninos da Ilha de Mar Grande)- Ilha de Vera Cruz/BA
3. André Chaves Santos (Projeto de mídia 36613 Gigante- o berimbauman)- Salvador/BA;
4. Elza Maria Montal de Abreu (Projeto de mídia 36756 Besouro zum zum zum)- Salvador/BA;
5. Evangivaldo Palma Azevedo Filho (Projeto sócio educativo 36816 Capoeira- Resistência, Tradição e Preservação)- Ilha de Vera Cruz/BA;
6. Augusto de Sousa (Projeto sócio educativo 36586 Capoeiragem Mirim: é do pequeno que se faz o grande)- Belo Horizonte/MG;
7. Geusa Roberta Pinto (Projeto sócio educativo 36275 Ginga brasileira- Coquinho Baiano)- Campinas/SP;
8. Reinaldo Ferreira Lima (Projeto sócio educativo 36315 Gingando no Itapoã)- Sobradinho/DF.
9. Gisele Figueira(Projeto sócio educativo 37288 Movimento Capoeira Mulher)- Belém/PA
10. Lindomar Dantas da Silva (Projeto sócio educativo 36817 Capoeiranga)- Aparecida/PB
11. Valdemiro Pereira Filho (Projeto sócio educativo 36487 Capoeirando com as crianças e adolescentes)- Florianópolis/SC
12. Jaime Martins dos Santos (Projeto sócio educativo 36525 Capoeira Angola, Roda Mundo em jogo de Rodas Vivas: Ancestralidade, Educação e Cultura)- Salvador/BA
13. José Maria Medeiros das Neves (Projeto sócio educativo 36208 Educando na capoeira)- Pesqueira/PE
14. Severino Claudio de Figueiredo Leite (Projeto sócio educativo 37068 Caa Puera na Terra de Zumbi)- Maceió/AL
15. Gustávio da Silva Pinheiro, Robson Max de Oliveira Souza, Lucia Agostini (Projeto sócio educativo 36343 Quilombo de Angola)- Goiás/GO
16. Lúcia Correia Lima (Projeto de pesquisa e documentação 36862 Mandinga em Manhattan- o livro)- Salvador/BA
17. Marcelo Pertussatti (Projeto sócio educativo 37112 Capoeira e inteligências múltiplas)-Xaxim/SC
18. Mari Travassos (Projeto de Mídia 36034 Jo o Grande, Mestre de Capoeira Angola)- Salvador/BA
19. Flavio Ramos da Silva (Projeto sócio educativo 35946 Afro Brasileiro)- Montes Claros/MG
20. Ana Paula Nunes (Projeto de Mídia 36722 O olhar capoeirista sobre a capoeira)- Rio de Janeiro/RJ
21. Adegmar José da Silva (Projeto de acervo documental 36983 MUSCAP-Museu da Capoeira do Paraná) Colombo-PR
22. Claudio Lemos (Projeto de pesquisa e documentação 36102 Mestre Pastinha - Fragmentos de uma vida) Brasília/DF.
23. Denivan Costa de Lima (Projeto sócio educativo 36560 Potencial Capoeira)- Maceió/AL
24. Josefa Marlene Dantas (Projeto sócio educativo 36757 Capoeira Instrumento de Cidadania) Macaíba/RN

25. Wagner Porto(Projeto de Mídia 36802 Negros de briga em frevos de poeira)- Garanhuns/PE
26. Angela Lühning (Projeto de pesquisa e documentação 36790 Menino quem foi teu mestre: a capoeira nem Salvador nas fotos de Pierre Verger)- Salvador/BA
27. Walter dos Santos Dias (Projeto sócio educativo 35949 Comunidade Capoeira)- Teresina-PI
28. Mário Augusto da Rosa Dutra (Projeto de Mídia 36844 Portal Angoleiros do Sul)- Porto Alegre/RS
29. Rodrigo Bruno Lima (Projeto de acervo documental 37220 Casa Mestre Ananias: Centro Paulistano de Capoeira e Tradições Baianas e Projeto Sócio educativo 36040 Casa Mestre Ananias-Centro Paulistano de Capoeira Tradicional, Convivência e Cidadania)- São Paulo/SP
30. Raimundo Muniz Carvalho (Projeto de Mídia 36823 Punga, Marimba e Pernada)- São Luís/MA
31. Aloísio de Souza Pítton (Projeto sócio educativo 36496 Educando Através do Esporte)- Curitiba/PR
32. Ananda Bermudes Coutinho (Projeto sócio educativo 36877 O Quilombola)- Vitória/ES
33. Marcelo Schitz (Projeto sócio educativo 36610 Capoeira No Bom Pastor II)- Caxias do Sul/RS
34. Eliseu Riscarolli (Projeto sócio educativo 36095 Ginga & Dança Capoeira)- Tocantinópolis/TO
35. Odailton Lopes (Projeto sócio educativo 36750 Capoeirando e Educando)- Osasco/SP
36. Roberto Augusto Amancio Pereira (Projeto de pesquisa e documentação 37308 As Rodas de Rua na Capoeira do Maranhão da Década de 1970)- São Luis/MA
37. Kleber Umbelino Lopes Filho (Projeto sócio educativo 37128 Orquestra de berimbaus ‘Mandigueiros do amanhã)- São Luis/MA
38. Valter Fernandes (Projeto sócio educativo 36737 Projeto Capoeira Cidadã)Rio de Janeiro/RJ

Anexo M – Anotações de campo apresentadas no trabalho

1. Salvador, novembro de 2009

Eu, Júlia (13) e Ana (9), esperando a impressão dos cartazes do Festival de Capoeira Infantil 2009. Luciano tinha viajado para o Rio de Janeiro/Niterói para um evento de capoeira (Mestre Xangô).

Ana, então pergunta:

- Mãe, porque é que você nunca sai e meu pai sempre sai?? (Se referindo a viagens de capoeira)

- Não sei, Ana, vai ver que é por que ele joga bem e eu não...Eu fico aqui fazendo tudo isso (organização para o Festival), escrevendo tudo o que precisa, mas quem o pessoal gosta de ver jogar é ele...

Júlia interfere:

- Vai ver que jogar bem é essencial pra poder viajar!

Ana:

- Acho que não. Acho que é porque o meu pai é contramestre e você é só professora...

Júlia:

- Nada disso, porque quando meu pai era só professor, ele foi até pra Europa!

Eu:

- É. Eu conheço um monte de professora, mulher mesmo, que viaja várias vezes. Acho que eu tenho é que jogar melhor...

Ana:

- Eu não acho!

Eu:

- Obrigada, Aninha! Então quando você crescer, você me convida pra viajar, tá?!

Ana:

- Tá.

Eu:

-Pra onde você vai me chamar pra ir?

Ana:

-Pra Paris. Eu vou morar lá...

RISADAS

2. Salvador, abril de 2006

Eu e Cecília, bebendo água de coco no calçadão em Ondina (2005), numa dessas orientações informais que na verdade, são as mais importantes, onde muitas vezes acontece uma pesquisa de campo inesperada...Como esta, que eu nunca mais esqueci:

Chega um vendedor ambulante oferecendo alguma coisa pra gente, meio bêbado, tonto, vestindo uma camisa de jiu jitsu. Eu pergunto:

- E essa camisa aí, velho?? Jiu jitsu? E a capoeira??

Ele:

- Também. É tudo! Capoeira eu jogo.

Eu:

- Ah, é? E quem é seu mestre??

Ele:

- Meu mestre?? (Bate no peito) Eu mesmo!! Meninos de rua!!

